



ARISTÓTELES BERINO

CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE
E OUTRAS CONVERSAS DA PANDEMIA

 **Pedro & João**
editores

**CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE
E OUTRAS CONVERSAS DA PANDEMIA**



Pedro & João
editores

**CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE
E OUTRAS CONVERSAS DA PANDEMIA**

ARISTÓTELES BERINO

Copyright © Aristóteles Berino

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Aristóteles Berino

Centenário de Paulo Freire e outras conversas da pandemia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 232p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-5869-583-7 [Impresso]
978-65-5869-584-4 [Digital]

1. Centenário de Paulo Freire. 2. Conversas e diálogos. 3. Memórias, autorias e narrativas de pesquisa. 4. Pesquisa em Educação. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Arte da capa: Luciana D. Neves

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Talita Cabral

Diagramação: Diany Akiko Lee

Coedição: PPGEduc/UFRRJ

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFS-Car/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Para Bernardo e Caio Graco

Sumário

Prefácio	9
<i>Edméa Santos</i>	

Introdução	15
------------	----

PARTE I

Qual o vírus do ministro Weintraub?	23
Em louvor da sombra	29
Sociedade do cansaço	35
Para ser um ser no mundo	41
A educação em emergência epidemiológica: Um olhar através de três conceitos de Paulo Freire	45
Esse vírus está discriminando a humanidade	51
Facilitador(a) x coordenador(a) de debates: Qual o lugar do(a) professor(a) durante a pandemia da Covid-19?	55
Duas lições de Paulo Freire sobre o distanciamento social	61
Milton Ribeiro, novo ministro da guerra cultural bolsonarista	65
Em tempos de distanciamento social, à procura de Paulo Freire	71
Paulo Freire depois de junho de 2013	79
Maria Firmina dos Reis	85
A Pedagogia da autonomia e o desenvolvimento do protagonismo docente e discente	91
Qual o currículo da pandemia?	97
Estarei preparando a tua chegada	103
Educar com a mídia na pandemia?	109
A conclusão faltante	115

Deverá ser de outro jeito	121
Carolina Maria de Jesus, uma vida filosófica	127

PARTE II

O “novo normal” em tempos de pandemia: A sociedade capitalista em questão	135
Paulo Freire <i>on-line</i> : Um ensaio estético	141
A docência na pandemia: E agora?	151
Paulo Freire, seu centenário e a pandemia	159

PARTE III

Paulo Freire: Por uma educação crítica, democrática e transformadora	165
A culpa é de Paulo Freire?	175
Fernando Holiday contra Paulo Freire	179
Paulo Freire	185
O pesadelo é Paulo Freire	187
Paulo Freire cineasta	193
Ato(r) criador – Educação e arte popular como leitura do mundo em Paulo Freire	197
Paulo Freire: A trama das imagens entre o currículo e a pedagogia da imagem	203
Paulo Freire e Milton Santos: Um encontro para a educação popular na contemporaneidade	209
Posfácio: Paulo Freire fez cem anos	221
Referências	227

Prefácio

Sou leitora de Aristóteles Berino já há algum tempo, principalmente dos seus ensaios, resenhas, textos livres, críticas literárias e/ou fílmicas. São plurais os gêneros textuais que circulam nas redes assinados por este criativo e oportuno autor, com quem tenho também a honra de partilhar, desde 2018, mais de perto, dilemas e etnométodos junto ao PPGEduc da UFRRJ. Receber seu convite para prefaciá-lo este livro foi uma alegria. Aceitei prontamente, mas fiquei curiosa e me perguntando “Por que será que recebi este convite? Afinal, são tantas as redes e conexões... São tantos e tantas colegas especialistas da obra de Paulo Freire e suas implicações com os currículos...”. Sejam quais forem os motivos, aceitei este convite e me sinto honrada.

Assim como Aristóteles, valorizo a escrita cotidianista e, com ela, procuramos inovar em atos de currículos, mas também na produção e circulação da ciência implicada com processos de educação não apartados das práticas artísticas e/ou culturais. Esta opção por nós praticada é política, mas também é ética e estética.

Desde o meu processo de formação inicial no estado da Bahia, durante meu mestrado e doutorado na FACED/UFBA, fui encorajada pelos meus mestres à escrita livre e criativa, mais à moda da divulgação científica e também do gênero de jornalismo científico. Com Nelson Pretto, fui incentivada a escrever para nosso “rascunho digital”, uma espécie de blog idealizado por ele e pelo professor Felipe Serpa, veiculado no site da Faculdade de Educação da UFBA no final do século passado. Menando Ramos, outro colega e professor, nos encorajava para a produção imagética. Produzir imagens, para com elas e sobre elas escrevermos. Imagens para fazer

e pensar com o comum e para o bem comum, com tantos outros... Inclusive, os nossos próprios outros.

Com Roberto Sidney Macedo, aprendi a escrever multirreferencialmente, trazendo para nossos textos referências heterogêneas, buscando tramar um diálogo horizontal com narrativas científicas e cotidianas, artísticas, filosóficas. Escrever em contexto culturalmente situado faz parte do meu processo formativo e eu sempre adorei exercitar processos de autorização. Por outro lado, sempre soube que não era muito simples e, muitas vezes, autorizar-se era muito mais complexo e não diretamente relacionado a questões de competência técnica.

Já no Rio de Janeiro, atuando junto ao ProPEd/UERJ, na linha “Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais”, a escrita narrativa com e sobre imagens sempre foi uma ação ética, estética e política de nossas práticas de pesquisa, docência e formação. A convite da professora Nilda Alves, organizei alguns números do **Jornal Educação e Imagem** junto ao Laboratório de Imagem da UERJ. Como editora de alguns números, nos últimos 10 anos, constato a potência do gênero da escrita de professores para professores. Imagens disparando pensamentos, conversas, diálogos, criações, invenções e subversões cotidianas.

Foi neste contexto, do Laboratório de Imagem da UERJ, que inicialmente conheci Aristóteles e seus preciosos textos. Textos libertários, livres das amarras normativas e caretas da clássica escrita acadêmica. Seus textos inovam em forma, sem perder a densidade de seus conteúdos e referências acadêmicas. Na época, Aristóteles dialogava com o funk, as periferias, os jovens, as juventudes e seus contextos de vida, fruição, formação, profissionalidade. Crítico de cinema e literatura, excelente resenhista, Aristóteles deixa sempre em seus escritos a sua marca crítica e bem-fundamentada, como bom historiador que é. Toda esta inventividade, desse autor

e professor universitário tão implicado, vem sendo cada vez mais uma referência para mim e para meu grupo de pesquisa.

Durante a pandemia da Covid-19, criamos, na **Revista Docência e Cibercultura** (ProPEd/UERJ, PPGEduc/UFRRJ) a aba “Notícias”. Esta aba tem como objetivo publicar ensaios emergentes que façam circular textos livres, ensaios, artigos, crônicas que tragam temas emergentes no campo da educação com os cotidianos. Nosso objetivo é ter um canal de circulação de textos de professores para professores. Aristóteles é um dos nossos mais importantes colaboradores.

Mas como sempre tive acesso aos seus textos? Falei anteriormente sobre a circulação deles nas redes sociais. Isso mesmo, nas redes digitais da internet. No seu blog autoral, os textos circulavam também em sua *timeline* no Facebook. Por mais que critiquemos o Facebook e suas estratégias e modelos de negócios, inclusive em tempos de pós-verdade e *fake news*, não podemos descartar as potencialidades comunicacionais de sua usabilidade no que se refere à produção e circulação de conteúdos digitais, inclusive os científicos.

Ao contrário do que muita gente pensa, a internet e suas ambiências formacionais são efetivas e plurais redes educativas e espaços multirreferenciais de aprendizagens, que se entrelaçam com outros *espaçostempos* formais, não formais e informais de aprendizagem e ensino. Neste contexto, as tecnologias digitais em rede – que se materializam em diversos suportes, plataformas e sistemas lógicos – em interface com as cidades, o ciberespaço e os artefatos técnico-culturais vêm instituindo cotidianamente a cultura contemporânea, cultura digital ou cibercultura, como preferimos nomear. Este híbrido entre territórios físicos, eletrônicos e simbólicos configuram o contexto em que diversos fenômenos vêm emergindo, modificando e dando novos arranjos às expressões de cidadania, práticas culturais e processos educacionais, protagonizados por crianças, jovens e adultos. Assim, Aristóteles vem se autorizando,

inclusive na liderança do FRECON, grupo de pesquisa que lidera e que durante a pandemia da Covid-19 vem inovando em conteúdo e forma na cibercultura. Basta seguir seus rastros das redes do ciberespaço.

Vocês, leitores e leitoras, devem se perguntar agora: mas, afinal, do que trata este livro, especificamente? Vamos lá. Aqui temos um tratado do nosso tempo à luz da atualização da obra e da memória do nosso mestre e patrono da educação, Paulo Freire. Paulo Freire dialoga neste livro com outras autoras e autores nacionais e internacionais, pela autoria e bricolagem de Aristóteles Berino. Inquietações críticas de temas cosmopolitas, culturalmente situados no contexto do atual desgoverno, das ações conservadoras dentro da tragédia política do bolsonarismo, que destila ódio e mata. Perdemos, até a data de hoje, mais de 600 mil brasileiros e brasileiras, não só pela ação da Covid-19, mas pela demora nas políticas de vacinação em massa, das práticas negacionistas e pelos maus exemplos de educação e ausência de políticas públicas democráticas e inclusivas neste momento histórico tão difícil de nossas vidas.

Este livro fala sobre educação e questiona as educações praticadas durante a pandemia da Covid-19. Mas também anuncia, quando seu autor e seu grupo de pesquisa compartilham suas invenções no contexto do ensino remoto e da educação *on-line*. Atos de fala e práticas do patriarcado são amplamente debatidos aqui, bem como são valorizadas intelectuais negras, a exemplo de Carolina Maria de Jesus, que produziram, no século passado e que nos inspiram com suas obras mais recentemente, por conta da ação do feminismo negro na contemporaneidade.

Considero esta obra um processo/produto multirreferencial e cotidianista. Aqui tem convergência e bricolagem de uma polifonia notável de referências éticas, estéticas e políticas nos campos da educação e das culturas. “Convergir” não é replicar e/ou mesmo copiar. E “bricolar”

não é juntar sem propósito. Convergir e brincar exigem de nós cocriação inteligente de processos, produtos, arquiteturas e mediações. Estas últimas são levadas muito a sério neste livro. Seu autor dialoga com suas memórias, autorias e narrativas digitais históricas – anteriores à pandemia, publicadas em seu blog e em outros canais abertos – com suas memórias, autorias e narrativas de pesquisa e docência durante a pandemia da Covid-19. O livro apresenta uma escrita criativa e inspiradora. O autor narra, disserta, descreve densamente o vivido dialogando com referências fecundas, tendo como centralidade a obra de Paulo Freire.

Este livro é recomendado para docentes, estudantes, pesquisadoras e pesquisadores interessados no campo de pesquisa em Educação. Boa leitura! Que esta obra inspire práticas outras de leituras do mundo, educações autênticas, inéditos viáveis e práticas de liberdade em sociedades mais democráticas. Paulo Freire vive e sua obra e memória se materializam sobremaneira neste livro, que é um presente!

Praia de Leme, Cidade Maravilhosa

Edméa Santos

www.edmeasantos.pro.br

Introdução

Acredito que em razão da minha graduação em História, quando aprendi a perceber melhor o significado do tempo, sempre inicio meus cursos sobre Paulo Freire observando que ele foi contemporâneo de todos os acontecimentos marcantes do século XX, no Brasil e no mundo. Nasceu em 1921, três anos apenas após a I Guerra Mundial, e um ano antes da Semana de Arte Moderna, quando foi também fundado o Partido Comunista, seção Brasileira da Internacional Comunista. Teve a sua vida absolutamente transformada pelo exílio, depois de atingido por um dos episódios mais destacados da história do Brasil, o golpe civil-militar de 1964. Faleceu em 1997, quando o período da Guerra Fria já havia se encerrado e o Muro de Berlim não existia mais. No final do século, a arte já era chamada de pós-moderna. Paulo Freire foi, portanto, inteiramente um personagem do século XX. No ano de 2012, foi declarado patrono da educação brasileira, um reconhecimento pelo seu legado e sentida atualidade. Contudo, nos seus cem anos, indago qual a sua presença e a sua futuridade vistas através de um ano pandêmico?

A prática repentina do distanciamento social foi uma mudança brusca na vida cotidiana, mesmo considerando a forma desigual em que foi possível (ou não) praticá-la. A emergência epidemiológica impactou o mundo extraordinariamente. Inclusive, verdadeiramente, não sabemos, até o momento presente, quando será possível dizer que ficou para trás e agora é apenas história. Para os que trabalham no magistério – e é este o meu caso – a possibilidade de continuar trabalhando só ocorreu diante de uma conversão, ressentida para muitos de nós, do presencial para o remoto. Então, escrever sobre Paulo Freire adquiriu

um sentido que não foi apenas – e não é ainda – uma resposta acadêmica, mas também existencial, escrever como um modo de existir durante a impossível pandemia.

No entanto, é importante dizer que existe bem mais do que a pandemia tirando o nosso sono agora. Nasci em 1965 e assim faço parte de uma geração que viveu a infância e a adolescência durante a ditadura militar. Tornar-me jovem, de uma certa maneira, foi um processo de conscientização, porque o país vivia a expectativa da redemocratização política e dos avanços sociais, livres dos governos militares. Ainda que existisse Fernando Collor no meio do caminho, posso dizer que os anos se passaram de modo mais progressista, apesar, indiscutivelmente, da enorme contradição econômica que caracterizava (e caracteriza) a sociedade brasileira, mesmo nas últimas décadas. Mesmo assim, não esperava o aparente retrocesso que significou a eleição de Jair Bolsonaro e de outros tantos políticos populistas de direita. Não esperava a explosão política que foi a ascensão da extrema direita no Brasil.

Pelo menos desde a gestação do golpe, que impichou a presidenta Dilma Rousseff, passei a ver o país de modo mais preocupado em termos do que vem pela frente, coisa que não havia acontecido antes. Não que faltassem motivos de inquietação diante da realidade nacional: concentração de renda, racismo estrutural, violência de gênero e lgbtfobia, principalmente. Sim, mas as lutas pareciam, de algum modo, nos levar para frente, apesar de tudo. A eleição de Jair Bolsonaro foi um princípio de realidade. Talvez tivesse nos situado diante de um país que não queríamos ver. Não que merecêssemos passar pelo que estamos vivendo agora politicamente, mas vamos precisar nos esforçar mais se não quisermos desacreditar definitivamente dos sonhos antigos de mudança social, emancipação política e liberdades diversas.

Estamos ainda no meio de uma crise sanitária e de um governo abusivo, que pouco caso fez da própria pandemia.

Quando jovem, ouvi uma canção do **Olho Seco**, grupo punk de São Paulo, que continha uma angustiante pergunta no seu título: “Haverá futuro?”. Desde que o usurpador Michel Temer assumiu a presidência, episodicamente me ocorre a lembrança da canção, um poema, certamente, que nos lança diante de um abismo, “no movimento da vida”. A música continua tocando: “Haverá futuro?”. Enquanto estivermos aqui, a única maneira que nos cabe sobre o futuro é estar presente, de frente, “no movimento da vida”. O esperarçar freireano é a vida cotidianamente cultivada, mesmo em tempos de pandemia e de um governo de extrema direita.

*

O livro que apresento reúne 33 artigos organizados em três partes e posfácio. A primeira consiste em 19 artigos escritos originalmente para o meu blog **Pedagogia da Imagem**¹ como uma conversa a respeito de algumas questões, inquietações ou impasses que me atravessaram durante a pandemia da Covid-19. São textos escritos, portanto, entre março de 2020 até agora, outubro de 2021, quando preparo a publicação do livro.

A respeito da primeira parte, embora a principal presença nos artigos seja a de Paulo Freire, ela não foi exclusiva. Dois ministros da educação mereceram a minha atenção, pelo que significavam (e pelo que não significavam também) quando escrevi sobre eles. E, desde o início dessas escritas, precisando me defrontar existencialmente com a própria pandemia, encontrei outras interlocuções que, acredito, me ajudaram a compreender o que estávamos (e ainda estamos) vivendo, e a consequente importância de uma pedagogia da autonomia para sairmos da encrenca em que estamos metidos na modernidade tardia. São os artigos

¹ Link para acesso ao blog: <<https://aristotelesberino.blogspot.com/>>.

que escrevi para conversar com Junichiro Tanizaki, Byung-Chul Han e Ailton Krenak. O capitalismo já vai avançado e precisamos nos desenredar das subjetividades correspondentes, ou não vamos nos livrar dele. Também fizeram parte da minha escrita na pandemia duas autoras negras, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, que estão na bibliografia dos meus cursos da graduação na universidade. Entendo que Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus nos ajudam a pensar a educação brasileira na sua urgência por maior legitimidade pedagógica, cultural e política. Não há saída à esquerda nem sociedade boa sem democracia racial e luta contra o patriarcado.

A segunda parte, menor, reúne quatro artigos, dois em coautoria², que foram publicados no mesmo período. Não foram escritos para o meu blog, mas para outros sítios na internet. Então, são também textos da pandemia, porém, são relativamente independentes da série de artigos que integram a primeira parte do livro.

A terceira parte é composta de 9 artigos e à exceção de um deles todos foram publicados no meu blog também, mas postados entre 2014 e 2019. Portanto, são de um período anterior à pandemia, mas contribuem para a compreensão da sequência posterior de artigos, escritos quando uma perspectiva de urgência me mobilizou, diante da situação de emergência epidemiológica da Covid-19, e ainda assim prosseguem com a minha crescente atenção dedicada à obra de Paulo Freire. No final do ano de 2020, criei um novo grupo de pesquisa para responder a esse interesse: Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo (FRECON/UFRRJ)³.

² Com Talita Cabral, minha orientanda de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc/UFRRJ).

³ Nosso perfil no Instagram: @frecon_ufrrj.

Acrescentei um último artigo a título de posfácio porque escrito após o dia 19 de setembro, aniversário dos cem anos de Paulo Freire.

A maioria dos textos foi escrita como material preparatório para a minha participação em eventos, para atender a convites para publicação, ou até pensando nas minhas aulas. O seja, para alguma comunicação pública, por isso a concepção de que são “conversas”.

Como a publicação em série em um blog tem um sentido frequentemente interativo com fatos contemporâneos à sua época de publicação, achei por bem incluir na reprodução desses artigos, em colchetes, a data em que foram originalmente postados. Creio que assim poderiam eventualmente situar a ocasião em que apareceram primeiro. Fiz uso de colchetes ainda quando foi necessário incluir mais algum elemento no texto para facilitar a sua compreensão em uma nova publicação, uma vez que foram transpostos do blog para uma reunião em livro. Os demais artigos, publicados originalmente em outros locais, são acompanhados, em notas de rodapé, de informações complementares também quando necessário. Como todos os textos foram anteriormente publicados *on-line*, neles existiam hiperlinks que não podiam ser adotados para a versão impressa do livro. Então, nesses casos, os endereços eletrônicos correspondentes foram também informados em nota de rodapé. Finalmente, foi preciso reescrever pequenos trechos, em alguns casos, quando a transposição da publicação eletrônica para o impresso assim o exigia. Imagens que utilizei nas publicações do blog foram excluídas aqui.

Ano do centenário de Paulo Freire, na primavera.

Aristóteles Berino

PARTE I

Qual o vírus do ministro Weintraub?

[25/03/2020]

Aqueles que podem estão praticando o distanciamento social, trabalhando em casa ou simplesmente esperando. Muitas outras pessoas estão expostas ao contágio do coronavírus ao longo do dia, no trabalho ou no transporte público. Com o que já sabemos sobre a pandemia e como já afetou e vem atingindo outros países, há o receio de que por aqui tudo poderá ser ainda muito pior. As informações sobre como não ser contaminado estão na TV, mas parecem mais oportunas para as classes médias em um país em que as condições de habitação e vida das classes populares são caracteristicamente precárias e vulneráveis. Qual será a sorte dos mais pobres diante da capacidade do sistema de saúde hoje disponível para lidar com a pandemia?

É nesse contexto de angústia e riscos, que já abateram algumas vítimas, que o ministro da educação resolve aparecer, não para nos orientar de forma cívica e responsável. Abraham Weintraub, sem qualquer comoção e solidária compaixão, voltou com força às guerras culturais, neste último domingo, particularmente para atacar as “áreas humanas” no Twitter, buscando explorar exatamente o estado emocional de uma população agora preocupada com as suas chances de sobrevivência, se for preciso algum atendimento médico e hospitalar. Weintraub não tem muitos princípios como pessoa pública. No entanto, ocupa o cargo de ministro da educação. O que diz tem função política e deve ser examinado e discutido.

Ainda que suas comunicações se apresentem como estúpidas, elas expressam a concepção e a prática do governo para o campo institucional da educação. Posicionam o

governo diante de uma comunidade nacional de educadores e educandos, gestores e usuários das redes de ensino, da educação básica ao ensino superior. Sua postura e ideologia não devem ser ignoradas. Pelo contrário, precisam ser observadas e analisadas. Vou tecer aqui algumas considerações sobre o *tweet* de Weintraub e vou fazê-lo de um lugar que preciso demarcar. Trabalho no ensino superior, na graduação em Pedagogia e na pós-graduação em Educação, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), na Baixada Fluminense.

Weintraub digitou: “Eu acuso a esquerda de priorizar faculdades de antropologia ou filosofia ao invés de medicina ou enfermagem (...). Agora faltarão leitos nos hospitais, médicos, enfermeiros...”. Em uma imagem do *tweet*, apresenta fragmento de uma notícia de jornal que contém o seguinte título: “Bolsonaro diz que MEC estuda tirar dinheiro de áreas de humanas”. Senti uma raiva instantânea quando li. Weintraub se aproveita de uma pandemia, que naturalmente mobiliza um grande contingente de profissionais médicos e de enfermagem, para retornar ao tema da suposta menor importância da área de humanas diante de outras áreas, no caso comparada ao campo das ciências da saúde.

Não é propriamente um debate o que Weintraub suscita. Trata-se pura e simplesmente de uma depreciação da área de conhecimento de humanas. Não há qualquer discussão teoricamente informada ou de clareza evidente na comunicação do ministro. Pelo contrário, Weintraub diz o que pensa de forma intelectualmente descuidada e se expressa de modo odioso, através do deboche e da ameaça. Enfim, não se trata de um ponto de vista para ser admitido como uma abordagem válida. Weintraub frequentemente não é respeitável quando polemiza. Deveríamos, portanto,

nos perguntar, afinal, qual o vírus do ministro da educação?⁴ O que precisamos realmente identificar de necessário nos insultos lançados por ele?

Weintraub é um dos ministros mais bizarros de Jair Bolsonaro. Sua presença no governo é uma identidade das práticas dos populistas de direita que se espalharam por muitos países antes do coronavírus. Se prestarmos bem a atenção em Weintraub, ele não parece ser intelectualmente dotado, assim como não é Bolsonaro, e tantos outros políticos que emergiram das urnas mais recentemente. Sempre existiram, mas agora se multiplicaram. Vivemos uma saturação dos discursos políticos tradicionais, que dividiam, contudo, mesmo na disputa eleitoral, uma determinada correspondência narrativa. Mas tudo isso derreteu. Quando Weintraub diz algo, não acreditamos ser possível. A sensação é de que não estamos vivendo em mundo comum. Experimentamos uma irreabilidade.

Weintraub, com toda a sua bobeira, possui, no entanto, uma coerência interna no seu discurso que não pode nos escapar. Não compreender como Weintraub opera com a linguagem tem o custo de ignorarmos o que ele está efetivamente fazendo conosco quando atua, seja através das redes sociais, seja através das suas ações no ministério. O que vejo? Simultaneamente, Weintraub busca um efeito de paralisação e outro de velocidade. É essa trama da linguagem dos populistas de direita que estamos conhecendo e precisamos aprender a lidar. Ler ou ouvir Weintraub nos coloca diante de uma performance que resulta em um impacto intelectualmente paralisante e, ao mesmo tempo, de intensa propagação através da contaminação digital.

⁴ Weintraub se comportou várias vezes de modo afetado a respeito da pandemia. Disponível em: <<https://bhaz.com.br/noticias/coronavirus/weintraub-china/>>.

Como intelectuais, na universidade, mas também em outros espaços formativos, participamos de uma rede de conhecimentos em que partilhamos alguns códigos de validação dos discursos, de tal modo que mesmo diante do mais intenso dissenso, é possível algum contato, alguma comunicação. Se alguém discorda de algo, pode escrever um texto divergindo ou repercutir em algum grupo ou mídia. A polêmica que se segue pressupõe, de todo modo, a existência de fundamentos que podem ser identificados durante a elaboração do trabalho crítico. Ou seja, é possível rejeitar as abordagens absolutamente aleatórias, “sem fundamento”. Habita-se, mesmo que de modo imperfeito, um território de pensamento, minimamente comum, que seja.

Quando nos deparamos com o referido *tweet* (e outros), logo observamos que Weintraub produz um efeito de atordoamento. Pensamos: “Como assim?”. O fato é que não encontramos nenhuma concepção satisfatória, válida para uma rede legítima de conhecimentos nele. Não existe razão de qualquer natureza aceitável para dizer que um erro de prioridades acadêmicas agora vai nos arrastar para um desastre. Não encontramos no *tweet* nada que evidencie de forma embasada sobre uma carência universitária agora, que poderíamos responsabilizar uma área de conhecimento por um virtual caos do sistema de saúde. Jair Bolsonaro é a sua fonte? Então, qual o motivo de tal postagem do ministro da educação?

Quando o *tweet* parte da admissão de que algo de grande comoção ocorrerá, atinge exatamente o que pretende, um desequilíbrio emocional instantâneo: “faltarão leitões”. Trata-se de um efeito particularmente possível através do modo como trocamos mensagens no ciberespaço das redes sociais. Uma sucessão de correspondências que acessamos praticamente sem limites, infinitamente até, diante da nossa capacidade de apreensão, mobiliza nossa atenção de forma compulsória, excitando nossas reações mais primárias, porque o ato mais refletido do pensamento

solicita um tempo de maturidade. Por isso a minha própria raiva ao ler o *tweet* de Weintraub. É inescapável se nos entregarmos ao consumo compulsivo das redes sociais.

Para a lógica (sim, ela existe) dos populistas de direita, não existe a necessidade de obter uma concordância amplamente expressiva. Interessante. Para eles, o que importa mesmo é a polarização, ou seja, acender a faísca que levará o fogo para todos os lados. Ela incendiará adeptos e adversários. O pretendido é que todos reajam alucinadamente. Não importa a conclusão de que isso já foi feito antes, que não é inédito como uma prática maliciosa da comunicação. Faz parte da cultura política fascista. O fato é que hoje pode alcançar um efeito de contaminação muito mais controlado pelo emissor e em uma velocidade inédita. *Big data* e mobilidade ubíqua casam-se para isso: Algoritmos e um celular nas mãos.

O importante do *tweet* de Weintraub não é observar a falta de uma razão intelectual nele. Isso acontecerá sempre quando envolver um político populista de direita. Mas é essa sentida ausência, para a qual ainda não fomos adequadamente educados, que vai nos desorganizar mentalmente e provocar a reação programada pelo emissor da mensagem: Propagamos o próprio *tweet*. Inevitável, mas precisamos entrar mais nessa trama para controlar melhor o seu significado. Se o ministro da educação publica uma besteira, ela repercute. Você não é culpado por não deixar morrer absolutamente a mensagem, você irá repassar em algum instante. Não há quarentena para isso, protegida da própria comunicação humana.

No entanto, precisamos “ganhar tempo”, achatar a curva de contaminação daquilo que chamamos de “pós-verdade”. Para isso, nossa leitura do mundo, que é bastante tocada diariamente por mensagens como a produzida por Weintraub, não pode ser apenas contaminada pela reação paralisante da emoção. E mesmo que isso aconteça, “ganhar

tempo” para recuperarmos a capacidade analítica, necessária para tecer outras narrativas, também eficazes, mas contra *fake news* e outras “cortinas de fumaça” que nublam o olhar, que embaçam a nossa capacidade de sentir e pensar a nossa época de forma mais discernida e crítica.

A “área de humanas” é declarada inimiga dos populistas de direita porque representa concretamente essa ameaça de uma educação que pensa o nosso lugar no mundo, investigando e indagando a respeito de como a nossa existência é socialmente constituída, e até poeticamente movida pelo gosto da liberdade. Evidentemente, os saberes de diferentes áreas de conhecimento se tocam e são contagiados também. Mover guerra cultural contra a área de humanas é tanto pretender sua contração e silenciamento como desidratar as demais áreas de conhecimento da presença de uma preocupação política e social a respeito da leitura do mundo que também fazem.

O vírus de Weintraub faz parte da ecologia política do capitalismo tardio. A globalização atual tem proporcionado uma desconstrução das identidades fixadas e um abalo nas visões de mundo orientadas pela tradição e origem. Como disseram Marx e Engels, “tudo que era sólido desmancha no ar”. Frase do século XIX, mas continuamente atualizada pelo próprio capitalismo. As guerras culturais são fundamentalistas, negacionistas do contato, da contaminação e hibridização. Convocado, o praticante da pós-verdade – Weintraub é um deles – é o soldado que deve impor o silêncio do pensamento único. A “área de humanas” rebelde-se.

Em louvor da sombra

[13/04/2020]

“Nós, orientais, criamos sombras em qualquer lugar e, em seguida, a beleza.”

Não conhecia o Junichiro Tanizaki (1886-1965) até me deparar com este pequeno volume, **Em louvor da sombra**. Na torrente de imagens das redes sociais, fui tocado pela gravura de Utagawa Kunisada (1786-1864) na arte da capa e título do livro. Comprei o livro. Ao ler o prefácio de Pedro Erber, descobri que Tanizaki é um importante escritor japonês e que **Em louvor da sombra** é um ensaio muito conhecido do autor. “Em louvor da sombra”, me chamou atenção a frase quando, poucas semanas atrás, começávamos o distanciamento social diante da pandemia da Covid-19. Agora que a nossa vida obscurece com as incertezas a respeito de como seremos definitivamente afetados pela pandemia, valorizar a sombra parece uma mensagem aberta da cápsula do tempo.

Em louvor da sombra, publicado em 1933, é uma narrativa sobre a fruição estética japonesa que ameaçava desaparecer com a modernização do país. Tanizaki escreve com grande sentimento sobre a idiosincrasia cultural do Japão, que vê, sob ameaça, a penetração de ingredientes do progresso no mundo ocidental mais desenvolvido, em que a apropriação não se dá sem a descaracterização da sua sociedade. É aí que entra a *sombra* como uma experiência e um conceito japonês que o processo de modernização faz esvanecer. Vejo as pessoas tão ansiosas pela “volta à normalidade”, negando até a profundidade do que nos desafia, que **Em louvor da sombra** me pareceu um ensaio provocante diante das nossas reações agora.

“O elemento de beleza primordial de nossos aposentos é pura e simplesmente essa dúbia luz indireta. Pintamos intencionalmente as paredes em tons esmaecidos para que essa claridade frágil, desolada e tímida nelas se infiltrasse com tocante serenidade”.

Tanizaki é um esteta. Toda a sua discussão está centrada no problema da percepção do belo para o japonês. **Em louvor da sombra** constitui uma observação sobre aspectos cotidianos e sociais, de costumes e hábitos, que fazem da vida japonesa um modo característico de apreciação da beleza. Referindo-se à arquitetura e às dependências da casa, seus ambientes e decoração, dos utensílios e materiais usados, das cores e formas que preferem, passando pela culinária e a roupa, a fotografia no cinema e o teatro, Tanizaki enaltece a superioridade da experiência da penumbra, do sombrio e da passagem do tempo, que ele contrasta com a luminosidade, a transparência e o brilho que acompanham a marcha da modernização.

A radiância ofuscante que Tanizaki se refere está na assimilação de inovações que vão sendo introduzidas à sociedade japonesa, sem a devida adequação, reclama. São sobrepostas simplesmente, impondo suas próprias características, baseadas, no entanto, na história de outras sociedades, ocidentais. Ele não nega os benefícios das comodidades importadas, como a luz elétrica ou o aparelho sanitário, por exemplo. O problema é a supressão da beleza, porque essa uma é sensação apropriadamente educada no contexto de uma sociedade, a partir dos seus elementos. A sombra, para o japonês, está ligada ao modo peculiar como aconteceu a captação do claro-escuro, tecida de acordo com o ambiente existente.

Tanizaki, como romancista, impregna seu texto com uma atmosfera narrativa bastante poderosa, é importante dizer. Não apenas reflete a propósito de uma estética japonesa, mas a inventa também, tal a força criadora da sua

escrita. A passagem que se refere ao uso da latrina é de uma sublime poesia “fora do lugar”, uma vez que enaltece as sombras, logo ali onde para nós, no ocidente, nunca deveriam existir. Descreve sobre uma realização estética quando nos parece impossível admitir uma beleza ímpar na sua frequência, que ele, no entanto, manifesta como um instante encantador, a ida matinal ao banheiro. Em todo o seu texto, Tanizaki empresta delicadeza para encontrar o belo entre as sombras, no universo cotidiano da vida japonesa.

Tanizaki admite que as pessoas mais velhas reclamam da desconstrução do mundo que conheceram, convencidas de que era melhor. Com a velocidade das mudanças, considera difícil encontrar alguém satisfeito com o seu tempo. Reconhecendo os benefícios da modernidade, diz que os idosos não deveriam atrapalhar o desenvolvimento do país. Propõe, contudo, que em algum lugar, que poderia ser o campo da literatura ou das artes, esse mundo de sombras poderia ser chamado de volta. Diz que, na rua, nem todas as construções precisam ser idênticas, que poderia existir apenas uma com as características tradicionais. Então, propõe nas últimas palavras do seu ensaio: “E agora, vamos apagar as luzes para ver como fica”.

No prefácio, Pedro Erber apresenta uma hipótese interpretativa, feita por um filósofo, Naoki Sakai, que duvida da seriedade do ensaio. Na verdade, Tanizaki faz uma paródia ao culto à tradição, diz essa hipótese. De fato, existe um recurso narrativo no ensaio que o torna também literatura, ou seja, uma criação literária. Isso é notável no texto. Seja como for, prefiro seguir outro caminho, independente de procurar saber o que pretendia mesmo Tanizaki dizer “de verdade”. Penso que toda criação, a realização estética, é uma existência adquirida, que vem ao mundo e não pertence mais a um autor. Inclusive, me parece que, consciente desse jogo, também de luz e sombra, é que as últimas palavras de Tanizaki podem ser entendidas.

Tanizaki não parece um reacionário a propósito da passagem do tempo. Para ele, a modernização já é incontornável ao Japão. O que ele reclama é da ausência da alteridade. O progresso poderia ser alcançado também a partir de maior respeito à integridade de uma sociedade, que permitisse a continuidade de certas experiências cotidianas apreciáveis, belas e vitais. O modo como a modernização estava ocorrendo, no entanto, era sobretudo importado. O que propõe Tanizaki, então? Ele não pede para parar e voltar a uma sociedade original, mas percebe na literatura e na arte uma grandeza para a existência da sombra. Espaços em que a continuidade do jogo entre o claro e o escuro ainda poderia possuir autenticidade e não cópia.

Em louvor da sombra, mais do que o elogio absoluto da sombra, é um uma consideração sobre a sua participação na beleza, tal como foi tecida na vida cotidiana do Japão. Uma apreciação sobre a estética que só pode existir entre luzes e sombras, nunca independente da luminosidade, portanto. Sem uma devida gradação entre o claro e o escuro, apreciação estética alguma poderia existir. Refugiar-se na literatura e na arte é uma proposta de garantia da sua incômoda existência quando as luzes tudo perpassam. Portanto, sobrevive como um contraponto necessário à própria criação da beleza. Mas por que o valor atribuído às sombras, obtido na cultura japonesa, poderia nos interessar agora? Como a pandemia colidiu com as nossas vidas?

Aproximadamente quase noventa anos nos distanciam da publicação de **Em louvor da sombra**. A preocupação de Tanizaki com a “excessiva iluminação” adquiriu um sentido provado pelo tempo. Para a subjetividade contemporânea a claridade é uma positividade do progresso material. Há um sentido de progressão nas nossas vidas que é irradiado pela resplandecência do capitalismo. O processo de acumulação de capital é de um horizonte desimpedido por uma luminosidade que se estende sem bloqueios. Nossa própria

vida é feita assim, sem cessão ao desconhecido, ao oculto, à meia-luz. É aí que a pandemia nos apanhou, não apenas biologicamente, mas como civilização também.

Para um leitor tardio de **Em louvor da sombra**, Tanizaki conta um segredo da existência, que é saber viver adequadamente entre luzes e sombras. Nossa angústia agora, quando o planeta parou, é que ao contrário do que confiávamos ou estávamos obrigados a acreditar, a luminosidade absoluta não tem as garantias que a propaganda do mundo burguês fez acreditar. A pandemia nos desintegra, muito facilmente, constatamos, desolados. Estamos agora, sem poder olhar para os próximos meses, possuídos até pela dúvida sobre a nossa sobrevivência no planeta. É isso que nos faz negacionistas do que seriamente acontece. Como educador, eu gostaria de dizer, precisamos de uma educação que nos ensine também uma pedagogia da sombra.

Sociedade do cansaço

[19/04/2020]

“Vivemos num mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios”.

No início, acompanhava as notícias sobre a epidemia da Covid-19, ainda limitada à região de Wuhan na China, com uma curiosidade distante. Algumas semanas depois, minha vida já tinha sido atingida também. Quase que repentinamente comecei a ouvir falar de distanciamento social e quarentena como uma necessidade instantânea. Escrevo este artigo três dias após a troca do ministro da saúde. Enquanto Luiz Henrique Mandetta mostrava-se mais coerente com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o presidente Jair Bolsonaro, divergindo do seu ex-ministro, defendia isolamento social apenas vertical e maior movimentação de pessoas no trabalho para, segundo ele, salvar empregos e a economia.

Entre as orientações dos órgãos competentes de saúde e o negacionismo do presidente Jair Bolsonaro, as pessoas seguem preocupadas com o que está por vir, vivendo intensamente a expectativa do achatamento da curva de contaminação para evitar o colapso do sistema de saúde, já visto em alguns países, mas muitas parecem indiferentes ou até rejeitando a informação de que existe uma pandemia. Procuro, de algum modo, coordenar a minha vida para os dias próximos, sem saber realmente como vamos sair disso tudo mais adiante. Nestes dias, a terra parou⁵ e acredito que não

⁵ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#tematico-5>>.

há mesmo como voltar ao mês de janeiro de 2020⁶; o mundo está definitivamente transformado, a julgar pelas incertezas sobre o destino da pandemia. Intelectuais já analisam as tendências, como será depois, o mundo pós-pandemia⁷.

Diante de toda a pressão que estamos vivendo, todavia, algo que observo de modo bastante difuso, e aí já não posso situar como um negacionismo da extrema direita apenas, é uma certa dificuldade para olhar de frente os acontecimentos, e ceder a algumas perguntas que antecederiam a pandemia da Covid-19 e agora parecem definitivamente incontornáveis. Quais garantias possuíamos do mundo de acordo como estávamos vivendo-o? Para os que gozavam de bem-estar, o modo como era obtido era sustentável? Mesmo que admitíssemos a maior felicidade para a nossa vida antes, essa era uma experiência autêntica? A vida precedente, orientada pelo capitalismo turbinado, já não estava mesmo para se romper?

Byung-Chul Han, filósofo nascido na Coreia do Sul e migrado para a Alemanha, afirma, no seu livro **Sociedade do cansaço**, logo nas suas primeiras linhas, que não nos encontrávamos mais em uma época epidemiológica. A publicação original do livro é de 2010. Curioso ler isso agora, dez anos depois, quando nos vemos de volta a uma época viral. O que gostaria de dizer aqui, continuando a conversa anterior, quando revisei o ensaio **Em louvor da sombra**, de Junichiru Tanizaki, é que nosso mal-estar neste instante, ou seja, a angústia de ter a vida suspensa e sem saber o que dela sobrá depois, é que foi o próprio capitalismo que nos trouxe de volta aos riscos de uma época viral.

Em **Sociedade do cansaço**, Byung-Chul Han procura nos situar em uma nova época, impulsionada pelo hipercapitalismo. Han, por oposição, diz que vivemos um

⁶ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52061804>>.

⁷ Disponível em: <<https://fuganomada.noblogs.org/sopa-de-wuhan/>>.

excesso de positividade, enquanto a sociedade anterior era sustentada pela negatividade, característica da sociedade disciplinar e seus regimes de proibições. A obediência é regra n. 1 para os internos nos hospitais, no presídio ou na fábrica, enquanto na sociedade do cansaço é o princípio do desempenho que prevalece. Agora, para maior desenlace do capital, a regulação é feita pelo próprio indivíduo. A opressão acontece de outra maneira, o que não significa exatamente que as coisas melhoraram. O imperativo do desempenho produz também o depressivo.

Apesar da contração das instâncias externas que antes pesavam sobre o indivíduo, há uma pressão interna permanente que leva o sujeito do desempenho ao esgotamento. A aparente liberdade é aqui apenas outro esquema de controle, mais apropriado para um capitalismo que precisa da entrega máxima, de vidas produtivas como um movimento perpétuo ativado pelo próprio indivíduo. O sujeito do desempenho precisa acreditar na espontaneidade com que supostamente dirige sua vida. Na verdade, há uma aderência correspondente à produtividade integral movida pelo hipercapitalismo. No avesso das proibições, o indivíduo precisa se sentir livre para não fracassar – um dever que termina nos levando a infartos psíquicos, diz Byung-Chul Han.

O esquema imunológico era caracterizado pela negatividade ao barrar a alteridade. Na escola, como exemplo que dou, a alteridade do aluno tinha o seu fim na imunização/eliminação dos seus sentidos. A concepção da diferença na pós-modernidade ocupa o lugar da reação imunológica da modernidade. Agora vivemos um excesso de positividade, necessário à troca e ao intercâmbio desenvolvidos pela globalização existente. O categórico da produtividade é a disposição completa do sujeito à acumulação capitalista, que se processa em uma rede integrada de subjetividades, desempenhos e resultados

globais. A imunologia é uma tecnologia do poder avessa à disseminação. O sujeito imunológico sai de cena. Será?

“A negatividade é a força vital da vida”.

A sociedade do cansaço é o esgotamento do sujeito pós-moderno. A vida como atividade produtiva absoluta, de disposição integral ao imperativo do capital nos trouxe até aqui, à pandemia da Covid-19. Não que o vírus tenha sido criado para que algum país pudesse se sobressair em um mundo em crise, como milícias digitais têm espalhado. No entanto, incapaz de interrupções, hostil à interposição das sombras, as condições atuais da globalização favorecem a ecologia de contágio pelo coronavírus. Achatar a curva de contaminação da Covid-19 implica a manipulação de recursos necessários aos cuidados da vida quando o capitalismo global tem a sua arquitetura concebida não para as pessoas, mas para o “mercado”.

O tempo do mundo foi subtraído pela acumulação capitalista, daí a longa duração necessária para socorrer adequadamente as pessoas adoecidas com maior gravidade em decorrência da pandemia. Toda uma conversão precisará ser feita porque, afinal, não eram as pessoas que contavam – claro, uma classe abastada mundial sempre esteve protegida. Logo na era da instantaneidade do momento, quando as fronteiras foram vencidas pela veloz correspondência de dados, as sociedades capitalistas precisam de muito tempo para lidar com a letalidade da Covid-19, principalmente quando o sistema de saúde colapsa, comprometendo todos os demais atendimentos também.

Um dos capítulos de **Sociedade do cansaço** é intitulado “Pedagogia do ver”. Nele, Byung-Chul Han propõe um olhar mais demorado e lento a contrapelo da atividade pura. Na sociedade do desempenho, reagimos prontamente aos estímulos que solicitam uma frenética participação, súbita e exaustiva. “Maratonar” uma série ou conferir as notificações dos aplicativos das redes sociais, por exemplo. São gestos

cotidianos, mas atados à intensidade requerida pelo hipercapitalismo. *Ver* em um sentido propriamente educado é uma experiência contemplativa, uso do tempo capaz de interromper o assédio inconstante da acumulação capitalista – de “não fazer” e descontinuar nossa própria contribuição para o excesso de positividade.

Em uma época de pós-verdade, a pandemia da Covid-19 é um princípio de realidade.

Para ser um ser no mundo⁸

[26/04/2020]

“E se já pensávamos em método ativo que fosse capaz de criticizar o homem através do debate de situações desafiadoras, postas diante do grupo, estas situações teriam de ser existenciais para os grupos”.

Como prosseguir com a educação em tempos de distanciamento social?

As classes médias estão *on-line*, e as classes populares?

Qual educação agora para a maior parte de estudantes brasileiros que frequentam as escolas públicas? No meu estado, Rio de Janeiro, na sua rede pública, a pressão sobre os professores, a falta de planejamento e orientação pedagógica é o que acontece. A escola pública maltratada, o desprezo pela educação das classes populares é o que constatamos.

O pensamento de Paulo Freire tem sofrido a perseguição mais desprezível do governo Bolsonaro, do próprio presidente e ainda do seu ministro da educação. As milícias digitais da extrema direita atacam Paulo Freire e o significado da sua obra sem descanso. O que sobrou do seu legado para o século XXI? Paulo Freire pode ser lembrado em tempos de pandemia?

Em uma carta, sem data, reproduzida por Ana Maria Araújo Freire (2017, p. 237) no livro **Paulo Freire: Uma história de vida**, Paulo Freire escreve a respeito da sua opção pela luta “para ser um ser no mundo”. Eu gostaria de usar exatamente esta frase para atribuir um significado à obra de

⁸ Texto que escrevi para a minha participação em uma conversa com o educador Sergio Santos, através do seu canal **Vivências Pedagógicas**, no YouTube, no dia 25 de abril de 2020.

Paulo Freire que ainda não cessou e que poderíamos lembrar agora de forma oportuna.

“Para ser um ser no mundo”. Uma perspectiva sobre a educação freireana poderia ser tecida a partir desta frase. Nascemos no “mundo”, naturalmente. No entanto, o que poderia significar “ser um ser no mundo” em que já estamos? Para Paulo Freire, existe uma problemática da educação que é política, sempre. “Ser um ser no mundo” significa assumir-se com um ser no mundo para transformar as próprias condições em que a presença no mundo é socialmente herdada. Portanto, “para ser um ser no mundo” é diferente da condição acidental de existir no mundo, mas tornar a existência uma liberdade, um significado que se atribui à própria vida. Não se trata de algo garantido, mas algo que deverá ser alcançado, lutado, na verdade.

“Para ser um ser mundo” podemos identificar também com o chamado Método Paulo Freire, e aí compreender como acontece, na sua concepção de educação, o trabalho com as classes populares.

Em 1967, Paulo Freire publica **Educação como prática da liberdade** e no seu 4º capítulo, “Educação e conscientização”, encontramos como foi o trabalho desenvolvido nas campanhas de alfabetização de adultos no início dos anos 1960, até se exilar, em 1964, após o golpe que depôs o presidente João Goulart. Gostaria de me deter aqui especificamente em um dos elementos do chamado Método Paulo Freire, que vejo como elementar da prática freireana e que permanece válido. Refiro-me às entrevistas com pessoas que representassem social e culturalmente os educandos que participavam dos Círculos de Cultura. Educadores e educandos que não se reuniam para “aulas”, mas para a vivência do Círculo de Cultura.

O primeiro movimento do Método Paulo Freire é a pesquisa do universo vocabular do lugar em que a campanha de alfabetização se desenvolveria. Uma primeira

aproximação para que palavras fossem selecionadas adequadamente para outro passo do Método, mais adiante, em que ocorreria a decomposição das famílias fonêmicas.

A escolha de cada palavra levava em conta seu sentido existencial e conteúdo emocional para aquela comunidade. Ou seja, o trabalho de alfabetização não seria realizado a partir de palavras doadas pelo educador, mas pesquisadas entre a população que representava os educandos. Palavras que pudessem codificar a experiência existencial concreta dos educandos. Procedimento primeiro e necessário, para um método de alfabetização que esperava, para o seu sucesso, identificar o educando com o próprio Método.

O Método Paulo Freire pretende a participação ativa do educando, seu envolvimento para a tarefa política (educacional e sempre política, para Paulo Freire) de situar-se no mundo com o conhecimento e a capacidade de transformá-lo. Portanto, a educação como uma possibilidade de compreensão ampliada de mundo, adquirida com ela.

Retornando à questão primeira, como iniciar, então, a educação das classes populares em tempos de pandemia?

Para prosseguir, gostaria de contar um episódio que vivi como professor, na época em que lecionava na rede municipal do Rio de Janeiro, antes de 2006 – ano em que ingressei como professor no curso de Pedagogia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Eu lecionava História para jovens alunos da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (hoje, 6º ao 9º ano). Uma recordação do magistério, portanto.

Trabalhei, de 1993 a 2006, em um bom número de escolas. Eu tinha uma matrícula de 16h, mas frequentemente fazia dupla regência ou hora extra. Conheci o chão da escola pública, na sua diversidade de bairros e clientela. A escola e a educação pública não são uma realidade tão homogênea, fácil de esquadrinhar. Até eu me surpreendia, muitas vezes. Frequentemente,

lamentava a ausência de tarefas cumpridas pelos alunos. O que faziam em casa, que nem podiam realizar o trabalho escolar? Certa vez, então, uma mãe me procurou para explicar a ausência do filho em uma prova marcada. Naquele mesmo dia, a prefeitura estava removendo habitações irregulares e aquela família tinha sido afetada por isso.

Moravam em uma habitação que se aproveitava da arquitetura de um viaduto para construir a própria casa. A precariedade era muito grande. Era o que eu estava chamando de casa, mas “a distância”. Passei quase toda a minha infância, toda a juventude e o início da vida adulta morando em um conjunto habitacional de caráter popular e operário em Irajá, zona norte do Rio de Janeiro, e, ainda assim, eu não tinha uma noção perfeita das condições existenciais do meu aluno, na mesma cidade. Com esta pequena história, tão cotidiana dos nossos desconhecimentos, o que pretendo observar é que cada iniciativa pedagógica deve ser acompanhada de alguma dúvida, porque não basta a palavra da autoridade pedagógica.

Não é admissível propor para a educação em tempos de isolamento social a solução instantânea de aulas *on-line* ou ainda a EaD, sem saber de modo legítimo sobre as condições de vida do educando. Digo de forma legítima porque não pode ser uma solução apressada, mais veloz que o próprio vírus, como se fosse possível enganar a pandemia do que ela significa para o planeta. A propagação do vírus tem a sua face que é biológica, mas tem outra referida ao contágio que é social também. O modo como acontece a produção do espaço da cidade e as sociedades se (des)organizam no hipercapitalismo favorece particularmente a contaminação da Covid-19. Como educadores, nosso trabalho não é correr mais do que o vírus, pelo contrário.

Até o vírus tem a sua condição existencial – e ela se dá na penumbra da sociedade do cansaço.

A educação em emergência epidemiológica: Um olhar através de três conceitos de Paulo Freire⁹

[01/06/2020]

Começo de junho e ainda estamos com as escolas fechadas em todo o país. Na Europa e na Ásia, nos países em que também foram fechadas, as escolas começam a reabrir. No Brasil, nada parece apontar para uma reabertura segura para breve. Quando as grandes redes escolares, escolas públicas dos estados e municípios terão condições de iniciar seu retorno não é possível dizer com certeza. Em todo o país, com dados atualizados em 31 de maio, contamos 29.314 mortos e 514.849 casos registrados¹⁰. A curva de contágios é ascendente, isso sem testagem em massa e depois de dois ministros da saúde já substituídos e a nomeação agora de um interino militar, Eduardo Pazuello, sem experiência na área médica.

Não será surpresa se chegarmos ao final do ano de 2020 sem aulas presenciais. O fato é que vivemos sem perspectivas garantidas a respeito da reabertura das escolas, quando será possível e em que condições. Se olharmos como está acontecendo a reabertura das escolas na Europa e na Ásia, nossas possibilidades parecem ainda mais incertas. Notícias e imagens que estão nos informando sobre o retorno às escolas nesses países¹¹ constituem uma realidade ainda muito limitada

⁹ Texto que escrevi para a minha participação na mesa “Impactos da pandemia da Covid-19 no Brasil”, transmitida pelo Pré-Vestibular Comunitário de Mesquita, através do canal **@pvc_m mesquita**, no Instagram, no dia 31 de maio de 2020.

¹⁰ Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>.

¹¹ Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2020/05/como-sera-a-escola-agora-fomos-ver-isso-na-franca-coreia-do-sul-e-mais-tres-paises.shtml?utm_source="](https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2020/05/como-sera-a-escola-agora-fomos-ver-isso-na-franca-coreia-do-sul-e-mais-tres-paises.shtml?utm_source=)>.

para definirmos comparativamente nossas condições, mas já suficientemente indicativas para sabermos que serão muitas as nossas dificuldades diante de uma emergência epidemiológica que não deverá cessar proximamente.

Não apenas as realidades escolares entre os países serão distintas, assim como em cada lugar as desigualdades sociais irão delinear também como as diferentes populações irão regressar às escolas. No Brasil, qual o cenário do “novo normal” das escolas para as classes populares? Essa é a questão que precisamos atravessar. Para a maioria popular que frequenta as escolas, o que será para elas? Desde o início da quarentena tenho procurado prosseguir com os meus estudos sobre Paulo Freire e agora proponho utilizá-lo também diante da crise da pandemia e o que significa para a educação. O legado de Paulo Freire poderá nos dizer alguma coisa agora também?

Gostaria de propor três conceitos de Paulo Freire que, acredito, poderiam colaborar com a urgência educacional das classes populares na emergência epidemiológica: leitura do mundo, situações existenciais e Círculos de Cultura.

Leitura do mundo

Em A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam, livro escrito no começo dos anos 1980, Paulo Freire (2011a, p. 19) irá dizer: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A alfabetização nos dá a oportunidade da leitura da palavra, mas a leitura do mundo já existe preliminarmente. Não depende da leitura da palavra. No entanto, a leitura da palavra é um “ato criador” (ibidem, p. 28), porque com ela a leitura do mundo adquire maior plasticidade. “Mundo” é uma palavra presente em toda a obra de Paulo Freire, e até na última fase do seu pensamento vamos encontrá-la muitas vezes. Nos textos reunidos em **Pedagogia**

da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos, escritos nos anos 1990, “mundo” aparece frequentemente.

Dar sentido à presença no mundo¹² é a concepção mais ampla de educação em Paulo Freire e a “leitura do mundo” é um ato de conhecimento para tecermos o nosso sentido a propósito desta presença. Agora que estamos assustados com a nossa sorte (ou pelo menos deveríamos estar), mas bastante desorientados a respeito do que nos espera nos próximos meses – afinal, o que querem nos dizer com “novo normal”? – e nós educadores sequer sabemos quando voltaremos para as salas de aula e qual o futuro mesmo da nossa profissão, talvez pudéssemos assumir a leitura do mundo como uma tarefa urgente para adquirirmos um sentido também transformador sobre a nossa presença no mundo. A leitura do mundo é parte da nossa atividade vital, desde sempre, mas com outra gravidade no momento presente.

Para Paulo Freire, contra uma existência relativamente acidental no mundo, *dar sentido à presença no mundo* é assumir-se como criador da sua própria presença nele, rompendo com as condições opressivas que deprimem as nossas possibilidades como viventes. A leitura do mundo amplifica nossas perspectivas. A emergência epidemiológica pode ser vista como um desafio à nossa leitura do mundo. Sobre algo que nos afetou tão drasticamente, que parecemos incapazes do melhor controle sobre os seus eventos, precisamos saber ver o que é e o que significa para a nossa liberdade. A leitura do mundo, como ato de conhecimento, não é apenas uma atividade cognitiva se não, também, a presença no mundo como existência transformadora.

¹² Cf.: “O que me interessa não é que meus filhos e minhas filhas nos imitem como pai e mãe, mas, refletindo sobre nossas marcas, dêem sentido à sua presença no mundo” (FREIRE, 2000, p. 38).

Situações existenciais

O chamado Método Paulo Freire é realizado através de passos sucessivos, propostos não apenas para que a alfabetização aconteça como aquisição da habilidade da leitura, mas, sobretudo, para que a alfabetização, a leitura da palavra, signifique um momento mais crítico da leitura do mundo. Vale dizer que não são passos que devem ser compreendidos como etapas rígidas, mas elementos formadores do Método que podem ser recriados – o fundamental, me parece, é o sentido do Método. Tudo tem início com a descoberta do universo vocabular do grupo de educandos, destacados pelo sentido existencial que possuem, de maior conteúdo emocional, como explicou Paulo Freire (1994, p. 120) em **Educação como prática da liberdade**.

É através da descoberta dos temas existenciais de uma população específica que o Método Paulo Freire poderá ser realizado, tal como foi concebido, como uma prática libertadora. É a consideração pelas experiências autênticas dos indivíduos que amalgamam a educação popular. Vamos transpor esse problema para a urgência da nossa época. Qual tema é a grande situação existencial do mundo agora? A pandemia da Covid-19, sem dúvida. Não se trata de dizer qual é o acontecimento mais importante do mundo, melhor não definir nesses termos. É, pelo menos, o nosso contato maior com a realidade apreendida, sem dúvida, para populações de todo o planeta.

No entanto, como a urgência epidemiológica é vivida por diferentes territórios, lugares e populações? Quais são as nossas situações existenciais na alteridade das crises do hipercapitalismo? Diante da suspensão das aulas presenciais, como deverá prosseguir a educação da maioria da população de acordo com as situações existenciais correspondentes à vida concreta das classes populares? Quando pensamos o “novo normal” da escola, quais as demandas populares diante das suas situações existenciais? É preciso tecer

respostas a partir do ponto de vista popular, caso contrário não serão soluções convergentes com as situações existenciais verificáveis. A emergência epidemiológica se agrava sem levar em conta as diversas situações existenciais.

Círculos de Cultura

As respostas do poder hoje para a escola pública correm o risco – já está acontecendo – de aumentar as diferenças nas oportunidades educacionais. Também em **Educação como prática da liberdade**, Paulo Freire (ibidem, p. 111) nos fala dos Círculos de Cultura, outro elemento do seu Método que vale a pena lembrarmos agora também. Para os programas de alfabetização que participou no início dos anos de 1960, o mais conhecido de todos, na cidade de Angicos/RN, em 1963, o processo educativo acontecia nos Círculos de Cultura, uma forma de encontro que se caracterizava pelo diálogo no lugar das aulas discursivas. Diálogo orientado para a prática da leitura da palavra como leitura do mundo.

Nos Círculos de Cultura o currículo praticado não é determinado por um programa oficial, de suposto caráter nacional ou genericamente comum. Trata-se de um currículo tecido por meio da leitura do mundo que se faz a partir das situações existenciais a quem interessa fundamentalmente a educação como prática da liberdade e não a educação como prática de acomodação a uma realidade imposta pelas classes dominantes. Transpondo a experiência dos Círculos de Cultura para o que nos desafia no nosso tempo, é importante dizer que os interesses das classes dominantes agora não concederão à educação popular uma oportunidade de leitura do mundo criticizante, de acordo com os seus temas existenciais na pandemia.

Nos espaços possíveis, hoje principalmente digitais, o conceito de Círculo de Cultura enseja uma prática de análise autônoma das demandas populares feita pelas próprias

classes populares. Pensar o “novo normal” da escola só adquire sentido válido se feito pelas próprias pessoas interessadas, de acordo com as suas próprias condições existenciais. As necessidades das periferias não serão atendidas e transformadas se não pelas lutas populares, e a educação popular é parte dessas lutas. A criação de Círculos de Cultura, concebidos para o estudo das situações existenciais para a valoração dos saberes da experiência e emancipação política, é uma tarefa para o enfrentamento da emergência epidemiológica desde baixo.

Esse vírus está discriminando a humanidade

[18/06/2020]

Em **O amanhã não está à venda**, Ailton Krenak conta-nos que alguns engenheiros pediram a sua opinião sobre o uso de tecnologia para recuperar o Rio Doce, que fica na região afetada pelo rompimento de uma barragem de rejeitos, operada pela mineradora Samarco, na cidade de Mariana/MG, em 2015. Em resposta, ele propôs parar todas as atividades humanas que recaem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros das duas margens, até que o rio voltasse a ter vida. Um dos engenheiros respondeu que isso seria impossível. À negativa desta interrupção, e outras, no entanto, a pandemia respondeu com a suspensão das nossas vidas. “O mundo não pode parar. E o mundo parou”, diz Ailton Krenak.

O amanhã não está à venda é um breve texto editado a partir de entrevistas que Ailton Krenak concedeu desde março de 2020, quando a pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil.

Preciso fazer uma recordação. Trata-se de uma lembrança nublada pelo tempo, mas suficientemente marcante para nunca ter me esquecido. No ano de 1987, uma cena me chamou atenção na TV. Vejo um indígena, deputado constituinte, na tribuna da Câmara, fazendo um discurso bastante comovente. Enquanto apresentava o seu discurso em defesa dos povos indígenas, pintava o rosto com uma tinta preta. Vi o gesto de Ailton Krenak como uma manifestação reclamando atenção para a sua causa, e o fez de tal modo que hoje, eu diria, foi uma performance. Ailton Krenak fez de um ato político uma manifestação artística também. Acredito que tal acontecimento passou a fazer parte da minha formação política e estética.

Ailton Krenak, uma destacada liderança indígena e um reconhecido ambientalista, é agora também um dos intelectuais mais lembrados diante da situação da pandemia. Ele está isolado na sua aldeia, uma reserva indígena, no médio Rio Doce. Em 2019, publicou um pequeno livro que rapidamente ficou conhecido, **Ideias para adiar o fim do mundo**. Uma vez que estamos experimentando, desde os primeiros meses de 2020, se não o “fim do mundo”, pelo menos a sua repentina interrupção, a voz de Ailton Krenak é uma interlocução bastante singular. Ele tem uma abordagem sobre a pandemia que é feita ao avesso da vida que seguíamos até sofrer um recesso, que, no limite, poderá significar, para muitos, falta de ar para viver.

O amanhã não está à venda é uma advertência que parte de alguém que possui uma alteridade que não é a nossa, nós que pertencemos à “humanidade”. Pode parecer estranho quando as inclusões parecem constituir o objetivo mais elevado da espécie, uma humanidade comum, que todos parecem abraçar sem distinção, como pretender falar do lado de fora da humanidade? Como indígena, no entanto, Ailton Krenak nos fala exatamente do lugar de quem não foi aceito no clube seleta da humanidade, como ele mesmo observa. Então, o seu ponto de vista é privilegiado para nos fazer ver também que se o vírus está nos fazendo mal em especial, parece existir algo errado, endereçado a nós, especificamente, que nos denominamos “humanos”.

“Esse vírus está discriminando a humanidade”, afirma Ailton Krenak. A ideia de que o dano causado pelo coronavírus não é aleatório é um ponto de vista importante do texto. Primeiro, precisamos sair de uma pretensão de constituirmos uma existência exclusiva, separada do próprio planeta. É aí que entram os “humanos”, como um problema. A narrativa da *humanidade* serviu a uma presença predatória no planeta, de consumo das condições da nossa própria existência. Uma política de devastação da Terra que se

ampara também na produção das desigualdades entre populações e sociedades. *Ser humano*, contra a imagem benevolente do que supostamente significaria, concretamente faz parte de toda a sorte de exclusões.

Quando dizemos “humanos”, não estamos falando apenas de uma palavra, mas de uma concepção dominante de existir. “Ser humano” é de uma distinção que, longe de garantir uma existência comum, parece-nos agora bastante insegura, mas não exatamente do mesmo modo para todos, é certo. Parece não existir vantagem na “humanidade” como uma existência genérica, quando pensamos nas diferenças sociais, raciais, de gênero e sexualidade produzidas entre os próprios humanos e na interferência dos ecossistemas, com todas as espécies e o que existe como suporte da vida no planeta. Os resultados da indiferença humana já estavam expostos, mas agora é o vírus que nos interpela, pelo lado de fora da humanidade também.

Humanidade opera como um ato supremacista que separa populações e a nossa existência do planeta. Dois processos interligados, mas que comumente separamos em razão do positivismo que orienta nossa visão do mundo, analiticamente separatista da nossa condição existencial. Nossa existência é precedida pela existência da Terra. Ignorar esse outro organismo, como se fossemos uma espécie autossuficiente, sem nascimento e morte, é o que nos trouxe até a pandemia da Covid-19 e nos levará até outras, já anunciadas. A ameaça da pandemia decorre da asfixia que promovemos no planeta, um processo de apropriação dos espaços, sem a observação da diversidade das espécies e ecologia.

Como marxista, o vírus também me preocupa. Pode parecer um assunto nada ou pouco relacionado à economia política. No entanto, penso que é de interesse social no sentido materialista também, desde que a concepção de sociedade e mundo não exclua o planeta da análise do processo de acumulação e do significado do que é a

globalização. A Terra não é algo que deveríamos perder de vista quando pensamos em luta de classes, por exemplo. Um programa de emancipação social precisa contextualizar a ideia de uma sociedade liberta da opressão capitalista sem ignorar como as populações vivem no território desigual das cidades e como as cidades se apropriam do planeta.

A concepção da Terra como um espaço sem identidade, que pode ser usufruído vertiginosa e desenfreadamente pela acumulação capitalista deprime o mundo do trabalho ao ponto da tirania e asfixia urbana. A cidade contra a Terra e a Terra contra a cidade, movimento pendular de ameaça às formas de vida, inclusive a nossa. Voltando ao Ailton Krenak, ele dirá: a Terra, “ela está simplesmente pedindo: ‘Silêncio’”. O vírus nos recolheu para que entrássemos no modo “silêncio”. Precisamos repensar nossas pegadas no planeta, rever a nossa correria. “Temos de parar de vender o amanhã”. Necessário recuperar a velocidade do tempo, saltar fora da *normalidade* que tínhamos. É hora de pensar, o recolhimento serve para isso.

Para aqueles que são educadores, há uma passagem muito delicada do texto, que diz o seguinte: “É hora de contar histórias às nossas crianças, de explicar a elas que não devem ter medo”. E, mais adiante: “Temos de ter cuidado e coragem”. “Contar histórias às nossas crianças” tem um sentido pedagógico de explicar o que é preciso para subsistir agora, dizer quem somos no planeta e o que é a Terra para a nossa vida. Uma narrativa não antropocêntrica, outra educação em acordo com a nossa sobrevivência – apegada ao planeta e não separada dele, como a modernidade tem nos educado. Não existe condescendência, mas tampouco desesperança em Ailton Krenak. Não são notícias sobre o apocalipse. Ainda não, por enquanto. Se houver cuidado e coragem.

**Facilitador(a) x coordenador(a) de debates:
Qual o lugar do(a) professor(a) durante a pandemia
da Covid-19?**

[08/09/2020]

Enquanto seguimos com números elevados de contágio e óbitos, agora, nos primeiros dias de setembro, o retorno às aulas presenciais ainda está em suspensão, em praticamente todo o país. Com resultados desiguais, o chamado ensino remoto foi introduzido em diferentes graus de ensino e realidades educacionais. Entre as universidades públicas, a maioria optou por discutir em que condições poderia ser utilizado. Muitas vozes se opuseram à sua adoção. Na minha universidade, a UFRRJ, vamos seguir com o Ensino Continuado Emergencial. A discussão permanece. Aula *on-line* é aula? Ensino remoto é educação? Educação *on-line* é EaD piorada? Existe ensino remoto em um sentido válido?

O ensino remoto em todo o país é uma realidade diversa. As grandes redes públicas são as mais vulneráveis em condições para realizá-lo e impossível até em muitos casos. Mas empresas que trabalham com comunicação e serviços digitais encontraram na pandemia uma oportunidade para a expansão dos seus negócios. Educadores(as) preocupados(as) com a captura da educação pública através das corporações que vendem soluções (mais problemas do que soluções), perguntam-se o que fazer. O debate envolve muitos aspectos e situações. Pretendo me deter aqui a uma questão específica: Qual o lugar do(a) professor(a) na pandemia? Para desenvolver a questão, vou apresentar duas visões opostas: o(a) professor(a) como facilitador(a) e como coordenador(a) de debates.

O que faz o(a) professor(a) na educação remota? Seu trabalho é educacional em um sentido válido, isto é, é

transformador ou apenas alinhado ao sentido mais conservador da prática educacional? É possível fazer educação remota crítica – uma “educação como prática da liberdade”, como diria Paulo Freire? Trata-se de uma resposta condicional, é claro. Depende das condições e situações verificadas de professores(as), alunos(as) e as políticas adotadas. Conclusões sumárias estão comprometendo a nossa análise. Antes, é preciso construir um entendimento sobre a concepção de ensino que orienta o nosso ponto de vista. Ser radical é ir à raiz do problema, discutindo de modo estruturado e coerente, sem fanatismo.

As tecnologias do digital propiciaram novas práticas de comunicação e formação (de alienação e deformação também, se quiserem). A mercantilização faz parte dessas experiências, ainda que se transforme em um território de disputas e reexistências, inclusive. O fato é que estamos falando de criações que fazem parte da economia política neoliberal e das lutas que provoca. O digital é a velocidade requerida pelos negócios globais, em primeiro lugar. Toda atividade humana pertinente à vida social será enlaçada pelas tecnologias do digital e dirigida ou acompanhada largamente pelos interesses econômicos que se expandem através da rede eletrônica do capital. A escola e a educação não escaparam da ideologia e das práticas do neoliberalismo.

O que chamamos de “ensino remoto” (que difere da EaD por correspondência ou por meio das mídias massivas como a TV ou o rádio antigos, diga-se de passagem), se realiza a partir de modelos de comunicação e sistemas de objeto que impactam nossa vida cotidiana, material e subjetivamente. Há um significado humano que não escapa às relações de poder. A vida digital é altamente suscetível a controles intensivos e a sua propagação requer a colaboração das pessoas. Ou seja, que elas trabalhem, voluntariamente, coagidas ou constrangidas, para os modelos de negócios que hoje organizam o capitalismo e desorganizam o mundo do

trabalho. No caso da educação, é preciso garantir que ela funcione assim, para o capital.

No material publicitário da **Plataforma Eleva**, a propósito de um evento, “Festival *on-line* sobre educação pós-Covid”¹³, há uma narrativa sobre a pandemia para adequar o ensino a um modelo absolutamente operacional para uma educação servil, obediente ao capital e à sua modelagem atual. A narrativa é simplória. A pandemia está aí, transformando o mundo e exigindo uma nova educação. “A nova conjuntura aponta para um novo perfil de aluno, protagonista do seu aprendizado, autônomo e questionador, enquanto professores **assuem** a função de facilitador dessa trajetória”. Negar ao(a) aluno(a) o papel de protagonista no aprendizado seria negar a própria educação moderna, escolanovista. A questão é: o(a) professor(a) é um(a) facilitador(a)?

Para parecer legítimo, o evento convida pessoas que traduzem confiabilidade, como expositores, Djamilia Ribeiro e Mia Couto. Mas também terá como palestrante João Paulo Lemann. Djamilia e Mia Couto atuam, mesmo que de modo inadvertido, como um passaporte de legitimidade para a abordagem empresarial de Lemann. O conteúdo anuncia uma educação à altura dos desafios da pandemia: “educação pós-Covid”, “transformações do ecossistema educacional”, “Nova Educação”, “educação digital” e “a escola é um ambiente que conecta”. Retórica barata, na verdade. O sentido é se aproveitar da desorientação da educação causada pela pandemia para passar a boiada do Capitalismo de Plataforma¹⁴.

Para a nova conformidade de uma sociedade de precarização do trabalho e ainda indiferente à sorte da

¹³ Disponível em: <https://educacaoquetransforma.oglobo.globo.com/plataforma-eleva-promove-festival-online-sobre-educacao-pos-covid/?utm_source=facebook&utm_medium=glab&utm_campaign=eleva&fbclid=IwAR2NZM3PEYdYLFhq3ggNxPgZIKm1vPNvi0qdv1N9vAaM2k_JLou0QmTpdg>.

¹⁴ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_de_plataforma>.

educação da maioria popular, enquanto sequer sabemos com segurança o destino da própria pandemia, para os negócios do digital na educação, o melhor para a sua economia política é um(a) educador(a) “facilitador(a)”, isto é, alguém que tem o papel de intérprete do seu tempo e desafiador da conscientização dos(as) educandos(as) trocado pela passividade de uma medição banal, intelectualmente sem importância. Basta ler o que se diz sobre o(a) professor(a) como facilitador(a)¹⁵. É exatamente isso que se deseja, um(a) educador(a) incapacitado(a) politicamente. O mercado agora é o próprio ensino.

Considero outra visão para o magistério agora. Existe um legado do Paulo Freire que muito nos interessa, como já escrevi em dois artigos precedentes, “Para ser um ser no mundo” e “Educação em emergência epidemiológica: Um olhar através de três conceitos de Paulo Freire”. No lugar de um(a) descaracterizado(a) professor(a) facilitador(a), muito contemporânea ainda a concepção de um(a) coordenador(a) de debates. O que é? Paulo Freire foi um crítico duro da educação brasileira, conservadora e silenciadora. Quando escreveu **Educação como prática da liberdade** (1967), depois das campanhas de alfabetização que participou (e já no exílio, após o golpe de 1964), diz Paulo Freire (1994, p. 111):

(...) Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o *Coordenador de Debates*. Em lugar de aula discursiva, o *diálogo*. Em lugar do aluno, com tradições passivas, o *participante de grupo*. Em lugar dos “pontos” e dos programas alienados, *programação compacta*, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado.

Curiosamente, a passagem citada é uma nota de rodapé no livro. No entanto, uma importante caracterização a

¹⁵ Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/9424/educacao-aberta-o-que-e-ser-um-professor-facilitador>>.

propósito do chamado Método Paulo Freire. O referido extrato é antecedido ainda pela observação de que, em lugar da escola, existe o Círculo de Cultura. Muito atual, por isso também Paulo Freire ainda é tão perseguido, apesar da sua partida fazer mais de vinte anos. Paulo Freire não tinha uma visão favorável das práticas vigentes na escola brasileira, mas não propunha outra coisa que pudesse extrair o sentido político da educação, excluindo o(a) professor(a) da pedagogia. Ele propõe outra forma de participação e ela ainda é pertinente. Aula, em um sentido válido, é debate, Círculo de Cultura. Debate sobre a nossa presença no mundo e não aderência ao poder.

O que nos contraria é a educação tradicional, doadora e de professores(as) que apenas lecionavam os conteúdos fixados à revelia das situações existenciais dos(as) alunos(as). Sim, outro(a) professor(a), mas dinâmico com a realidade antagônica às autênticas demandas populares. Professor ou Coordenador de Debates, não é exatamente o nome que importa, mas o que quer dizer contra as práticas de supressão de ambos os personagens do ensino, educadores(as) e educandos(as). O que nos desafia agora, entendido o “papel” do(a) professor(a), é concluir sobre as nossas possibilidades diante da avalanche do Capitalismo de Plataforma. É possível o ensino, ainda assim?

Uma nota final. Curiosamente, como grifei, na redação do material divulgado pela **Plataforma Eleva**, o texto diz que os “professores **assuem** a função de facilitador”. Assumir ou assuar? Ato falho? Assuar é vaiar, amotinar, uma demonstração de descontentamento. Acho que, neste caso, assuar a proposta de um(a) professor(a) facilitador(a). O inconsciente sabe das coisas.

Duas lições de Paulo Freire sobre o distanciamento social¹⁶

[10/09/2020]

A emergência epidemiológica nos pegou relativamente desprevenidos. Relativamente porque não faltaram avisos sobre pandemias à espreita. São as mesmas vozes, de cientistas que estudam as condições ecológicas, suas transformações humanas e perigosos impactos, que já advertem que outras pandemias virão, enquanto nem sabemos ao certo para onde estamos indo com a Covid-19.

Para estudantes e todos que trabalham com o ensino, a pandemia apanhou em cheio. Desde março, a educação institucional acontece remotamente. Ou não acontece, uma vez que requer condições e formação. A indiferença e o imprevisto estão produzindo um resultado trágico para a educação da maioria popular. Quanto ao retorno às aulas presenciais, tal como ocorriam antes da pandemia, não há um calendário possível de ser feito agora. Não há tratamento nem vacina ainda para a Covid-19.

Pensar agora os desafios à universidade pública nos obriga a levar em conta a realidade da pandemia, evidentemente. Inclusive, a insegurança sobre o seu próprio destino. No Brasil, muito pior, não temos ministro da saúde e o governo não tem compromisso autêntico com a saúde pública. Na pandemia, estamos às cegas.

Há muita coisa para pensar e fazer em um quadro tão adverso para a universidade pública. Tenho me ocupado com

¹⁶ Texto que escrevi para a minha participação na mesa “Os desafios impostos à universidade pública pela emergência social”, da **VIIª Live Administração Pública/UFF**, transmitida pelo YouTube, no dia 9 de setembro de 2020.

o legado do educador Paulo Freire (1921-1997) e gostaria de lembrá-lo, também agora, neste debate.

A emergência epidemiológica nos colocou diante da necessidade do distanciamento social e vejo aí, no “distanciamento social”, uma ambivalência que gostaria de discutir com a ajuda do Paulo Freire. A ambivalência é a seguinte: Simultaneamente, “distanciamento social” pode ser entendido como o necessário cuidado para não propagar o vírus e, conseqüentemente, adoecimento, mas ainda pode ser visto como um afastamento do social, a vida como uma existência mais individualizada e não como uma realização solidária, tal como nos incita a ideologia e a prática neoliberal.

Então, o que pretendo, nesta minha apresentação inicial, é remeter a essa ambivalência a partir da obra do Paulo Freire. Dois momentos específicos dessa obra contêm algumas “lições” importantes sobre os dois distanciamentos sociais em questão.

Do primeiro Paulo Freire, que situo entre **Educação e atualidade brasileira** (1959) até aproximadamente a publicação de **Educação como prática da liberdade** (1967), gostaria de observar alguns princípios do seu Método, o Método Paulo Freire. Encontramos aí um pensador e um ensino que é atual e, na pandemia, necessário mais do que nunca. Um Paulo Freire que chamou atenção para o princípio cultural e social da educação. Aqui o educando deve ser entendido, antes de tudo, a partir das suas situações existenciais. Partir da existência concreta do educando é uma ação pedagógica referida à sua identidade social. Não é o educando visto de modo abstrato porque confundido com o ideal do educador. O princípio é: educar primeiro, aprendendo sobre quem é o educando, suas condições como habitante de um lugar, suas atividades existenciais e legítima cultura. Em outras palavras, sua existência popular e culturalmente identificada.

No primeiro Paulo Freire, das campanhas de alfabetização, como a da cidade de Angicos, a mais conhecida, no Rio Grande do Norte, em 1963, o que agora é possível resgatar vivamente é a atitude de reconhecimento do educando e da sua história de vida como princípio do ato de educar. Existe aqui um cuidado, um sentido de preservação e valorização da existência correspondente a um sentido educacional para o “distanciamento social” como garantia da vida. Para a universidade pública, hoje e amanhã, em um mundo pós-pandemia, há uma demanda popular que precisa ser vista de dentro e não de fora, que precisa ser conhecida na sua necessidade concreta e não a partir de fórmulas pretensamente administrativas e neutras, políticas que são de outros sujeitos e de outros interesses. Uma resposta democrática à emergência social da pandemia, para a universidade, depende da nossa capacidade de abertura para o popular dos seus estudantes, sabendo com eles, legitimamente, sobre as condições para o ensino e aprendizagem.

Outro momento da trajetória do Paulo Freire que gostaria de lembrar é a sua última fase, já nos anos da década de 1990. O “último Paulo Freire”, quando procurou se situar diante do pensamento pós-moderno e da virada neoliberal. Vou me deter neste último aspecto, a respeito do Paulo Freire insurgente contra o neoliberalismo. Em **Pedagogia da indignação** (2000), obra póstuma, que contém textos para uma publicação que não concluiu, acrescidos de outros inéditos, todos escritos nos seus últimos anos de vida, encontramos um Paulo Freire especialmente preocupado com o “fatalismo neoliberal”. Em outra época, quando publicou **Pedagogia do oprimido** (1970), encontramos um Paulo Freire que formulava transformações para um “novo mundo” e um “novo homem”. Paulo Freire que discutia a revolução, até. Na década de 1970 atuou, aliás, no continente africano, em países recém-libertos da colonização. O “último Paulo Freire” já escrevia para um mundo mais retraído das

suas ambições de mudanças amplamente esperadas. O neoliberalismo nos colocou contra as cordas.

O que encontro no Paulo Freire da **Pedagogia da indignação** não é a aceitação da tese do “fim da história”, pelo contrário, a ideia da luta por um mundo melhor continua, uma necessidade e um dever ele considera, inclusive. O contexto histórico já é outro, contudo, e ele sabe disso. Pelo menos desde **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**, Paulo Freire nos fala da pós-modernidade, uma questão inexistente em muitos outros livros que já havia publicado. É um Paulo Freire que retoma os valores da esperança, do sonho, da utopia e do projeto para reavivar a pedagogia crítico-transformadora. Paulo Freire que enfatiza a diferença entre condicionamento e determinação das condições materiais para a possível realização de uma reexistência. A sociedade neoliberal não é um fatalismo da história, mas algo sobre o qual podemos reagir. Não estamos condenados à existência pacífica com o distanciamento social do neoliberalismo, poderíamos dizer com Paulo Freire e encorajar uma universidade pública e popular, durante e pós-pandemia.

Milton Ribeiro, novo ministro da guerra cultural bolsonarista

[26/10/2020]

Após a saída de Abraham Weintraub e a fracassada nomeação de Carlos Alberto Decotelli da Silva, Milton Ribeiro foi anunciado, no dia 10 de julho, como o novo ministro da educação. Logo depois contraiu Covid-19 e, quando já parecia esquecido, Milton Ribeiro concedeu uma entrevista publicada no dia 24 de setembro no jornal **O Estado de S. Paulo**¹⁷, que repercutiu amplamente e marca propriamente o início do seu desempenho público no governo Bolsonaro. Milton Ribeiro é pastor presbiteriano, doutor em Educação e ex-vice-reitor da Universidade Mackenzie. Pode agora juntar à sua biografia a identidade de integrante da ala mais ideológica do governo que serve.

O que é pertencer à ala ideológica do governo Bolsonaro? Todas as adesões são ideológicas, certamente. No entanto, existem algumas presenças no governo que parecem mais representativas sobre o significado populista de direita de Bolsonaro, mais ativos nas guerras culturais¹⁸ que hoje mobilizam a vida política em tantos países, inclusive no Brasil. Nas guerras culturais, identidade, comportamento e valores são objeto de uma intensa campanha de polarização e centralidade narrativa no discurso e na performance política. O antecessor Weintraub, mas também Ricardo

¹⁷ Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,voltas-as-aulas-no-pais-e-acesso-a-web-nao-sao-temas-do-mec-diz-ministro,70003450120>>.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hIrTIPtRzaE&feature=share&fbclid=IwAR1pPJ4ZnvEeom-ibEuspURJyMtE1leXDkr1bTVApBuo2PUg3IDmuuZmp6E>>.

Salles, ministro do Meio Ambiente, e Damares Alves, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, são também “ministros das guerras culturais”.

Do ponto de vista da apreciação estritamente pedagógica, a entrevista do ministro Milton Ribeiro foi desprezível. Intelectualmente insignificante. Inclusive, uma característica das guerras culturais, em todo o mundo, é que seus mobilizadores são aparentemente indigentes mentais e expressivamente idiotas como pessoas públicas. São figuras grotescas que instantaneamente provocam repulsa entre seus adversários, mas repercutem de modo favorável e intenso também entre seus partidários. O populismo de direita é agora um fenômeno notadamente das redes sociais, de imediata ressonância que nos mantém em estado de transe diário. Permanecemos o dia todo ligados nos pronunciamentos que fazem.

Em artigo anterior, sobre Abraham Weintraub, destaquei exatamente como as suas declarações provocavam desprezo, caracteristicamente repulsivas que eram. Observei também como se constituíam de acordo com o que nomeamos de *pós-verdade*, uma prática comum dos populistas de direita, como Trump, por exemplo. Não são manifestações exatamente polêmicas, mas, sobretudo, sem correlação com fatos verificáveis ou sem razoabilidade discursiva. Mas o que disse Milton Ribeiro que provocou o mesmo tipo de aversão que causava Weintraub? Inicialmente, a breve entrevista expôs ao ministro a crítica de Estados e municípios com a ausência de orientação nacional sobre como agir na educação durante a pandemia da Covid-19. Como reagiu Milton Ribeiro?

O que se viu foi um ministro da educação indiferente, ignorante e homofóbico. O avesso do que civilizadamente deveria caracterizar o seu posto. Imagine alguém que fez um curso de quatro anos de Pedagogia, estudando com rigor e responsabilidade social. Milton Ribeiro, em poucos minutos,

disse tudo ao contrário. “Esse não é um problema do MEC, é um problema do Brasil. Não tem como, vai fazer o quê? É a iniciativa de cada um, de cada escola. Não foi um problema criado por nós. A sociedade brasileira é desigual e não é agora que a gente, por meio do MEC, que vamos deixar todos iguais”. A pessoa lê o que o ministro da educação disse e perde o chão.

A passagem que destaquei foi um fragmento de resposta provocada pela pergunta do jornal. Mais adiante, quando a pergunta foi sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), espontaneamente o ministro conduziu para a “ideologia de gênero”, como igrejas e políticos conservadores chamam a discussão sobre educação e sexualidade: “O Enem tem sido balizador de conteúdos que a gente requer, porque senão começa a falar lá de ideologia, sabe tudo sobre sexo, como colocar camisinha, tirar uma camisinha, sabe tudo”. E prossegue: “Existem temas que podem ser tocados para evitar que uma criança seja molestada. Mas não o outro lado que é uma erotização das crianças”.

Mais ainda: “É importante falar sobre como prevenir gravidez, mas não incentivar discussão de gênero. Quando o menino tiver 17, 18 anos, ele vai ter condições de optar. E não é normal. A biologia diz que não é normal a questão de gênero”. Não terminou: “Acho que o adolescente que muitas vezes andar no caminho do homossexualismo tem um contexto familiar muito próximo, basta fazer uma pesquisa. São famílias desajustadas, algumas”. Ainda deu tempo de falar do Paulo Freire, sobre a leitura que fez do livro **Pedagogia do oprimido**: “Eu desafio um professor e um acadêmico que venha explicar onde ele quer chegar com as metáforas, com os valores. Ele transplanta valores do marxismo e tenta incluir dentro do ensino e da pedagogia”.

Existem outras coisas que foram ditas na entrevista que merecem a nossa atenção, mas vou ficar por aqui para expor o que gostaria. Como os demais integrantes do núcleo duro do bolsonarismo, cada pronunciamento público é repleto de

instantes que causam perplexidade e repugnância. As reações indignadas com a fala do ministro foram imediatas. No mesmo dia, o senador Fabiano Contarato (REDE-ES) afirmou que entraria com uma representação no STF para que Milton Ribeiro fosse investigado por homofobia¹⁹. Que ninguém imagine que o ministro derrapou e terminou por revelar o que deveria permanecer como uma opinião reprimida, sem vir à luz e que só teria acontecido por uma imprudência. De modo algum, é tudo discursivamente calculado.

Para uma oposição eficaz ao populismo de direita, precisamos compreender como operam politicamente com a linguagem. As inúmeras frases e o raciocínio indecoroso que nos chocam quando ditas por um ministro, ainda mais da Educação, causam o que pretendem: um efeito de confusão em quem ouve, de incredulidade e muitas vezes de reação também grosseira porque escapa da moderação intelectual, que sempre administramos, mas que se torna emocional, em condições especiais, quando confrontada por um excesso de irracionalidade. É resultado esperado no mundo frenético da comunicação no meio digital e particularmente excitado das redes sociais. A propaganda do populismo de direita se faz através do derrame emocional.

Mas Milton Ribeiro não tem o objetivo de contestar com rigor acadêmico Paulo Freire. O que ele fala tem o objetivo apenas de se juntar a uma rede de ataques desarrazoados e ofensivos que são dirigidos a Paulo Freire, mas que surtem o efeito pretendido: manter tensa uma linha divisória entre concepções da educação brasileira. O método é uma pregação doutrinária e reacionária, que adquire nitidez pública exatamente quando alcança adesões e rejeições instantâneas por meio das redes sociais. O campo semântico

¹⁹ Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/09/24/interna_politica,1188630/senador-apresenta-stf-denuncia-ministro-educacao-por-homofobia.shtml>.

da educação se transforma em um campo permanentemente minado em que só se move explosivamente e em estado de fadiga mental. A capacidade cognitiva entra em suspensão a partir do seu esgotamento.

Portanto, não é suficiente rebater Milton Ribeiro demonstrando apenas sua inadequação intelectual. Não é aí, no campo organizado das ideias, que ele luta e que as guerras culturais acontecem. O que devemos, antes de tudo, é desmontar seu mecanismo discursivo, ou seja, como ele luta com as palavras. Com certeza, lutar na sua própria língua será sempre desvantajoso porque um dos “achados” do populismo de direita é dizer o inominável, cruzar a fronteira da dignidade e negar a credulidade da correção. Se você faz igual, não se distingue mais e perde a superioridade dos princípios. Nas redes sociais agimos, alguns mais outros menos, de modo urgente e forçosamente pouco reflexivo quando somos particularmente afetados.

Reportagem publicada no site da revista **Piauí**, no dia 15 de outubro²⁰, mostrou, curiosamente, o pastor Milton Ribeiro, dez anos atrás, atuando publicamente de modo aparentemente não fundamentalista, quando esteve na Câmara dos Deputados, ao lado de Roseli Fischmann, que orientou sua tese na USP, e Daniel Sottomaior, criador da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, para posicionamento contrário a um acordo que o presidente Lula assinou com o Vaticano. Milton Ribeiro estava ali para se posicionar contra o ensino religioso nas escolas públicas. A reportagem sugere uma contradição entre sua então defesa da laicidade do Estado e agora, no governo Bolsonaro, a partir da repercussão da sua entrevista do dia 24 de setembro.

O que salta aos olhos como uma incoerência, deixa ver, contudo, uma fresta que se abre para enxergarmos outra

²⁰ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/um-olho-em-bolsonaro-outro-no-estado-laico/>>.

coisa. A divergência entre os dois Miltons Ribeiros não tem nada de esquizofrênica. O que se revela é como as guerras culturais operam no governo Bolsonaro, e que seus partidários não têm reações naturais ou irrefletidas, como muitas vezes é dito. “Bolsonaro precisa saber que não está mais em campanha!”. Na verdade, há uma performance estudada e ensaiada para a consecução do poder. No populismo de direita, cada palavra tem a atração que a tessitura do poder requer na era da comunicação por meio das redes sociais. Poderíamos dizer que o populismo de direita tem a sua própria estética do poder.

Em **Imagens apesar de tudo**, Didi-Huberman (2020, p. 34) lembra uma observação de Hannah Arendt que contém, ainda hoje, algo para prestarmos atenção. Ela disse que os nazistas “sentiam-se profundamente persuadidos de que uma das melhores probabilidades de sucesso da sua iniciativa resultava do fato de que ninguém, no exterior do seu círculo, ser[ia] capaz de acreditar na sua realidade”. A realidade é difícil de ver muitas vezes porque ela é inacreditável – inominável. As matrizes fascistas do populismo de direita são identificáveis. Para isso, uma boa leitura de conferência é o livro **O fascismo eterno**, de Umberto Eco (2018, p. 43). No populismo de direita, o que nos atordoa e dificulta a criação de alternativas é o efeito de irrealidade que as guerras culturais promovem. Estamos sempre ameaçados de não aguentar em pé e perder também a cabeça.

Em tempos de distanciamento social, à procura de Paulo Freire²¹

[15/11/2020]

Em três artigos precedentes procurei discutir como o legado de Paulo Freire poderia nos ajudar a pensar os rumos da educação brasileira desde a pandemia da Covid-19: “Para ser um ser no mundo”, “Educação em emergência epidemiológica: Um olhar através de três conceitos de Paulo Freire” e “Facilitador(a) x coordenador(a) de debates: Qual o lugar do(a) professor(a) durante a pandemia da Covid-19”. Prossigo agora com essa busca na obra de Paulo Freire apresentando a abordagem que tenho adotado para me dedicar à totalidade da sua obra, organizando a minha leitura.

Uma pergunta preliminar: Ainda faz sentido ler Paulo Freire, diante de tantas críticas que recebe? Para responder, é necessário qualificar essas críticas, ou seja, distinguir aquelas que são críticas em um sentido válido e aquelas que são basicamente perseguição política e intelectual. Desde as manifestações pedindo o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2015, passando pela campanha de Bolsonaro e até agora, durante o segundo ano do seu mandato, Paulo Freire sofre uma campanha infame. Nas guerras culturais, Paulo Freire não é criticado a partir de um conhecimento sustentado da sua obra e das suas práticas como educador. O que assistimos é, na verdade, a tentativa de degradar sua importância, através da pós-verdade.

²¹ Artigo que escrevi para a minha participação em uma conversa com professores e professoras do Colégio Pedro II, Unidade Tijuca II, no dia 11 de novembro de 2020.

Nas guerras culturais, Paulo Freire não é exatamente cobrado pelo significado autêntico do seu trabalho, se não pela necessidade de desconstruir Paulo Freire por meio da mobilização de valores, os mais reacionários, e práticas, as mais autoritárias, em favor de uma visão do mundo extremista de direita, obsessiva ao ponto de não precisar corresponder à elaboração de conhecimento organizado e científico. Não é propriamente a partir do “conhecimento”, como bolsonaristas enxergam, por exemplo, a pandemia da Covid-19 e publicamente defendem suas concepções sobre vírus e vacinação. Por mais inverídicas que sejam, é a mesma abordagem que fazem a respeito do Paulo Freire. São negacionistas de Paulo Freire também, por assim dizer.

Críticas acadêmicas à obra de Paulo Freire, inclusive politicamente orientadas e com valor reconhecido, também existem. Como qualquer outro autor, Paulo Freire deve ser lido, discutido e criticado. Trata-se de um trabalho de produção do conhecimento a respeito da educação imprescindível, ler Paulo Freire de modo rigoroso. Em **Pedagogia da esperança** (1992), Paulo Freire lembra de muitas críticas dirigidas à sua obra mais importante, **Pedagogia do oprimido**, publicada em 1970. Ele conversa sobre algumas divergências suscitadas pelo livro, reafirmando o que julgou adequado, mas faz também alguma retificação. É o caso do machismo presente na sua escrita, que primeiro relutou em admitir, mas termina por reconhecer.

Seja como for, diante das falsificações da sua obra e do seu legado ou das críticas fundadas que recebeu, o que de melhor podemos realizar, como educadores e interessados nos desafios da educação brasileira, é ler Paulo Freire buscando formular, de modo legítimo, o significado histórico e a atualidade do seu pensamento, observando que se trata inclusive de um interesse vivo. Novos sujeitos sociais fazem novas leituras e decidem outros usos de Paulo Freire, recriando sua relevância. Trata-se de obra volumosa, com muitos livros autorais e numerosos livros de conversas com

outros autores, além de escritos dispersos e até desconhecidos, como cartas²². Uma questão é, portanto, como entrar na obra de Paulo Freire?

Não acredito em solução canônica para estudar Paulo Freire. Não existe um modo absoluto para ler Paulo Freire e conhecê-lo “melhor”. Será sempre um trabalho de aproximação a partir de algum interesse específico e de acordo com os desafios encontrados, como em qualquer autor importante. São obstáculos que nos deparamos quando estudamos Freud, Marx ou Gilberto Freyre. As dificuldades constituem um risco e um desafio que devem ser atravessados na produção do conhecimento. O que vou apresentar é como tenho parcialmente organizado o meu trabalho de compreensão da obra de Paulo Freire. Longe de imaginar que se trata de um processo em linha reta, mas um percurso bastante imperfeito, na verdade.

Como tantos educadores, minhas leituras iniciais de Paulo Freire estavam concentradas nas obras **Pedagogia do oprimido** e **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**, este publicado em 1996, afinal, o primeiro é o seu livro mais importante e o segundo possui as características de um pequeno manual, apresentando muitas das suas ideias, amadurecidas ao longo do tempo, praticamente como um testamento intelectual, já que sua morte ocorreu no ano seguinte, em 1997. Contudo, diante de uma obra com muitas outras publicações de interesse, como considerar esses dois livros, tal como pudessem realmente significar algum norte para uma definição do que seja uma *educação freireana* e não apenas um conhecimento muito parcial do autor?

Pedagogia do oprimido foi publicado primeiro nos Estados Unidos (EUA), quando Paulo Freire estava no exílio.

²² Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias/169-noticias/noticias-2015/542926-viuva-do-educador-paulo-freire-e-recebida-pelo-papa-em-audiencia-particular>>.

Por outro lado, **Pedagogia da autonomia** é o seu último livro publicado em vida. São duas obras que pertencem a momentos diferentes do seu trabalho intelectual, apesar de uma superficial identidade que poderíamos inicialmente ver. **Pedagogia do oprimido** eu vejo como uma segunda fase, que eu chamaria de “Paulo Freire da maturidade”, enquanto **Pedagogia da autonomia** eu classificaria como o “último Paulo Freire”, uma terceira fase. Para formar uma leitura agora mais segura de Paulo Freire, tenho procurado me concentrar também no “primeiro Paulo Freire”, para compreender como inicialmente elaborou seu pensamento.

A primeira produção que pode ser considerada também a primeira obra de Paulo Freire é o livro **Educação e atualidade brasileira**, de 1959. Na verdade, é a sua tese para o Concurso da Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife. No mesmo ano, Paulo Freire fez uma “edição do autor” para sua publicação como livro. Atualmente, o livro é uma edição do catálogo da Editora Cortez. A tese é um ensaio sobre a educação brasileira, precisamente: Uma tese sobre o lugar da educação diante da sociedade brasileira em transição. É o “primeiro passo” da educação freireana: apresentar uma interpretação da sociedade brasileira e dizer sobre o papel da educação nela.

Como já expus antes, em “Para ser um ser no mundo”, Paulo Freire situava a problemática da educação observando a sua importância para a presença no mundo. Em **Educação e atualidade brasileira**, há uma passagem que gostaria de destacar: “Se pode afirmar que o homem não vive autenticamente enquanto não se acha integrado com a sua realidade”. Tanto “ser no mundo” como “integrado com a sua realidade” constituem uma formulação sobre a existência. Qual seja, a vida humana é sempre factual a uma viva presença. Em **Educação e atualidade brasileira**, Paulo Freire trabalha com a

hipótese de que a sociedade brasileira é uma realidade em transição e reserva para a educação uma posição decisiva.

Para o “primeiro Paulo Freire”, o processo de modernização do país expande suas possibilidades, até então imobilizado pelo passado arcaico da colonização e da escravidão, das práticas autoritárias e relações sociais opressoras. A modernização é um sopro para o desenvolvimento do país. No entanto, há um “peso morto” dado pelo referido passado, que é a *inexperiência democrática* da sociedade brasileira. A sociedade não pode se desenvolver sem o desempenho engajado do povo, “integrado com a sua realidade”. Paulo Freire trabalha com um modelo de graus de consciência para medir a situação. A modernização fez com que uma *consciência intransitiva* movesse para um grau de “transitivo-ingênua”, mas daí em diante há um impasse.

O grau de consciência desejado para uma sociedade que se desenvolve expandindo suas capacidades é a “transitivo-crítica”. É aqui que as pessoas estão “integradas” propriamente. Se não ocorre, acontece uma degeneração, é a “transitivo-fanatizada”, decorrente da massificação da sociedade industrial. É aqui que entra a educação. É por meio dela que o passo para a “transitivo-crítica” poderá ser dado, porque só ela poderia vencer a *inexperiência democrática* enraizada e superá-la. Observe-se como a primeira “educação freireana” tem um sentido emancipatório, mas apenas relativo, uma vez que o motor social do desenvolvimentismo é a “integração”, o estar de acordo com o capitalismo avançado.

Em Educação como prática da liberdade, publicado em 1967, sua próxima obra, Paulo Freire retoma a discussão precedente, que realizou para a sua tese. Mas há quem considere, de fato, seu primeiro livro, já que o anterior foi originalmente uma “edição do autor” da tese. Não importa, o fato é que encontramos conteúdo inédito na nova

publicação, ainda que sem ruptura decisiva com a linha mestra anterior. **Educação como prática da liberdade** foi escrito no seu exílio, no Chile, e possui também elementos da sua experiência nas campanhas de alfabetização no Brasil, no início dos anos 1960, de grande repercussão. Foi nomeado pelo presidente João Goulart para liderar uma campanha nacional, o que não aconteceu por causa do golpe de 1964.

Em **Educação como prática da liberdade**, a educação continua anunciada como prática de transformação, mas aqui já encontramos desenvolvido o chamado Método Paulo Freire, uma proposta organizada de alfabetização para orientar, pedagógica e politicamente, a conscientização esperada dos educandos. Portanto, não apenas saber ler e escrever, mas fazê-lo desperto para a condição de criador também da sua própria existência social e não uma criatura passiva da realidade encontrada. O “Sistema Paulo Freire”, como era mais conhecido, pretendia ser uma concepção e uma prática libertadora para o homem. Tal como em **Educação e atualidade brasileira**, a educação é uma ação transformadora política e social da existência.

A questão da mudança como ruptura e emancipação, vista como finalística da educação, atravessa toda a obra de Paulo Freire e confere a ela um sentido positivo de conflito que foi amplamente reconhecido como desejável para muitos atores políticos e movimentos sociais, em todo o mundo. No “primeiro Paulo Freire”, embora apareça de modo libertador, não é ainda uma visão transformadora no sentido de superação do capitalismo. Apenas mais tarde Paulo Freire irá se identificar com o socialismo. No entanto, já prega para a educação a assunção de uma visão de mundo em que a educação cumpre um papel de progresso político, social e econômico.

O modo como a questão da mudança é articulada por Paulo Freire ao longo de sua obra sofre inflexões, de acordo com os condicionantes de cada época e ainda da leitura que fez do seu tempo, das possibilidades e utopias possíveis.

Compreender esse movimento, desde o início da sua produção teórica e suas práticas como educador, é o caminho que tenho percorrido para entender os sentidos da educação freireana e localizar, de modo mais ancorado, as muitas outras questões que encontro e que acredito ainda merecer atenção. Nas primeiras décadas do século XXI – século que Paulo Freire não conheceu – ele ainda vive na nossa busca pelo seu pensamento e práxis.

Paulo Freire depois de junho de 2013²³

[28/12/2020]

Em agosto de 2016, em uma entrevista para a revista **Caros Amigos**, às vésperas de sofrer definitivamente o *impeachment*, ao ser perguntada sobre o marco de junho de 2013 para a virada direitista no país, a presidenta Dilma Rousseff (2016, p. 16) foi bastante cautelosa: “Não acho que 2013 seja um antecedente disto que está acontecendo hoje”. Foi a primeira pergunta de uma longa entrevista. Registra-se a angústia que as manifestações de 2013 causaram nos anos seguintes, a forte suspeita que tudo foi obra de uma manipulação que dirigiu manifestantes desprevenidos. Apesar da alta ansiedade do instante político, Dilma manteve-se serena, sem negar, contudo, que toda a inquietação dos protestos tenha sido lida e apropriada pela direita.

O significado de junho 2013 constitui um debate que ainda não terminou, contando com uma bibliografia já significativa e, ainda, um documentário para o cinema²⁴. Apesar da obra aberta que ainda é, junho de 2013 deu forma a uma linha divisória, a uma referência temporal para a inteligibilidade da vida política no decorrer da década e até agora, inclusive. E Paulo Freire também pode ser reexaminado a partir de junho de 2013? Ou melhor, seu legado também atravessou a fronteira dos acontecimentos e elementos que fazem parte de junho de 2013, de tal modo

²³ Texto que escrevi para a minha participação na mesa-redonda **A atualidade do pensamento de Paulo Freire e o diálogo como epistemologia de uma educação como prática da liberdade**, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPGEDU/UERJ), no dia 16 de dezembro de 2020.

²⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GQVpSPSRhes>>.

que ler Paulo Freire agora é mexer no vespeiro que o tema precipita? Minha resposta é afirmativa, Paulo Freire não se descola mais de junho de 2013.

Do mesmo modo, Paulo Freire não escapou ao golpe civil-militar de 1964. Não há como estudar Paulo Freire ignorando os fios que entrelaçam sua biografia com a história social do país e tecem o significado adquirido por sua obra. Em 1963, Paulo Freire se projetou com seu trabalho em campanhas de alfabetização de adultos e foi convidado pelo presidente, João Goulart, para liderar um esforço nacional no ano seguinte. Contudo, precisou se exilar para escapar das perseguições que sofreu já no início do novo regime político. Agora, mesmo após a sua morte, Paulo Freire é posto diante de acontecimentos que se sobrepõem novamente ao destino particular do indivíduo. Mas como Paulo Freire entrou em junho de 2013?

Desde o momento em que Paulo Freire ganhou repercussão nacional, através da sua prática de alfabetização nas campanhas que participou, sobretudo a mais notória delas, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, que é acusado de “comunista”. Em **Paulo Freire: Uma história de vida**, Ana Maria Araújo Freire (2017, p. 153 *et seq.*) lembra uma série de publicações, ainda no ano de 1963, no jornal **O Estado de S. Paulo**, em que o Método de alfabetização desenvolvido por Paulo Freire é visto como “doutrinação comunista”, “comunizante” e até “nazista”. Portanto, a tentativa de associar Paulo Freire a uma identidade política sensível à imagem de propaganda ideológica, sectarismo e extremismo não é algo novo.

A perseguição política movida contra Paulo Freire sempre acompanhou sua trajetória. A questão agora é saber por que persiste mesmo após a sua morte e como acontece. Minha compreensão é de que a persistência de problemas agudos de desigualdade na educação brasileira mantém atual a questão da educação popular e Paulo Freire como sua maior referência política e teórica. Vale lembrar, inclusive, que a Lei

n. 12.612, de 13 de abril de 2012, declarou Paulo Freire patrono da educação brasileira, um reconhecimento que é agora contestado insistentemente por setores mais reacionários da vida pública nacional²⁵. A legitimidade adquirida por Paulo Freire nos últimos anos passou a ser abertamente confrontada.

Junho de 2013 nos ajuda a entender o que delinearei a seguir. Se olharmos atentamente para os registros fotográficos²⁶ das manifestações, em todo o país, naquele mês, observamos que a educação foi uma das vozes nas ruas. Não foi apenas pelos vinte centavos, vale lembrar. Muitas demandas por uma vida mais democrática nas cidades estiveram em pauta e “mais educação” foi uma delas. A luta por uma educação pública que atenda às necessidades das classes populares é uma pauta permanente da sociedade brasileira, até ser resolvida, tal a falta de decisão política nessa direção. No entanto, junho de 2013 foi palco de contestações fora do eixo tradicional das lutas, por isso a dificuldade de uma definição mais consolidada sobre o que aconteceu.

Uma das características mais marcantes de junho de 2013 foi a articulação entre as ruas e as redes (SILVA, 2014), que naquelas manifestações contavam também como novos sujeitos políticos, uma extrema direita que expôs mais abertamente sua visão de mundo e logo querendo se tornar também governo, o que foi possível apenas cinco anos depois, em 2018, com a ascensão do populismo de direita também no Brasil. Desde junho de 2013, o conflito político adquire um cenário novo e um vocabulário próprio: *fake news*, pós-verdade, disputa de narrativas, violência digital, negacionismo, entre outros termos. O que acontece com

²⁵ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/558470-projeto-revoga-lei-que-declarou-paulo-freire-patrono-da-educacao/>>.

²⁶ Disponível em: <<https://www.grafiasdejunho.org/principal>>.

Paulo Freire é que, mesmo após a sua morte, ele será inserido aí, nas novas formas de fazer política.

Em uma manifestação *pró-impeachment* de Dilma Rousseff, em Brasília, em 15 de março de 2015, a imagem de uma faixa contra Paulo Freire²⁷ no mesmo dia viralizou como notícia nas redes sociais. A faixa continha duas frases e um desenho: “Chega de doutrinação marxista”, “Basta de Paulo Freire” e a icônica imagem da foice com martelo, mas com o sinal de interdição, como nas placas de proibição no trânsito. A mensagem reúne todos os elementos presentes nas disputas de narrativas que hoje caracterizam a manifestação da extrema direita, como a mentira e o caráter acusatório da polêmica. Basta dizer que a educação brasileira não é freireana²⁸.

E o que vimos a seguir não escapa da mesma tônica, acentuada pela máquina de ódio contra Paulo Freire. Um exemplo é o perfil bolsonarista **@SPD_33**, Saída Pela Direita, no Twitter. No dia 2 de agosto de 2018, às vésperas do 1º turno da eleição para presidente, foi publicada uma imagem²⁹ que mostrava uma cena que pretende ser de “vandalismo”: manifestantes arrombando a porta de vidro do que pode ser uma instituição bancária. Na própria imagem foi inserida uma mensagem “explicativa”: “Método Paulo Freire”. Ainda no texto do Twitter: “Método Paulo Freire não é Educação, é pura Doutrinação”. A página possui quase 38 mil seguidores. Uma campanha que não é “desinformada”, mas caluniosa, contra Paulo Freire.

²⁷ Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/professor-cria-polemica-em-protesto-contra-paulo-freire-pedagogia-do-oprimido-e-coitadismo/>>.

²⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulo_freire_cc>.

²⁹ Disponível em: <https://twitter.com/SPD_33/status/1025209643436527617/photo/1>.

Os exemplos se multiplicam. Outro *tweet*³⁰, do olavista Flavio Morgenstern (Flavio Azambuja Martins), **@flaviomorgen**, no dia 12 de agosto, também às vésperas da eleição, dizia o seguinte: “Educação só se resolve queimando livro de Paulo Freire em praça pública de noite, com tochas e cerimônias de malhar seu boneco”. A emulação nazista é transparente. A mensagem evoca o episódio de 1933 conhecido como a queima de livros na Alemanha Nazista³¹, durante a ascensão de Adolf Hitler. Lembra também os linchamentos da Ku Klux Klan³², “com tochas e cerimônias”. A manifestação de ódio contra Paulo Freire conta com muitos outros exemplares de mensagens e produções de memes. Não é uma ocorrência minúscula e sem importância.

Agora, já no final de 2020, Sérgio Camargo, **@sergiodireita1**, presidente da Fundação Palmares, em um *tweet*³³ também, inseriu Paulo Freire na campanha que move contra a educação antirracista (sim, o presidente da Fundação Palmares é um negacionista do racismo...): “Ensinam pretos a defender seu ‘cabelo afro’, em vez da educação livre de doutrinação e do Método Paulo Freire”. O (inacreditável) assunto do *tweet* foi precipitadamente associado ao Método Paulo Freire, mas por quê? A associação que o próprio Sérgio Camargo faz, entre educação antirracista e Paulo Freire, apesar de apressada, é um reconhecimento do caráter assumidamente transformador da prática freireana, portanto, é autoexplicativa da inquietação que causa.

No entanto, existe algo mais, presente em toda essa cruzada contra Paulo Freire, entre as ruas e as redes, desde

³⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/Russogado/status/1030661328275480576/photo/1>>.

³¹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Queima_de_livros_na_Alemanha_Nazista>.

³² Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ku_Klux_Klan>.

³³ Disponível em: <<https://twitter.com/sergiodireita1/status/1339903920806780931>>.

junho de 2013, que não pode nos escapar. Uma especificidade, certamente. Como já desenvolvi nos artigos sobre Abraham Weintraub e Milton Ribeiro, os pronunciamentos dos populistas de direita buscam sempre um efeito de “paralisa”, um estado de embasbacamento, seguido automaticamente de uma raiva incontida, de um revide. O resultado, calculado é manter um engajamento nas redes sociais que cristaliza posições antagônicas, uma polarização que serve de alimento para a dieta política irrazoável do extremismo. No caso, um “Método anti-Paulo Freire”.

Ataca-se Paulo Freire, contra Paulo Freire, mas também a favor da propagação das ideias e práticas neoliberais e populistas de direita. Ao atacar Paulo Freire, e o que o seu legado significa para a luta permanente por “mais educação”, pública e popular, é cultivar também mobilização de um ativismo neoliberal e antirrepublicano, autoritário e fascista, que exige a prontidão também permanente de agitadores que se organizam para uma militância que se dá entre as ruas e as redes na propagação dos seus valores. Uma estruturação que conta ainda com os *indiferentes*, ou seja, aqueles que não aparecem tão engajados, mas tampouco contestam o caráter autoritário da sociedade brasileira, agora abertamente defendido como desejável.

Chamar Paulo Freire para a máquina de ódio das redes sociais (MELLO, 2020) ocorre, então, em razão da grandeza que adquiriu, e para demarcar um território político que o populismo de direita reservou para si: liderar um projeto arcaico e neoliberal, acentuadamente patriarcal, racista e misógino, portanto, ultracapitalista, com o qual pretende disputar os rumos da sociedade brasileira. A prática é a de que, perseguindo Paulo Freire, ganha-se também visibilidade e identificação, divide com maior nitidez o campo da política e o faz com uma propaganda ideológica que ganha adeptos enquanto mantém acesa a chama da ira – que nunca deixa de excitar seguidores. Que fazer?

Maria Firmina dos Reis

[06/03/2021]

Um suposto retrato da escritora Maria Firmina dos Reis já esteve em exposição na Câmara de Vereadores de Guimarães, no Maranhão, localidade para a qual se mudou quando tinha cinco anos. A pesquisadora Régia Agostinho fez um registro fotográfico da imagem no local, em 2012. Tempos depois, quando voltou à Câmara de Vereadores, Régia Agostinho não encontrou mais o quadro. Na verdade, descobriram que não era Maria Firmina dos Reis³⁴. Entre as muitas invisibilidades da escritora, nascida em São Luís, em 1822, está a da sua própria imagem. Primeira romancista negra do Brasil, Maria Firmina dos Reis publicou, no ano de 1859, **Úrsula**, uma obra antiescravagista que caiu no esquecimento e só foi redescoberta no ano de 1962, quando o colecionador Horácio de Almeida encontrou um exemplar do livro em um sebo na cidade do Rio de Janeiro.

Na capa de **Úrsula** constava apenas “Uma maranhense”. Horácio de Almeida pesquisou até encontrar como autora o nome de Maria Firmina dos Reis. Em 1975, mais de cem anos após a publicação original, a Imprensa do Governo do Maranhão editou uma versão facsimilar da obra³⁵. Atualmente, **Úrsula** possui diferentes edições, Maria Firmina dos Reis é estudada em universidades e é reconhecida como autora precursora na literatura feminina, especialmente lembrada pelo significado da sua escrita para as lutas de reconhecimento da história cultural e identidade negra na sociedade brasileira. Conheci a obra e a autora apenas

³⁴ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53411587>>.

³⁵ Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/edicoes-3/>>.

recentemente, mas logo observei sua importância para o meu trabalho como professor na universidade.

Leccionando na Baixada Fluminense, no curso de Pedagogia³⁶ e na Pós-Graduação em Educação³⁷ da UFRRJ, tenho procurado referências para o meu trabalho que correspondam às concepções emancipatórias que Paulo Freire desenvolveu com seu Método de alfabetização, mas que podemos considerar também em muitos outros contextos educativos. Em **Educação como prática da liberdade**, publicado em 1967, Paulo Freire observa sobre a escolha das *palavras geradoras*, destacando a importância de considerar o “sentido existencial” e o “conteúdo emocional” dos vocábulos escolhidos. O chamado Método Paulo Freire foi desenvolvido para campanhas de alfabetização dirigidas a diferentes regiões e populações, no começo da década de 1960, é oportuno lembrar.

Já no século XXI, Paulo Freire poderá ser recomendado ainda, mas diante de realidades e situações muito diversas e transformadas, se comparadas àquelas que ele experimentou à época da criação do seu Método. Inclusive, como secretário de Educação da cidade de São Paulo, entre os anos de 1989 e 1991, já possuía desafios que não eram idênticos àqueles das campanhas de alfabetização. Atuando no magistério superior na área de Educação, vejo que elementos que fazem parte do Método Paulo Freire, posso utilizá-los agora também. Na graduação tenho lecionado Currículo e adotei Maria Firmina dos Reis como leitura do curso. A teoria do Currículo lida com questões de poder que podem ser desenvolvidas em diálogo com Paulo Freire.

³⁶ No Instituto Multidisciplinar, campus da UFRRJ na cidade de Nova Iguaçu.

³⁷ No Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ).

Já no final de fevereiro de 2021, mês que iniciamos o período letivo na UFRRJ, leio que o presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Alexandre Ribeiro Pereira Lopes, foi demitido em decorrência de uma questão no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que abordava a diferença salarial entre Marta e Neymar³⁸. “Não tem que ter comparação. O futebol feminino ainda não é uma realidade no Brasil”, disse o presidente Bolsonaro³⁹, que achou necessário comentar uma questão do ENEM. Vigilância sobre “ideologia de gênero” que já havia sido prometida⁴⁰. Gênero é um dos temas de agitação política do presidente. Faz parte das “guerras culturais”.

A presença das pautas políticas de gênero e raça interpelam práticas de poder amplamente estabelecidas na sociedade brasileira e, assim, inquietam aqueles que se sentem ameaçados, questionados ou impedidos a propósito dos privilégios e garantias que contavam. As conquistas que essas lutas obtêm ampliam os espaços para aqueles que até então eram menos visíveis ou absolutamente invisíveis em tantos espaços da vida social. Como territórios disputados, ocorrem deslocamentos que as elites sentem e muitas vezes reclamam até de modo arbitrário e fascista, no limite. Mas mesmo entre as classes populares ou média baixa pode ocorrer também uma adesão ao discurso e à prática do opressor.

Um dos primeiros temas da **Pedagogia do oprimido**, obra publicada em 1970, é o problema da *hospedagem* do opressor

³⁸ Disponível em: <<https://esporte.ig.com.br/futebol/2021-02-27/questao-do-enem-envolvendo-marta-e-neymar-provoca-queda-do-presidente-do-inep.html>>.

³⁹ Disponível em: <<https://esporte.ig.com.br/futebol/2021-01-18/bolsonaro-critica-enem-por-comparar-neymar-e-marta-feminino-nao-e-realidade.html>>.

⁴⁰ Disponível em: <<https://pleno.news/educacao/governo-vai-remover-questoes-de-ideologia-de-genero-do-enem.html>>.

no oprimido. A pedagogia do oprimido é uma prática da liberdade porque significa também uma ruptura com o opressor que abrigamos no nosso corpo. Maria Firmina dos Reis (2018, p. 47) inicia seu romance **Úrsula** vacilando sobre a própria importância da sua obra “porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados (...)”. Em uma sociedade que é Império, patriarcal e escravocrata, ela, como mulher negra, testemunha sobre o privilégio masculino e branco, especialmente entre os homens que tiveram acesso à educação e a uma formação socialmente valorizada pelo poder.

Mesmo assim, Maria Firmina dos Reis ousa escrever e publicar, disputando um território que era destinado aos homens, praticamente de forma exclusiva. Seu nome não aparece no frontispício da sua obra e mesmo a sua publicação permanecerá invisibilizada por um século. É, portanto, a contrapelo dos condicionamentos do seu tempo, que ela escreve um romance como “prática da liberdade” e faz uma “literatura do oprimido”, rompendo amarras. E não lhe escapava o significado pedagógico da sua publicação, que ela tinha consciência: “Quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada (...)” (ibidem, p. 48).

Por “educação mais acurada”, podemos entender aqui uma educação que proporcione à mulher um modo de expressão mais próspero e, como consequência, uma presença mais garantida, de uma maior visibilidade no meio social. Portanto, a luta de Maria Firmina dos Reis também é pela educação como “prática da liberdade”. Importante destacar que entre as informações biográficas que existem sobre Maria Firmina dos Reis, sabemos que ela foi professora concursada, aprovada em 1847. Em 1880, criou ainda uma pioneira escola gratuita e que admitia crianças de ambos os sexos. Em **Úrsula**, encontramos de modo convergente a

questão da emancipação dos escravos, a autonomia feminina e a promoção da educação.

Entramos agora no enredo do livro e a solução estética encontrada por Maria Firmina dos Reis para elaborar o seu lugar de fala como mulher negra em uma sociedade patriarcal e escravocrata. **Úrsula** tem uma forma melodramática para narrar as desventuras de dois protagonistas e amantes brancos, Tancredo e a própria Úrsula. Uma história de amor contada com elementos de um gênero já praticado. No entanto, o que existe de modo emergente na obra e atravessa o tempo até nos encontrar, cem anos mais tarde e até agora possui prevalência, é a presença de dois personagens negros e escravizados, Túlio e Susana. É por meio destes dois personagens que Maria Firmina dos Reis singulariza sua escrita.

Túlio e Susana são dois personagens secundários, poderíamos dizer, coadjuvantes de uma trama com personagens mais importantes, mas que na verdade possuem as vozes mais marcantes porque são aquelas que comunicam ao leitor sobre suas existências, além do livro. As vozes de Túlio e Susana relatam suas vidas, condicionadas pela violência da escravidão, mas que ainda hoje são vozes de quem está oprimido pela branquidade, pelo falocentrismo e o eurocentrismo, matrizes do poder na formação do mundo moderno, que subsiste na realidade da pós-colonialidade. Túlio se dirige a Tancredo: “Único que soubeste compreender a amargura do escravo!” (ibidem, p. 66). Apesar da concessão ao personagem masculino protagonista no livro, é um testemunho do fato totalitário da escravidão.

Susana, uma senhora com idade mais avançada, possui uma memória da própria África e, assim, restitui os vínculos dos escravizados, que destituídos das suas histórias, através da lembrança, podem tecer um novo caráter para suas presenças no mundo. Em uma conversa com Túlio, diz Susana: “Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu

Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudeste avaliar!...” (ibidem, p. 122). Em **Úrsula**, encontramos, portanto, uma alteridade que a memória liberta às avessas do poder senhorial. O que Maria Firmina dos Reis transpõe para a ficção é uma realidade que ainda dura no tempo, uma liberdade pela qual ainda se luta.

Maria Firmina dos Reis ainda nos fala à realidade, através de Túlio e Susana. Dois personagens que inserimos assim, por uma aproximação histórica, no “sentido existencial” e “conteúdo emocional” que Paulo Freire vê como condição para uma educação como prática da liberdade. Na sociedade brasileira, em razão das recomposições que as elites sempre operam, os temas mais graves de uma época histórica atravessam o tempo. A redescoberta de um romance esquecido nos coloca diante do jogo do poder sobre as visibilidades e as invisibilidades. Com a teoria e a prática do currículo, jogamos uma partida que é da *partilha do sensível*. Propriamente, o currículo como partilha do sensível (RANCIÈRE, 2009).

A Pedagogia da autonomia e o desenvolvimento do protagonismo docente e discente⁴¹

[23/04/2021]

Começo com uma recordação escolar. Entre os anos de 1993 e 2006 lecionei na rede pública municipal do Rio de Janeiro. No período, estive em várias escolas, a última delas no bairro de São Cristóvão. Não me lembro mais com precisão o ano quando me transferi para a escola, talvez em 2001. Existe, no entanto, entre as muitas histórias que poderia contar sobre aqueles anos, uma que é especialmente interessante, a propósito do Paulo Freire. Recentemente chegado à escola, eu me surpreendo com alguém lendo o livro **Pedagogia da autonomia**. Naquela época, eu estava cursando o meu doutorado em Educação e já lecionava em algumas instituições privadas no curso de Pedagogia. Então, foi com muita curiosidade que me deparei com um leitor do Paulo Freire ali.

Logo descobri que se tratava do inspetor. Ele aproveitou algum momento mais calmo do cotidiano da escola para estudar. Era estudante de Pedagogia. Então, eu gostaria de usar essa minha recordação de professor do magistério básico para afirmar que o lugar do Paulo Freire é exatamente na escola pública. Não apenas, naturalmente. Quero apenas enfatizar que é aí, nas grandes redes públicas, municipais e estaduais, que o conhecimento da obra do Paulo Freire é tão importante porque mais decisivo para seus(uas) professores(as) e alunos(as). A escola pública é a escola frequentada pela maioria popular e nela, tantas famílias,

⁴¹ Artigo que escrevi para a minha participação em uma *live* de formação para professores(as) da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), no dia 22 de abril de 2021.

crianças e jovens depositam suas esperanças por algo melhor para as suas vidas.

Pedagogia da autonomia foi publicado em 1996, um ano antes da partida de Paulo Freire. Foi seu último livro publicado em vida e pode ser lido como um pequeno manual para o ensino. O subtítulo é bastante indicativo disso: “Saberes necessários à prática educativa”. No livro, encontramos, vamos dizer assim, uma série de códigos freireanos, sempre iniciados por “Ensinar...”. Entre eles, “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”. Para falar sobre a “pedagogia da autonomia” é um bom início entender que, para Paulo Freire, a educação não é somente uma prática de transmissão de conteúdo, mas, sobretudo, uma ação de mudança no mundo.

Ainda que em **Pedagogia da autonomia** o verbo *ensinar* apareça inúmeras vezes, isso se aplica ao caráter de grande difusão pretendida pela obra. Inclusive, as primeiras edições eram versões de bolso e papel barato. No entanto, o estudo da obra mostra uma concepção de educação complexa quando observamos os pressupostos do ensino para Paulo Freire. Ou seja, não é o habitual ensinar-aprender instrumental das concepções tradicionais da educação. Uma leitura mais ligeira pode entender a série de “Ensinar...” que divide o livro em partes, como pura prescrição. Mas é na discussão das teses de Paulo Freire ali apresentadas que vamos ampliando o significado do “ensinar” que aparece na obra.

Logo no início da seção sobre “a educação como forma de intervenção no mundo”, Paulo Freire apresenta um importante elemento da sua antropologia da educação. A prática educativa é uma “experiência especificamente humana”, ele diz, para explicar sobre seu caráter de “intervenção no mundo”. Na **Pedagogia do oprimido**, Paulo Freire já havia desenvolvido a questão falando da diferença entre os homens e os outros animais. Todos os seres são inacabados, mas apenas os homens se sabem inacabados.

Consciência que faz da educação um “quefazer permanente”, portanto, uma “intervenção no mundo”, sempre. Para dizer sobre o protagonismo docente e discente em Paulo Freire, é fundamental entender o significado da educação para ele.

Paulo Freire atribuía um significado humano à educação, mas não de modo absolutamente indiferente à história das sociedades, é importante observar. Humano aparecia para ele como um processo, a humanização, que só acontece na vida social e politicamente desenvolvida. Trata-se de uma questão presente desde o início da obra de Paulo Freire. Nas obras **Educação e atualidade brasileira** e **Educação como prática da liberdade**, publicadas, respectivamente, em 1959 e 1967, Paulo Freire problematizou sobre a educação diante do que chamou de “sociedade brasileira em transição”. É uma discussão que faz parte do “primeiro Paulo Freire” e é muito esclarecedora para a compreensão da importância social e política que reivindicava à educação.

Paulo Freire observou sobre a necessidade humana da integração com o seu tempo. Não apenas estar *no* mundo, mas *com* o mundo. É preciso reagir à sua época, conhecer os temas fundamentais do seu tempo e atuar sobre eles. No entanto, não existe uma consciência imediata a respeito dos problemas desafiadores de cada época. Nas sociedades modernas existe a massificação como névoa da consciência e domesticação dos homens. Os mitos e a publicidade organizada, identifica Paulo Freire, estão nos fundamentos da massificação. O homem aqui é um mero espectador do seu tempo, já que não consegue visualizar seus temas de modo apropriado.

Para Paulo Freire, já na publicação de **Educação e atualidade brasileira**, no final da década de 1950, notem bem, durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) e ambiente cultural do debate desenvolvimentista na sociedade brasileira, o país encontrava-se “em transição”. Na obra de 1959, mas também em **Educação como prática da liberdade**, Paulo Freire refere-se ao país como uma

“sociedade fechada” frente à história colonial e dependente, mas que experimentava mudanças em razão do processo de modernização – por isso uma “sociedade em transição”. No livro de 1967 (que já estava escrito em 1965), ele vai observar que o golpe civil-militar de 1964 significou novo fechamento para a sociedade brasileira. Desta análise que faz sobre a “sociedade brasileira em transição”, importante acompanhar como ele via o papel da educação.

A problemática da “sociedade em transição”, para Paulo Freire, está na consideração que ele fez a respeito da educação nesse processo. A sociedade em transição supõe um engajamento popular na sua passagem. Ocorre que a sociedade brasileira se caracterizava por uma “inexperiência democrática” e a participação popular não ocorria como necessária. Sem uma integração entre povo e o que emergia no país, a transição não poderia acontecer se não de modo deteriorado, prevalecendo formas de consciência fanatizada, como ele caracterizava. Portanto, é aí que entra a educação como ação para aquisição de uma consciência crítica compatível com um curso socialmente desenvolvido para o país em transição.

A educação é considerada por Paulo Freire, nas suas duas primeiras obras, como um ato político que permitia sincronizar, então, o tema da época para a sociedade brasileira com a atitude mental do povo. Para tal, ele realizou também uma crítica muito enfática sobre a educação que prevalecia e precisava ser mudada, exatamente para acompanhar o que requeria a sociedade brasileira em transição. Quase todo o **Educação como prática da liberdade** recupera o debate que Paulo Freire havia feito em **Educação e atualidade brasileira**, mas principalmente com o acréscimo da sua observação sobre o golpe civil-militar de 1964, além de aquisições bibliográficas, como **Os condenados da Terra**, de Frantz Fanon.

O quarto e último capítulo de **Educação como prática da liberdade** e o Apêndice, contudo, constituem um material

novo e um acréscimo fundamental, que caracteriza o tempo transcorrido entre as duas obras. É nesta parte final do livro que Paulo Freire vai abordar sua trajetória nas campanhas de alfabetização já no início da década de 1960. Ele vai caracterizar, por exemplo, o Método Paulo Freire de alfabetização. Remeto a um texto anterior, “Facilitador(a) x coordenador(a) de debates: Qual o lugar do(a) professor(a) durante a pandemia da Covid-19?” O que gostaria de reter aqui é a “revolução copernicana”, que constituía o Círculo de Cultura diante da sala de aula tradicional.

No **Dicionário analógico da língua portuguesa**, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, reconhecemos que a concepção de autonomia se encontra associada às ideias de liberdade e de ausência de autoridade. Como se vê, não se trata de uma equação simples resolver o que é “autonomia”. Parece bom e parece ruim, ao mesmo tempo, se pensarmos na vida das escolas. Uma maneira de lidar com a sensação vacilante que a palavra provoca é, no caso do seu uso por Paulo Freire, percorrer os caminhos que deram fundamento à sua visão pedagógica de *autonomia*. Foi o movimento que tentei realizar lembrando particularmente do Paulo Freire de **Educação e atualidade brasileira** e **Educação como prática da liberdade**.

Nos Círculos de Cultura, a experiência do diálogo desloca as figuras fixas do educador e do educando, de quem ensina e de quem aprende. O educador é um “coordenador de debates” e o educando, um “participante do grupo”. Trata-se de um encontro para descobertas e aprendizagens mútuas. Um grupo que deve investigar os temas da sua época para uma conseqüente presença no mundo. Daí o sentido de uma “educação como prática da liberdade” e, também, de uma “pedagogia da autonomia”. A autonomia, portanto, em Paulo Freire, tem o sentido radical da liberdade, e a autoridade só pode existir aí como uma experiência compartilhada.

Qual o currículo da pandemia?

[16/05/2021]

A “Ciência dos Memes” explica muita coisa. Um dos melhores memes que traduz perfeitamente uma angústia dos(as) professore(as) nas aulas *on-line* é aquele em que Jesus pergunta: “Estão me ouvindo?” Trata-se de uma intervenção na conhecida imagem **A Última Ceia**, de Leonardo da Vinci. Na representação original, Jesus, no centro da imagem, está na companhia dos apóstolos, mas no meme ele está sozinho na parte inferior de uma tela e os apóstolos aparecem na parte superior, cada um em uma tela menor, tal como vemos nas reuniões *on-line* com vários participantes. Ou seja, diferente do encontro “presencial”, quando todos estão juntos proximamente, no meme todos aparecem reunidos também, mas “remotamente”.

Estão todos juntos através da comunicação digital, é verdade, mas há também um vazio suspeito, quando Jesus pergunta: “Estão me ouvindo?” É um episódio comum nas aulas *on-line*, quando não estamos certos se alguém realmente nos ouve. Eu mesmo já fiz essa pergunta várias vezes nos meus cursos, na graduação e na pós. A experiência do encontro virtual em que o ensino foi lançado desafiou nosso cotidiano de professores(as) e uma das inseguranças que nos ocorre é se não estamos “sozinhos”, na verdade. A dúvida parece perguntar sobre o funcionamento de tudo, se estamos realmente conectados, mas é ainda bem mais do que isso. Na verdade, trata-se de uma pergunta que reclama sobre o deserto existencial da quarentena: “Alguém aí fora, no mundo?”.

Durante a pandemia, que ainda está longe de encontrar o seu fim, em maio de 2021, quando escrevo agora, a situação educacional do país, apesar de muito variável, para as chamadas grandes redes públicas, de um modo geral, é

bastante ruim. A alternativa da educação *on-line* para responder à necessidade do distanciamento social foi bastante insatisfatória para tantos jovens e crianças. O fato de que está tudo muito mal para esses estudantes é absolutamente constrangedor para a educação brasileira. Em uma reportagem para o jornal **El País**⁴², uma jovem estudante do ensino médio, diz sobre a sua situação: “Não estudo nada há um ano”. Stephany Rejani, de 20 anos, é moradora da Zona Leste de São Paulo. Ela simplesmente abandonou os estudos para cuidar das tarefas domésticas.

O que mais me comoveu no depoimento de Stephany Rejani foi a declaração de que esperava um dia chegar à universidade e cursar Pedagogia, curso em que sou professor, na UFRRJ. Desejo difícil de alcançar diante das dificuldades com que se depara, inclusive como mulher e mãe, em uma sociedade patriarcal. Talvez ela mesmo pudesse perguntar: “Estão me ouvindo?”

Como professor eu me sinto bastante impotente e sem nada poder fazer por uma jovem que gostaria de seguir estudando. Mas eu me pergunto também, a respeito das minhas alunas na universidade, “Será que estão conseguindo?”. No domingo, dia 2, recebi a notícia da morte de uma aluna que cursava uma das minhas disciplinas – Currículo – na graduação. Ela tinha sido intubada e não resistiu à Covid-19.

Minha aluna estava ativa e estudando. Assistiu a todas as aulas síncronas do meu curso e havia realizado também os trabalhos propostos. Foi desolador. No dia seguinte, uma segunda-feira, eu tomei a primeira dose da vacina. Não consegui dar a notícia nas minhas redes sociais sobre um momento pessoalmente tão esperançoso. Parecia constrangedor, depois

⁴² Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-04-13/nao-estudo-nada-ha-um-ano-fico-em-casa-limpando-e-cozinhando.html?prm>>.

da morte de uma aluna que não tinha sido imunizada ainda. Entre o domingo e a segunda-feira, minha angústia sobre o meu próprio trabalho como professor alcançou o ponto máximo. Eu me perguntava: “Será que me ouviram durante o período?”. Mas também: “O que eu deveria estar ensinando durante a pandemia?”. E por força da própria disciplina que ensino: “Qual o currículo da pandemia?”.

Quando o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, há um ano, em abril de 2020, sugeriu ao presidente, aproveitar o momento pandêmico para “passar a boiada”, ou seja, alterar regras de proteção ambiental⁴³, houve muita comoção. No entanto, o que ele propôs, ser veloz e tirar vantagem, aproveitando a situação de atordoamento em que muitos estão vivendo, é o que está acontecendo, onde for possível (ou impossível). O que assistimos, na vida acadêmica, por exemplo, foram muitas prorrogações. O tempo foi distendido para caber tudo ou mais ainda. Vivemos uma era de muitas adições ao tempo. Os algoritmos servem para isso: acompanhar conteúdos que já não conseguimos acompanhar normalmente. À diferença de outras possibilidades de cálculo, nossa vida já é integralmente guiada pela vertigem dos resultados.

Quando a teoria do currículo surgiu, nas primeiras décadas do século XX, constituía um problema para o governo da população. Qual o currículo para uma população que crescentemente ingressava à escolarização, integrava cada vez mais a dinâmica da sociedade industrial e habitava as cidades do mundo moderno? Eis um problema para o poder resolver. De outro modo, qual sujeito para qual sociedade? É o problema fundamental da teoria do currículo. Hoje me deparo com o problema do ensino durante a pandemia e me pergunto também, qual o currículo para um mundo em

⁴³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>>.

emergência epidemiológica? A erupção da pandemia não é um acontecimento que deveria chamar a nossa atenção para a necessidade de desacelerar o tempo?

O currículo que importa ao poder é o de não nos deixar parar para pensar, como sugeriu o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. O que ele cometeu foi uma indiscrição, nada mais. Seu pensamento já é prevaletente. Sua inconveniência foi compartilhar a verdade para que todos pudessem ouvir, sem subterfúgios. A grita geral é apenas uma forma envergonhada ao precisar lidar com a nossa própria mentalidade agora. A possessão capitalista do planeta é simultaneamente o controle da subjetividade humana e não há como parar verdadeiramente a degradação ambiental sem cessar a degradação da nossa própria existência também, entregue à velocidade da acumulação capitalista. Não há sustentabilidade alguma, ambiental ou educacional, enquanto toda subjetividade for uma correspondência cognitiva do mundo burguês.

Em **Educação como prática da liberdade**, publicado em 1967, Paulo Freire fala-nos (1994, p. 51) sobre os “temas fundamentais” do nosso tempo – de cada época histórica. Ele diz: “As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma ‘elite’ que as interpreta e lhes entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida.” Paulo Freire elabora aí uma discussão sobre a “sociedade brasileira em transição” e a conseqüente gravidade do tempo, à sua época, para o país. Ele retoma uma discussão que já havia feito em **Educação e atualidade brasileira**, de 1959. Para ele, o processo de modernização da sociedade brasileira colocava o país diante da necessidade de uma integração do povo à sociedade em transformação – processo abortado em 1964 pelo golpe civil-militar.

O que gostaria de resgatar da discussão que Paulo Freire faz quando se refere aos “temas fundamentais” de cada época é a ideia mesmo da necessária integração a esses temas para

que uma nova realidade se desenvolva, ou seja, da necessidade de captação das contradições da época e opção libertadora. A educação é uma ação fundamental para que o caminho a seguir constitua uma alternativa às elites e seus programas de conservação. No entanto, a educação será conservadora se a sua realização não formar atitudes coerentes com a necessária ruptura com o atraso e adesão ao que anuncia uma direção socialmente mais avançada quando nos encontramos entre o arcaico e o que constitui uma futuridade.

“Estão me ouvindo?” é a pergunta essencial que deflagra o incômodo de pertencer a uma época que parece ter perdido o senso de autonomia. O que estamos fazendo agora, durante a pandemia? Será que já paramos para pensar sobre a nossa atividade durante o distanciamento social? Como educadores, então, qual a nossa formulação sobre a época de emergência epidemiológica? Qual o currículo a ser adotado no ensino remoto? Aquele que predispõe ao desastre planetário que a velocidade do mundo burguês nos coloca em rota de destruição ou que interpela sobre a nossa presença no mundo e adverte sobre a necessidade de outros caminhos a seguir? O currículo da pandemia é aquele que precipita a morte. Em tempos de produção insustentável do espaço geográfico, um vírus mortífero se multiplica pelo planeta através de um contágio exponencial. Que fazer desde a educação?

Em um dos últimos parágrafos que escreveu antes de partir, quando preparava um novo livro, em 1997, disse Paulo Freire (2000, p. 67): “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Está em **Pedagogia da indignação**, livro póstumo. Mesmo sem toda a expectativa que depositava na educação para a mudança, tal como aparecia em **Educação e atualidade brasileira** e em **Educação como prática da liberdade**, Paulo Freire insistiu na sua importância política até nos deixar. A pandemia é fantasmática. Faz parte da quimera de uma existência ilimitada e constitui o seu negativo. Precisa ser assumida

como um dos “temas fundamentais” da nossa época para desvelarmos sua natureza e porque está nos possuindo mortalmente. “Estão me ouvindo?”

Estarei preparando a tua chegada⁴⁴

[05/06/2021]

O que é “esperançar” em Paulo Freire?

O último Paulo Freire, como gosto de identificar, sobretudo nos seus escritos da década de 1990, falou muitas vezes da esperança. Obra publicada em 1992 teve, inclusive, como título: **Pedagogia da esperança**. Gostaria de lembrar também um artigo que escreveu em dezembro de 1996, portanto, muito próximo da sua partida – “Educação e esperança” –, incluído no seu livro publicado postumamente, **Pedagogia da indignação**. São duas referências que vou utilizar aqui para discutir o *esperançar freireano*. Mas para situar o interesse mesmo por essa discussão agora, deveríamos nos perguntar, ainda, qual o sentido de falar sobre a esperança em Paulo Freire no momento?

O fato é que estamos no meio da pandemia da Covid-19 e a efeméride do centenário de Paulo Freire é também a procura por uma voz que pudesse nos amparar diante de tantas mortes e que nos fizesse acreditar que tudo vai passar e que vamos nos recuperar para seguir com as lutas de sempre, mas em um tempo menos asfíxiante. Começo a escrever na manhã do dia 22 de maio. 442.049 óbitos no Brasil, 3.417.682 no Mundo⁴⁵. E a emergência epidemiológica não é tudo. Observando o que acontece em toda parte, é mais a ruína de uma civilização o que vemos. Ou pelo menos

⁴⁴ Texto que escrevi para a minha participação na *live* de Abertura do III **Ciclo do Pedagogia na Quarentena**, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FEUFRJ), no dia 24 de maio de 2021. Tema proposto para a *live*, que foi dividida com Daniel Cara (USP): “Esperançar e resistir: dialogando com o pensamento de Paulo Freire”.

⁴⁵ Disponível em: <<https://dadoscoronavirus.dasa.com.br/>>.

parece que estamos próximos disso. Então, resta-nos procurar alguma diferença a nosso favor, algo mais prometedora para a nossa presença no mundo agora.

Paulo Freire tem uma palavra para este momento que vivemos: esperança. Portanto, o centenário de Paulo Freire é, não apenas uma oportunidade, mas uma necessidade também, para prestar atenção ao que ele dizia quando falava em esperança.

Mas antes de ouvir o Paulo Freire da década de 1990, vamos retornar um pouco mais, até 1971, para ler um poema que ele escreveu naquele ano.

Canção óbvia

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um
tempo de quefazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,:
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso, esperar, na forma em que esperas,
porquê êsses recusam a alegria de tua chegada.

Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque êsses, ao anunciar-te ingênuamente ,
antes te denunciam.

Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.

“Canção óbvia” foi escrita em Genebra, cidade em que morou quando se mudou para a Suíça, em fevereiro de 1970, para ser consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas (CMI). Sobre qual espera(nça) nos fala Paulo Freire? Importante observar o exílio forçado de Paulo Freire, após o golpe civil-militar de 1964, exatamente quando ele assumiu a responsabilidade de liderar o Programa Nacional de Alfabetização, instituído pelo presidente João Goulart. Resultado da bem-sucedida campanha de alfabetização em Angicos/RN, o Método Paulo Freire seria adotado também na campanha nacional. O golpe lançou Paulo Freire no estrangeiro, na sequência: Bolívia, Chile, EUA e Suíça.

Paulo Freire só conseguiu voltar ao Brasil em 1979, depois de 16 anos de exílio, em uma passagem rápida. No ano seguinte, em 1980, dá-se seu retorno definitivo. Uma volta ao país apenas com a garantia da Lei da Anistia. Durante o exílio, Paulo Freire precisou lidar com a experiência do tempo, depois de uma saída não pretendida do país, mas necessária para escapar do arbítrio da ditadura militar. Em 1971, recém-chegado à Europa, ainda não sabia quando seria possível retornar. Esperar é uma experiência para resistir à nossa falta de imunidade natural contra a inconstância do tempo. Não existem certezas sobre o que virá e a esperança é uma alternativa a ser elaborada, sem a qual os dias se tornam muito mais difíceis de suportar. O tempo é uma irresolução cuja ansiedade só intensifica o custo da insegurança.

Paulo Freire nos fala, em “Canção óbvia”, da potência da esperança, mas nos mostra os cuidados necessários também, porque se trata de um sentimento que pode ser acompanhado de ações conflitantes com o sentido que ele propõe aí. Preocupação que permanecerá nas suas citações posteriores sobre esperança. Se consultarmos o verbete esperança no **Dicionário analógico da língua portuguesa**, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, vamos encontrar como ideias afins a *esperar*, entre outras, “ter em perspectiva” e “construir castelos na areia”. Ou ainda, “contar com a probabilidade de êxito” e “embalar ilusões”. Não são atitudes propriamente correspondentes, então. Ter esperanças não é algo de que o significado esteja fechado.

A “pura espera”, adverte Paulo Freire, não é a esperança legítima para aqueles que podem “sentir que dias mais felizes o aguardam”, outra ideia afim a *esperar*. Apesar do contexto histórico que atravessou muitos países da região no período, com golpes de Estado e ditaduras, motivo do exílio para Paulo Freire, em “Canção óbvia” existe uma dimensão mais pessoal em evidência. Já nas referências que Paulo Freire faz ao longo da década de 1990 sobre a “esperança”, há uma perspectiva mais social e coletiva em vislumbre. Inclusive, o contexto histórico já está transformado – ou está em transformação, se quiserem. Paulo Freire está atento à virada neoliberal, suas implicações e reações a ela.

David Harvey (2014, p. 11), no livro em que faz uma breve história do neoliberalismo, começa com o seguinte comentário: “Os futuros historiadores poderão coerentemente ver os anos 1978-80 como um ponto de ruptura revolucionário na história social e econômica do mundo”. Quando Paulo Freire publica **Pedagogia da esperança**, em 1992, o subtítulo diz: “um reencontro com a pedagogia do oprimido”, alusão à sua obra mais famosa, publicada primeiro nos EUA, em 1970, mas que já estava escrita em 1968. Reencontro sim, mas agora, a história é outra.

Na década de 1990, já estamos um pouco distantes da chamada política das gerações que viveram mais engajadas na luta pela mudança social nos anos sessenta e ainda nos primeiros anos da década seguinte, pelo menos.

Nas “Primeiras palavras” de **Pedagogia da esperança**, Paulo Freire (2011c, p. 13) expõe uma questão, proposta por um conhecido: “Mas como, Paulo, uma *Pedagogia da esperança* no bojo de uma tal sem-vergonhice como a que nos asfixia hoje, no Brasil?”. Importante lembrar o ano de 1992 no país. Foi de grande escândalo sob a presidência de Fernando Collor de Mello, terminando com o seu *impeachment*, em 29 de dezembro. De todo modo, anota Paulo Freire (ibidem, p. 14): “A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir ao fatalismo em que não é possível juntas as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo”. Diante da virada neoliberal, Paulo Freire irá, ao longo da década de 1990, fazer muitas advertências sobre o fatalismo.

Mundo é uma das categorias mais presentes, ao longo da obra de Paulo Freire. A presença no mundo, libertadora, porque transformadora, é o motivo da pedagogia freireana. O fatalismo favorece o opressor porque desagrega nossas capacidades de atuação, ou seja, de recriar o mundo. Então, Paulo Freire (ibidem) dirá também: “Não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho”. No artigo “Educação e esperança”, para falar da esperança, Paulo Freire (2000, p. 113) explora o tema da História como “tempo de possibilidade”, observando sobre os condicionamentos da existência humana, mas recusando qualquer determinação.

Em “Educação e esperança”, Paulo Freire (ibidem, p. 115) também se opõe à “ideologia fatalista” de matriz neoliberal e consequente despolitização da educação. No lugar de *formação*, passamos a admitir a educação como *treino*. A pedagogia crítica aqui é vendida como uma concepção já ultrapassada pelo tempo. Contrariando, então, todo discurso

de aceitação e acomodação, Paulo Freire irá enfatizar a “luta pelo sonho” como um valor da presença no mundo. Ter esperança é considerar que apesar da opressão que parece ter vencido a ideia mesmo de transformação do mundo, não há “fim da história”, tampouco educação propriamente dita sem intervir nas condições da nossa existência.

Quando terminava de escrever este texto, casualmente, assisti ao filme **Life – Um Retrato de James Dean** (2015), dirigido por Anton Corbijn. Um pouco distraído, repentinamente, vi um dos personagens dizer: “vivemos com esperança”. Digo “repentinamente” porque, agora, durante a pandemia, com o tempo em suspensão, já que não sabemos, verdadeiramente, quando voltaremos a viver de modo menos ansioso, estamos mais ensimesmados com o risco da Covid-19 e uma mensagem de esperança parece ter me atingido, saída de outro lugar. Paulo Freire, no seu centenário, não está mais entre nós, mas é uma voz que também nos toca agora, sobre a necessidade da esperança. Não qualquer esperar, mas aquele que nos faz “lutar pelo sonho” como outra forma de atravessar a inconstância do tempo.

Educar com a mídia na pandemia?⁴⁶

[10/07/2021]

Educar com a mídia: Novos diálogos sobre educação, publicado em 1984, é um dos “livros falados” de Paulo Freire com Sérgio Guimarães. Originalmente, o livro foi publicado com o título **Sobre educação: Diálogos II**. A mudança do título ocorre na edição de 2011, quando a questão dos usos dos meios de comunicação na educação já havia adquirido uma visibilidade maior e agora, quase 40 anos após a sua primeira publicação, constitui um tema incontornável, durante a pandemia. O novo nome da obra praticamente atualiza seu conteúdo, talvez já esquecido pelo tempo. O fato é que as tecnologias estão ainda mais desenvolvidas para usos educacionais e os conceitos também, mais associados às tecnologias digitais.

Lá se vão cem anos do nascimento de Paulo Freire, que acontece em meio a uma pandemia viral. Estamos a perguntar na data comemorativa: Paulo Freire teria alguma coisa a nos dizer, de mais específico, sobre os desafios da educação popular e a da comunicação durante a pandemia da Covid-19? Entre os textos anteriores, abordei também algumas questões mais amplas possíveis de abordar com Paulo Freire agora, mas será que poderíamos falar em “educar com a mídia *na pandemia*”, acompanhando a discussão que fez em **Educar com a mídia?** De todo modo, importante dizer que não devemos transmitir para Paulo

⁴⁶ Texto escrito para a minha participação no painel “Paulo Freire e educar com a mídia na pandemia” durante o **International Forum on Global South Studies**, organizado pela Universität Tübingen, na Alemanha, em 9 de julho de 2021.

Freire nossas responsabilidades, não é ele que poderá nos dizer, como um critério de autoridade, o que fazer agora. O risco é por nossa conta.

Com a ressalva sobre o que nos pertence, intransferível para qualquer autor ou autora que não vivenciou as nossas urgências, naturalmente, não há problema algum em conversar com a obra de quem quer que seja. Desejável, até, quando contribui para pensarmos nossos impasses, sobretudo. Acredito que encontramos em **Educar com a mídia** uma interlocução válida, apesar da relativa distância que nos separa no tempo da publicação original. Mas acredito também que qualquer abordagem com consequências práticas sobre a educação, sobretudo pública e popular, não pode ser feita sem a democratização da própria discussão. Freireanamente falando, deve ser realizada ouvindo e decidindo com todos os(as) interessados(as).

Portanto, não se trata de encontrar em Paulo Freire uma voz para ações arbitrárias. Logo no início da conversa gravada com Sérgio Guimarães, Paulo Freire (2011, p. 31) irá dizer: “uma das coisas mais lastimáveis para um ser humano é ele não pertencer a seu tempo”. Mas o que significa “pertencer a seu tempo” agora, no capitalismo tardio e durante uma pandemia? Assumindo que a resposta precisa ser construída com as classes populares – e não para elas – observando suas demandas e autonomia, o trabalho acadêmico é o da pesquisa e formulação, mas não de produção de verdades absolutas. Quem escreve a partir da universidade precisa praticar um observatório do poder da sua própria palavra, o quanto ela é ou não democrática.

Educar com a mídia acabou por adquirir uma importância insuspeita a respeito da sua fortuna. É um livro que vem para o primeiro plano entre aquelas leituras que poderiam ser conhecidas pelos estudantes de Pedagogia ou das licenciaturas agora, além dos próprios docentes da área de educação. Sobretudo, porque Paulo Freire analisa de

modo bastante razoável a existência dos meios de comunicação que poderiam e devem ser usados na educação, mas sem renunciar à criticidade. Já no final da conversa, Paulo Freire (ibidem, p. 122) não vacila para dizer: “não sou contra o uso dos computadores” e repete a afirmação sobre pertencer a seu tempo. Mas não irá dizer isso sem advertir sobre o interesse econômico da “penetração da informática nas escolas” (ibidem).

Eu destacaria, em **Educar com a mídia**, antes de tudo, seu amadurecimento político como uma contribuição à educação em uma época – início da década de 1980 – em que as criações e usos das tecnologias nos cotidianos está em aceleração, mas hoje alcança um ponto que Paulo Freire não chegou a conhecer, quando partiu, em 1997. Paulo Freire consegue fazer uma discussão bastante competente para a época, referindo-se, inclusive, a experiências pedagógicas que podem ser perfeitamente desenvolvidas hoje e parecem corresponder, algumas vezes, às nossas novidades. A narrativa, por exemplo, sobre sua participação em um evento na Austrália, em meados da década de 1970, de uma transmissão em circuito fechado de TV lembra até as *lives* em um canal do YouTube.

Aliás, uma preocupação que aparece na conversa é a respeito da unidirecionalidade dos meios de comunicação de massa, que Paulo Freire até relativiza. Em uma abordagem muito plástica das mídias existentes à época, Paulo Freire (ibidem, p. 32-33) propõe “usar a televisão com ida e volta”, integrada ao uso também do telefone. O que percebemos do Paulo Freire sobre o uso dos meios de comunicação, é não apenas a admissão da sua legitimidade pedagógica, que ele transmite por meio de muitos exemplos que oferece, mas também uma imaginação sobre as tecnologias disponíveis e seu desempenho mais eficiente, considerando sua concepção dialógica da educação.

Não há, em **Educar com a mídia**, uma visão entusiasmada dos meios à disposição que não seja, na verdade, uma abordagem sobre a comunicação. Isto é muito importante diante da preocupação, hoje compartilhada por muitos, de uma liquidação do humano em favor das tecnologias, se usadas na educação. A abordagem do Paulo Freire em **Educar com a mídia** não foge da sua antropologia da educação. O problema que dirige o uso das mídias é a comunicação e conseqüente realização do humano na cultura, situação particular à existência humana. Não há em **Educar com a mídia** discurso enfático sobre a mídia, mas sobre a comunicação humana. A mídia é o meio humanamente criado.

O problema do humano em Paulo Freire está em primeiro plano. Não há fetiche tecnológico. Entre as passagens mais contemporâneas da obra, inclusive, é quando Paulo Freire nos fala dos “recados através dos muros” (ibidem, p. 51) como uma pedagogia legítima, quando defende um “espaço de liberdade curricular” (ibidem). Um Paulo Freire pichador, vamos assim dizer, em favor da criação na comunicação. Paulo Freire (ibidem, p. 81) nos fala também dos muros na cidade de Santiago, no Chile, na época do presidente Salvador Allende, para dizer: “uma cidade pintada, uma cidade artisticamente trabalhada...”. Não foi uma observação lateral, mas antes um anúncio da fronteira do seu pensamento educacional.

Quando discute mídias, Paulo Freire pensa, ainda, além da comunicação, na arte e na fruição estética. Lembrando algo que havia visto, próximo à própria casa em Genebra, na Suíça, Paulo Freire nos conta de um “tunelzinho todo pintado por crianças” (ibidem p. 77), para depois prosseguir com a pergunta: “Por que não estimular o gosto da expressão plástica da criança?”. Tanto quanto em outras obras, aqui o problema da estética também aparece, mas considerando que estamos em um campo – dos meios de comunicação – em que a presença do interesse

econômico é marcante, estética é ainda uma prática do poder. Paulo Freire (ibidem, p. 33-34), chama a atenção para “toda a preocupação com o estético”, “a intenção que se servia do estético para manipular”.

A comunicação desenvolvida com as mídias massivas, principalmente, é ideológica e se veste, se estetiza, para nos dirigir, se possível. Ou seja, uma coisa é o desenvolvimento da expressão artística para uma educação libertadora, nos termos de Paulo Freire, outra coisa é o uso da experiência estética através dos meios de comunicação para embaçar a nossa leitura do mundo, conceito que aparece em **A importância do ato de ler**, publicado em 1982, e em **Educar com a mídia**, novamente. Todos os estudantes da obra de Paulo Freire conhecem bem o par de conceitos “leitura do mundo” e “leitura da palavra”. No entanto, há uma novidade agora.

Sérgio Guimarães foi um privilegiado interlocutor de Paulo Freire. Conto pelo menos sete obras que publicaram juntos. No caso de **Educar com a mídia**, há uma nota importante. Sérgio Guimarães, além da habilitação para o magistério, cursou também Comunicação Social. Então, sua participação na conversa com Paulo Freire qualifica muito a troca de ideias. Em um dado momento, quando Paulo Freire (ibidem, p. 73) fala de uma experiência pedagógica com o uso do gravador como “leitura do mundo”, Sérgio Guimarães devolve com “gravação do mundo”, o que Paulo Freire (ibidem, p. 74) passa a adotar imediatamente e depois ainda irá dizer também, a respeito do uso de máquinas fotográficas, “fotografia do mundo”.

Paulo Freire (ibidem, p. 66) não hesita em dizer que “mesmo quando não venho tratando desses meios de comunicação em trabalhos meus anteriores (...), eu os considero, por exemplo, dentro do horizonte do conhecimento que venho desenvolvendo nos meus trabalhos sobre educação”. Paulo Freire (ibidem, p. 67) lembra ainda: “inclusive, usei meios audiovisuais na alfabetização”. Mesmo

que não tenha se dedicado particularmente ao tema dos meios de comunicação na educação, Paulo Freire os considerava também dentro do seu sistema de pensamento e quando teve a oportunidade de discutir mais extensamente o assunto, ficamos até surpresos com a sua imaginação, o que, a propósito, está muito claro em **Educar com a mídia**. Hoje, trata-se de um livro incontornável para os seus leitores.

Pessoalmente, entendo que diante da situação de risco que constitui o próprio neoliberalismo, educar com as mídias faz parte da própria luta e, como tal, luta-se pela autonomia dos de baixo, sempre. Paulo Freire (ibidem, p. 97) relaciona os usos das mídias com o seu próprio Método, propondo que as suas produções sejam usadas para uma aquisição transformada da “leitura da realidade”, através do mesmo jogo de codificações e decodificações que dele fazem parte. Portanto, Paulo Freire concebe os usos das mídias na educação coerente com a sua concepção de educação conscientizadora, de leitura do mundo desdobrada e crítica. Então, para ele, trata-se de continuar praticando uma educação libertadora, à altura do seu tempo.

Mas Paulo Freire estava consciente dos riscos dos usos sem autonomia das mídias na educação, ou seja, concentrados nas mãos dos mais interessados em subtrair da sua ampla utilização na educação escolar vantagens econômicas e para a classe social dominante. Está claro como era uma questão complexa para ele, nas duas últimas décadas do século XX. Hoje tampouco encontramos menor complexidade para analisarmos os nossos impasses, honestamente falando. Contudo, o problema não é de uma suposta natureza da educação se não sobre o problema do poder e da luta hoje. Não parece existir alguma rota política sem risco agora. O risco não é evitável, nem enterrando a cabeça embaixo da terra.

A conclusão faltante

[29/07/2021]

No dia 16 de julho de 2021 contávamos 540 mil mortes por Covid-19 no Brasil. Na minha cidade, Rio de Janeiro, já existe um cronograma de vacinação que incluirá adolescentes de até 12 anos em setembro. Em novembro, toda a população até essa idade terá terminado o esquema vacinal completo (até duas doses) e, em dezembro, pessoas com mais de 60 anos já estariam recebendo a dose de reforço. Apesar dos números assustadores alcançados pela pandemia no país, parece que até o final do ano a imunização termina e a pandemia poderá atingir o seu fim ou pelo menos estará controlada em números estatisticamente assimiláveis diante do que ocorreu em termos de colapso hospitalar e óbitos até aqui.

Mesmo assim, o médico e neurocientista Miguel Nicolelis advertiu, em um artigo publicado no dia 18 de julho no jornal **Correio Brasiliense**, que a pandemia está longe de acabar⁴⁷. Nicolelis se preocupa com a transmissibilidade do vírus da chamada variante Delta⁴⁸ e o maior relaxamento das medidas de controle, que já se encontra em um patamar bem insuficiente diante do tamanho da crise sanitária ainda existente. O descuido com o controle da circulação do vírus não é uma exclusividade nacional. Na Inglaterra, o #FreedomDay foi marcado para o dia 19 de julho, quando, em grande parte, as restrições seriam removidas. No entanto,

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2021/07/4938221-um-milhao-de-mortos-em-2021-e-a-pandemia-esta-longe-de-acabar.html>>.

⁴⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/19/em-menos-de-um-mes-delta-vira-a-segunda-variante-da-covid-mais-predominante-no-rj.ghtml>>.

nos dias anteriores foi registrado um aumento de casos e as preocupações não foram superadas⁴⁹.

Desde o início da pandemia, assistimos a uma pressa forçada pela normalidade, quando o princípio de realidade nos é apresentado até agora em dígitos elevados de casos e de óbitos. A pandemia ainda não terminou, mas é como se não suportássemos a sua duração e nos adiantássemos no tempo, apesar da sua “conclusão faltante”. Hoje, dia 26 de julho, recebi a minha segunda dose da vacina. A Clínica da Família estava com a sua frequência reduzida. No último dia 23, a aplicação da primeira dose foi suspensa porque faltavam imunizantes. O calendário de vacinação será retomado no dia 28. A pressa pela normalidade precisa esperar pela vacina também. Gostaríamos de correr, mas a própria pandemia não se curva à nossa aceleração.

A manifestação por um “novo normal”, uma sociedade que não pode experimentar “um outro tempo”, isto é, que normalizou sua forma mais totalitária, exclusivamente de fruição capitalista, nós já estávamos nela, não foi declarada pela pandemia. É a *sociedade do cansaço*, quando “o tempo perde todo o ritmo”, diz Byung-Chul Han (2021, p. 22), em **Favor fechar os olhos: Em busca de um outro tempo**. O sujeito do desempenho não conclui, ele avança, como no caso do garoto de 11 anos “formado em física”. Ele “aproveitou” a pandemia para fazer em um ano uma graduação que seria normalmente cursada em três⁵⁰. Não há nada de educacional aí, em um sentido válido. Qual formação adquirida se não créditos acadêmicos em quantidade?

⁴⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57890976?at_custom4=FB39D0C4-E8C8-11EB-A840-A0C296E8478F&at_campaign=64&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_medium=custom7&at_custom3=BBC+Brasil&at_custom2=facebook_page>.

⁵⁰ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-07-13/laurent-simons-11-anos-formado-em-fisica.html?utm_source=Facebook&ssm=FB_BR_CM#Echobox=1626214376-1>.

Byung-Chul Han é um observador penetrante das subjetividades apresentadas no estágio mais avançado do capitalismo. **Favor fechar os olhos: Em busca de um outro tempo** é um pequeno volume que foi publicado originalmente na Alemanha, em 2013. A edição brasileira é de 2021. Detenho-me aqui principalmente na ideia de “conclusão faltante”, que me parece irrecusável de ser notada agora, diante da pandemia, este episódio de escala mundial ainda sem saída segura à vista, apesar dos avanços (irregulares) com a vacinação e as medidas de distanciamento social adotadas, com maior ou menor rigidez, dependendo dos países e de escalas no tempo. Viver o tempo sem duração, portanto, sem conclusão, é uma conformidade que precisamos reagir.

Um anseio cercava o acontecimento único que era esperar uma carta. Hoje, no entanto, toda comunicação escrita é instantânea e múltipla. Não faz muito tempo, limitava-se praticamente à conferência do nosso e-mail. A ubiquidade da internet por meio dos aparelhos celulares aproximou ainda mais os contatos e ainda nos inscrevemos em incontáveis *newsletters*. Uma notificação avisa sobre uma nova mensagem na nossa caixa postal e mais além, no Facebook, no Instagram e outras redes sociais. Com o WhatsApp somos até monitorados, se a mensagem chegou, se foi lida ou se estamos invisíveis, o que nos mantém em suspeição permanente. A comunicação agora está aquém da nossa capacidade de corresponder.

Sem conseguir interromper o fluxo de registros que nos alcançam através de um número sem fim de mídias, dispositivos e aplicativos de mensagens, uma ligação contínua nos mantém ativados *full time* à produção de subjetividades capitalistas. Como adverte Byung-Chul Han (ibidem, p. 28), “o tempo, como uma avalanche, lança-se adiante, porque não tem mais uma *parada*”. O engajamento *sem parada* na internet é um entorpecente para algo que

subjaz a contemporaneidade, a imposição do desempenho. “O sujeito do desempenho”, diz Byung-Chul Han (ibidem, p. 30), “é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se despedaça sob a coação de sempre ter de produzir mais desempenho”.

No caso do meu trabalho, na universidade, o “desempenho” não é observado, sobretudo, de acordo com o alcance transformador das suas práticas, em um mundo exigente de mudanças. Recomendável mostrar alguma sensibilidade social e preocupação com as diferenças, é verdade. É uma performance obrigatória. Mas é o desempenho traduzido em uma produtividade somatória e artificial que (des)organiza a nossa jornada diária de trabalho. Para saber, apenas preste atenção nas conversas. A carreira é uma escalada por editais, eventos e qualis, que nunca se concluem, porque são contados sem fim – uma adição competitiva e egocêntrica. Um calendário de realizações centradas no sujeito do desempenho acadêmico, esgotado pelo intangível da produtividade capitalista.

É importante guardar a diferença entre a concepção de Paulo Freire (2005, p. 83) sobre os homens como “seres inacabados, inconclusos”, que nos fala em **Pedagogia do oprimido**, da “conclusão faltante” apontada por Byung-Chul Han (2021, p. 21) como uma característica da sociedade do cansaço. Quando Paulo Freire atenta para a inclusão do ser, fundamento da antropologia que orienta seu pensamento educacional, é para desenvolver o conceito nuclear de *ser mais*. Aqui se trata de um problema referido à educação como criação e estética. O homem se transforma, é ontológico para Paulo Freire. Já para Byung-Chul Han, a conclusão faltante é o esgotamento do sujeito que sofre com a ausência de sentido – sem criação, portanto.

Quando assistimos vários episódios de uma minissérie, um após o outro, ininterruptamente, é *maratonar* que se chama? A maratona, como prova atlética, é uma modalidade estabelecida a partir da lenda grega do soldado Fídipedes

que, para levar uma mensagem, corre até Atenas e morre de exaustão para cumprir sua missão. “Maratonar”, uma conclusão, mas até a morte, hoje se transformou em um ideal para a audiência das mensagens audiovisuais, que agora podem ser absorvidas seletiva e freneticamente. As tecnologias digitais permitem isso. Depois são comentadas nas redes sociais e antes que se firme sua apreciação, guiamo-nos para outras minisséries e recomeçamos a maratona audiovisual, até a depressão.

Ao tentar acessar meu currículo Lattes hoje pela manhã vi que estava fora do ar a página correspondente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq. Atualizar o Lattes é *maratonar* também, sem nunca cruzar a linha de chegada. Periodicamente nos ocupamos em incluir tudo o que for possível no Lattes com a esperança de que ele não nos falte na hora que precisarmos mostrar quem somos. Agora eu não sei⁵¹ como vai ser, muitos pesquisadores estão preocupados com a indisponibilidade do sistema, será que os dados estão salvos? A sensação é a de que a Ciência brasileira e a identidade dos seus construtores podem desaparecer, assim mesmo, do nada.

Existe uma certa aflição diante da interrogação sobre a virtual necessidade de preencher o Lattes todo novamente. Impraticável, naturalmente. A angústia é imaginar que toda uma vida está vulnerável à “instabilidade do sistema”. Pausa. A instabilidade do sistema é o “novo normal” do capitalismo tardio, na verdade. A pandemia do Lattes e o *curriculum vitae* do vírus fazem parte de uma mesma realidade que não se conclui e existe apenas como sociedade do cansaço. Só os inúteis não correm o risco permanente de perder o Lattes. “(...) As coisas inúteis e os/ homens inúteis/ se guardam no

⁵¹ Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/educacao/2021/07/27/internas_educacao,1290357/plataforma-lattes-esta-dias-fora-do-ar-e-pesquisadores-temem-perda-de-dados.shtm>.

abandono./ Os homens no seu próprio abandono./ E as coisas inúteis ficam para a poesia”, vamos ler em Manoel de Barros (2010, p. 465). Ficar para a poesia é a conclusão faltante.

Deverá ser de outro jeito

[25/09/2021]

*Definitivamente, eu não estou a fim de contribuir
para pagar essa conta:
para mim, não vale o concerto.
Ailton Krenak (2020a, p. 68)*

Depois de uma suspensão forçada, já estamos liberados para atualizar nossa produção acadêmica no Currículo Lattes. A “instabilidade dos sistemas”, ocorrida nos últimos dias do mês julho de 2021, foi corrigida. Verdadeiramente, apenas parcialmente. Começo a escrever agora, no dia 14 de agosto, e o acesso ao Diretório dos Grupos de Pesquisa no CNPq continua frustrado⁵². Outras atualizações vão se acumulando até o retorno à normalidade também. A sério, são inúmeros retornos à normalidade que aguardamos. A mais grave das expectativas permanece incerta. Quando a pandemia terá terminado? O prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, anunciou quatro dias de festas, já em setembro⁵³, para “celebrar a vida”. Será?⁵⁴

Usar máscaras na pandemia é um cuidado que muitos preferiram ignorar, favorecendo o contágio e espalhamento do vírus. O estado de emergência epidemiológica não impediu que pessoas se aglomerassem em reuniões familiares, festas e eventos. Para muitas autoridades,

⁵² Foi reestabelecido também dias depois.

⁵³ Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/paes-anuncia-4-dias-festa-215800221.html>>.

⁵⁴ O plano do prefeito foi suspenso. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/paes-estuda-retomar-restricoes-e-diz-que-rio-nunca-teve-tantos-casos-de-covid.shtml>>.

inclusive o presidente, preocupar-se com o vírus é uma afetação que só prejudica a economia do país⁵⁵. Não aguentamos interromper e nem esperar, mas é importante que se diga que não se trata de um comportamento originado em uma suposta natureza humana, a impossibilidade de parar quando ocorre “instabilidade dos sistemas”. Afinal, que tempos são esses em que não conseguimos rever prioridades e propósitos para a nossa vida diante dos riscos de uma pandemia letal?

Retorno ao líder indígena Ailton Krenak para seguir analisando o que estamos fazendo (e o que estamos deixando de fazer) agora. Em “A máquina de fazer coisas”, um dos textos que integra o livro **A vida não é útil**, diz Ailton Krenak (2020a, p. 61): “Existe um desejo de que essa condição de consumo da vida se estenda por tempo indeterminado, sem que a máquina de fazer coisas precise ser desligada”. Ele indaga por que não conseguimos desfazer esse *loop* que ata nossa presença no mundo a uma sequência interminável de utilização da própria existência. Se fomos capazes de interromper tantas coisas para ficar em casa na pandemia, pergunta se não seríamos capazes também de parar de arruinar todo o planeta, consumindo-o.

Bem, na verdade, nossa capacidade de praticar o distanciamento social foi apenas relativa. Essa tem sido a minha percepção, pelo menos, já que seus adversários, ideológicos, inclusive, foram numerosos, no Brasil⁵⁶ e em muitos outros países⁵⁷. De todo modo, fica a questão: o que nos impede de *parar*? Por que não recuamos quando já é possível admitir que não vamos aguentar tanta produtividade

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-ve-histeria-com-coronavirus-e-diz-que-economia-nao-pode-parar/>>.

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia>>.

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/alemanha-enfrenta-o-negacionismo-da-pandemia/ar-BB1cc71X>>.

– ou melhor ainda, que o planeta não vai nos aguentar “por tempo indeterminado”? O consumo do planeta e o negacionismo – climático, mas também epidemiológico – fazem parte de uma mesma realidade: a dificuldade para frear ações que cometemos recorrentemente e que parecem dominar nossas vidas, mesmo diante dos seus riscos.

“O sistema capitalista tem um poder tão grande de cooptação que qualquer porcaria que anuncia vira imediatamente uma mania”, observa Ailton Krenak (ibidem). O capitalismo não é sobrenatural, é claro. É histórico e social. Nosso engajamento, a cooptação alcançada, forma-se a partir de uma lógica sistêmica, local e mundial, que o capitalismo, mais do que qualquer outra sociedade, pode exercer cotidianamente sobre nós. Na verdade, exatamente porque a cooptação nos faz atuar para a manutenção do próprio capitalismo. Ontologicamente, a manutenção do capitalismo é uma escalada de produção e consumo “por tempo indeterminado”. Mas o capitalismo não tem inteligência própria, ele não pensa sequer na sua sobrevivência. Pelo contrário, no limite, ele é autodestrutivo.

Precisamos entender o que está acontecendo, sobre a “instabilidade dos sistemas” e saber travar seus mecanismos – deixando de lubrificá-los assiduamente. Ocorre-me agora a imagem icônica de Charles Chaplin, em **Tempos Modernos**, quando, “acidentalmente”, se insere nas engrenagens fabris. Há uma ambivalência na cena criada por Chaplin. Tema de todo o filme, ele é forçosamente tragado pelo processo de modernização capitalista. Mas é também um sonhador esperançoso de outros tempos, na sua imaginação libertária. A mesma cena pode, portanto, ser vista também como outro desejo, que o humano se interponha entre os mecanismos de cooptação, descontinuando a cadeia de acontecimentos que nos condiciona a operar para um poder desumanizador.

O capitalismo não exerce um poder a partir de “fora” se não a partir do nosso próprio engajamento nele. Não significa

dizer que inexistem uma dominação. Em uma linguagem direta, existem as classes dominantes e as classes dominadas. Por isso podemos dizer sobre a existência de um poder. Mas a dominação capitalista é também cooperativa. Precisamos ajudar, participando do próprio poder das classes dominantes – a cooptação. De algum modo, a conscientização de que nos fala Paulo Freire é uma primeira reação contra o estado de coisas que permite a opressão. Tenho a impressão de que a luta de classes é hoje uma categoria que serve para pensar também nosso destino no planeta. Não dá mais para cooperar com o capitalismo, “não vale o concerto”.

Se ainda não estamos em uma situação-limite, acredita Ailton Krenak (ibidem, p. 58), existe a necessidade de um “ajuste de foco” diante do que estamos passando. Se vamos ou não “apertar o botão da nossa autoextinção”. Se não sairmos do capitalismo, saímos do planeta. Concepção de sociedade no capitalismo avançado é também concepção de vida no planeta. São lutas que me parecem agora inseparáveis. Não há sustentabilidade capitalista, nem luta de classes com futuridade que não formule sobre a urgência das questões ambientais. Não existirá uma sociedade emancipada, em um nome, socialista, se o planeta não nos quiser mais por aqui. “A Terra pode nos desligar tirando nosso ar, não precisa nem fazer barulho” (ibidem, p. 60).

Estamos entregues à produtividade capitalista, por isso esperamos que tudo volte ao “normal” para atualizarmos nossa vida, depois da sua suspensão pela pandemia. Diz Ailton Krenak (ibidem, p. 113), em outro texto do livro, “A vida não é útil”, que dá nome ao próprio livro: “O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência”. Durante a pandemia, muitos de nós estamos trabalhando mais. Diante das demandas “por tempo indeterminado” que existem nos empregos, encontramos mais tempo para ocupação em alguma atividade se estamos

em trabalho remoto. Em casa, não estamos consumindo tempo em meios de transporte, por exemplo. Então, nosso tempo, aparentemente, está mais útil para o trabalho.

Estamos consumindo nossa existência enquanto somos úteis para mais produtividade. Para Ailton Krenak (ibidem, p. 101-102), a escola também é *útil*: “O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar o ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo”. Será preciso revisar toda a nossa presença no planeta se quisermos ficar. Em outro texto do livro, “Sonhos para adiar o fim do mundo”, diz Ailton Krenak: “Nós podemos habitar este planeta, mas deverá ser de outro jeito”. A espera pelo retorno à normalidade existente antes da pandemia, talvez precisássemos ver como um estado de morbidez.

Pensar em mudança social nos obriga a bem mais do que lutar contra uma “economia” – ou pelo menos como nos habituamos a nos referir à economia, como um campo muito específico da realidade social. Capitalismo é muito mais do que isso. Para Félix Guattari, “A ordem capitalista é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica. Ela incide nos esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentido, de sentimento, de afeto etc.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 51). Com efeito, “O que faz a força da subjetividade capitalística é que ela se produz tanto em nível dos opressores quanto dos oprimidos” (idem, p. 53).

O problema é nosso também, não de uma entidade transcendente, “o capitalismo”. Nós somos o capitalismo. Não no sentido de que compartilhamos todos os mesmos interesses de classe. O que estou afirmando é que sem a nossa resistência integral ao modo de produção capitalista, nosso fechamento ainda será com a sociedade burguesa. Não há luta contra as condições materiais do capitalismo que não seja também uma luta contra os modos de subjetivação do capital. É isso ou não será mais nada, nem planeta para

habitar existirá, apenas a retórica intelectual, política ou acadêmica que se desmancha no ar, sem qualquer fidelidade à palavra radical, transformação.

Carolina Maria de Jesus, uma vida filosófica

[03/10/2021]

Lendo **Paulo Freire, mais do que nunca: Uma biografia filosófica**⁵⁸, me ocorreu de pensar se Carolina Maria de Jesus não viveu uma “vida filosófica” também, do mesmo modo que Walter Kohan (2019, p. 73) propõe para Paulo Freire. A contrapelo das conhecidas tentativas de situar a filosofia em Paulo Freire a partir das influências que recebeu das correntes de pensamento que o precederam, Walter Kohan faz um giro e propõe outro olhar, que não é propriamente o de identificar a conexão conceitual entre autores. Walter Kohan nos faz ver como Paulo Freire se associa a outras duas tradições, particularmente voltadas para o problema da imanência da vida na filosofia. A primeira delas é a representada por Marx, sobretudo, nas **Teses sobre Feuerbach**. A segunda está no Foucault tardio de **A coragem da verdade**.

A questão, então, não é a da conformidade teórica com esses autores, mas como neles existia uma preocupação com a própria vida – a vida como problema filosófico – que Paulo Freire se ocupou ao seu modo. Vou destacar o Foucault, que é também a abordagem que Walter Kohan privilegiou um pouco mais na sua elaboração. No Foucault aqui explorado, Sócrates e os filósofos cínicos inauguraram uma tradição europeia, a da “vida filosófica”. Consiste em um trabalho sobre a própria existência – uma “estética da existência” – na forma da ética e do heroísmo (ibidem, p. 67), um “estilo de

⁵⁸ Livro que retomei a leitura quando fui convidado para participar do evento “Educar em tempos de pandemia?”, como um dos entrevistadores do professor Walter Kohan, no **Ciclo de Debates Virtuais** organizado pelo Centro de Estudos Avançados (CEA-UFRRJ), realizado em 28 de abril de 2021.

vida” (ibidem, p. 69) exemplificador para a vida pública na pólis. Walter Kohan (ibidem, p. 71) observa, então, sobre o caráter educador da “vida filosófica”.

Paulo Freire aí se encontra, na tradição de uma “vida filosoficamente educadora” (ibidem, p. 73), defende Walter Kohan. Para demonstrar sua posição, faz uma analogia com a vida de Sócrates. Ambos se viam educando cidadãos através de diálogos que serviam para provocar um exame da existência. Walter Kohan enxerga em Paulo Freire a mesma pastoral que guiava a conduta de Sócrates na *pólis*. Suas arguições pretendiam ser benéficas para os seus ouvintes e assim se viam realizando uma missão. Chama a atenção, inclusive, o relato sobre a visita que Sócrates faz ao Oráculo de Delfos e o sentido profético e comprometedor que ele atribuiu à sua vida a partir do episódio. Diz Walter Kohan (ibidem, p. 75), “Sócrates quer que todos vivam sua vida filosófica”.

No lugar de prosseguir com a demonstração da adequação da filosofia de Paulo Freire à vida filosófica de Sócrates, como faz Walter Kohan, vou fazer um desvio. Vou me dirigir à Carolina Maria de Jesus. Assim como tenho feito com Maria Firmina dos Reis nas minhas aulas, sobretudo da graduação, introduzi a leitura da Carolina Maria de Jesus nos meus cursos em razão da relevância pedagógica, mas também política, que atribuo à presença de autoras negras na bibliografia e, mais ainda, em um curso de Pedagogia. Então, com a leitura da Carolina Maria de Jesus e conhecendo alguns aspectos da sua biografia, ao ler sobre a “vida filosófica” que nos fala Walter Kohan, comecei a me perguntar se, além do Paulo Freire, Carolina Maria de Jesus não poderia ser incluída na mesma tradição. Vejamos.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, em 1914. Sua morte acontece na cidade de São Paulo, em 1977. Sua vida foi uma dolorosa e heroica jornada, como mulher, mãe solo, negra e escritora que foi traduzida para inúmeros idiomas com a publicação de **Quarto**

de despejo: Diário de uma favelada, em 1960. Em **Carolina: Uma biografia**, Tom Farias nos apresenta a mais completa biografia de Carolina Maria de Jesus até agora publicada. Nas primeiras páginas, o autor faz um retrato social e histórico da cidade de Sacramento e das terras ocupadas pela família de Carolina, mostrando o contexto original do seu nascimento, marcado pelo legado da escravidão na região, a precariedade das suas condições e sem muitas perspectivas.

O analfabetismo era uma situação compartilhada na família de Carolina Maria de Jesus. No entanto, Tom Farias (2017, p. 8), na apresentação da obra, faz uma observação notável sobre sua pesquisa a respeito de Carolina, “por desvendar nela a força criadora e criativa de uma mulher determinada a viver pelo seu ideal de vida”. Seu ideal de vida, perseguido obstinadamente: ser uma escritora, uma poeta preta. Da cidade de Sacramento, deu partida a uma andarilhagem, morando em muitas cidades, para trabalhar, para viver, sempre em uma situação muito desfavorável, como empegada doméstica ou catadora de papel. Quando publicou **Quarto de despejo**, morava na favela do Canindé, à margem do rio Tietê, na cidade de São Paulo. Tinha três filhos.

Por decisão de uma patroa da sua mãe, entre os 6 e 7 anos, Carolina Maria de Jesus é matriculada em uma escola e estuda por dois anos incompletos. É alfabetizada, ainda que com todo o débito do breve período de escolarização. Terá sido uma oportunidade que fará dela uma leitora e escritora. Durante anos, mostra seus escritos em redações de jornais e consegue até ser retratada e publicar algo uma ou outra vez. Até que, em 1958, um jovem repórter, Audálio Dantas, vai à favela do Canindé cobrir uma pauta e lá conhece Carolina, que lhe mostra seus cadernos literários. Audálio vê, entre as produções apresentadas, a escrita de um diário. Combina com ela a seguir escrevendo o “diário de uma favelada”, subtítulo de **Quarto de despejo**.

O que vem a seguir, a história é conhecida: Carolina Maria de Jesus transforma-se em um sucesso editorial, inclusive traduzida para vários outros idiomas. Com o dinheiro que ganha com seu livro compra uma casa, no bairro de Santana, e sai da favela. Compra também um sítio, sua última residência, em Parelheiros, e vai morar lá quando a situação da sua vida volta a piorar, já que não consegue prosseguir publicando com o mesmo sucesso nem com a mesma atenção da mídia. Carolina já está esquecida antes da sua morte, e foi preciso muito tempo para que voltasse a ser lembrada como hoje ocorre, quando toda a sua obra possui enorme interesse literário e educador. Sua própria vida adquiriu um significado existencial, como mulher negra e escritora, que é vista como exemplar e inspiradora também⁵⁹.

Mas qual a “vida filosófica” de Carolina Maria de Jesus? Como situá-la no mesmo enredo socrático que Walter Kohan fez para Paulo Freire? Primeiro, retorno à infância de Carolina Maria de Jesus (2014a, p. 73-74) para contar uma história curiosa, que ela narra em **Diário de Bitita**, livro que só foi publicado após a sua morte, primeiramente na França, em 1982, e somente depois no Brasil, em 1986. Em uma ocasião, à noite, ao retornar do trabalho, a mãe de Carolina encontra a filha inconsciente. Levaram-na a um “médico das almas”, Eurípedes Barsanulfo. A avó de Carolina havia dado para ela bebida alcoólica para adormecer. Resolvido o mistério da inconsciência de Carolina, Eurípedes Barsanulfo faz uma predição: “Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa!”.

Muitas vezes, lendo as narrativas biográficas da Carolina Maria de Jesus, eu me pergunto se sua lembrança é apenas factual ou inventada também. Pessoalmente, encontro

⁵⁹ Tenho uma orientanda na graduação, Vanessa Paulo de Barros, que está fazendo a sua monografia construindo uma narrativa em que se identifica com os caminhos de superação que encontra na história de vida de Carolina Maria de Jesus.

nesses impasses, sobre a autenticidade ou não de algumas passagens dos seus diários, um dos aspectos estéticos da sua obra e de enorme força literária. Na verdade, é a criação total da sua vida, tal como foi simultaneamente vivida, mas ainda inventada, que faz também da literatura de Carolina Maria de Jesus algo artisticamente notável. Tom Farias (2017, p. 42) situa que ela tinha entre três ou quatro anos quando teria ocorrido esse encontro com Eurípedes Barsanulfo, fundador do Grupo Espírita Esperança e Caridade. Desde os seus primeiros anos da infância, uma profecia teria revelado sobre sua presença definitiva no mundo: ser poeta.

Então, assim como Sócrates, Carolina Maria de Jesus também foi predita por uma autoridade religiosa. A analogia não termina aqui, há outra igualmente curiosa, agora ainda mais direta com Sócrates. Em um conto, Carolina Maria de Jesus (2018, p. 61) nos fala do seu avô como alguém que chegou a ser descrito como um virtual “Sócrates africano”. Inclusive é o título do conto. Conto ou relato? Mais uma vez não sabemos se se trata de uma história total ou parcialmente inventada a partir das suas recordações infantis. É um escrito pungente sobre a consciência que Carolina Maria de Jesus possui das consequências da escravidão e do racismo, e também sobre a importância libertadora que atribuía à educação.

“A minha mãe era a única que poderia herdar o cetro intelectual do vovô, mas a minha mãe não aprendeu a ler. Enquanto o português predominou no Brasil, o negro foi tolhido. As escolas não aceitavam pretos. Mas o Rui Barbosa dizia que, agindo assim, implantariam o preconceito racial no Brasil, que um país com preconceito é um país de raças medíocres”, escreveu Carolina Maria de Jesus (ibidem, p. 62). Seu avô, o Sr. Benedito, era alguém procurado para resenhas que duravam horas, ela conta. Por isso o seguinte comentário que recebeu de um dos seus conhecidos: “Foi uma pena não educar este homem. Se ele soubesse ler, seria o homem. Que

preto inteligente. Se este homem soubesse ler poderia ser o nosso Sócrates africano”.

Carolina Maria de Jesus aproveitou uma fenda na sua vida, que foi frequentar a escola por dois anos incompletos. Ela estudou no Colégio Allan Kardec, fundado exatamente pelo “médico das almas”, Eurípedes Barsanulfo. E tanto quanto a “vida filosófica de Sócrates”, também imaginava que outros indivíduos, os negros, sobretudo, pudessem viver como ela. No caso, a mesma vida educada pela escola que ela apenas vislumbrou, mas o bastante para herdar o “cetro intelectual” do “Sócrates africano”, que a sua mãe não pôde assumir. A vida educadora de Carolina Maria de Jesus é uma ética para tantas estudantes, negras como ela, que pretendem seguir sua vida heroica.

PARTE II

O “novo normal” em tempos de pandemia: A sociedade capitalista em questão⁶⁰

Desfazer o normal há de ser uma norma.

Manoel de Barros (2018, p. 44)

A pandemia do novo coronavírus modificou, de maneira inevitavelmente perdurável, inúmeras estruturas e convenções sociais, econômicas, culturais e, até mesmo, linguísticas. Assim, a realidade que conhecíamos antes do início da pandemia, em janeiro de 2020, faz parte de uma roupagem de passado que não nos serve mais agora. Nossos olhares e atenção precisam se voltar para o que vivemos hoje, em um presente permeado de angústias, medo, insegurança, ansiedade e perspectivas e expectativas de futuro; de um futuro que se mostra absolutamente imprevisível.

Comportamentos, atitudes, hábitos e palavras que antes nos eram absolutamente comuns e cotidianos estão dando lugar a novas práticas de vida e novos usos, devido a uma necessidade de adaptação e sobrevivência. Coisas que fazíamos há meses atrás, já não fazemos mais. Objetos que nos eram imprescindíveis há algum tempo, já não são mais. E palavras, que antes sequer utilizávamos, hoje parecem emergir de uma necessidade de comunicação e informação. Precisamos nos manter informados, uma vez que isso é o que pode nos manter vivos.

Assim, a pandemia do coronavírus nos trouxe um novo dicionário de realidade e, nele, temos novas e antigas palavras que ganharam novos conceitos e um viés educativo.

⁶⁰ Artigo escrito em coautoria com Talita Cabral e originalmente publicado na seção “Notícias” da **Revista Docência e Cibercultura** (ReDoc), em 9 de 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1113>>.

O vírus nos trouxe uma necessidade de reeducação social. Para nos mantermos vivos, precisamos nos reeducar com relação à nossa higiene, aos nossos comportamentos e, até mesmo, às nossas relações.

Desse modo, uma expressão que vem ganhando espaço, nas redes e fora delas, tem sido o termo “novo normal”. Estamos na primeira metade do mês de junho e embora o Brasil continue batendo recordes de mortes e contágios diários por coronavírus, muito tem se falado e feito a respeito da reabertura do comércio e da retomada econômica. Isso porque, cabe destacar, a pandemia está desencadeando uma forte depressão econômica em nível global. Sendo assim, temos presenciado uma ansiedade do meio empresarial em antecipar os retornos, em contraposição ao que defendem os médicos, os epidemiologistas e as instituições de saúde e sanitárias, que insistem na estratégia do *lockdown*.

Mas o que vem a ser o “novo normal”? O termo “novo normal” é frequentemente utilizado no setor econômico, tendo sido mencionado pela primeira vez em 2009, quando Mohamed El-Erian⁶¹ se referiu às rupturas estruturais causadas pela recessão econômica daquela década. Entretanto, no contexto da Covid-19, esta expressão tem sido utilizada para designar o que será do nosso futuro enquanto sobreviventes da pandemia. No Brasil, o biólogo e doutor em virologia, Atila Iamarino⁶², tem sido um importante personagem na difusão de informações e da ideia do que pode vir a ser esse “novo normal”. Em uma *live* informativa, no dia 17 de abril de 2020, ele menciona a possível reabertura comercial e a retomada econômica, com a condição de que se estabeleça um “novo normal”, em que devemos repensar nosso estilo de vida em sociedade, nossas relações afetivas, nossas formas de lazer e diversão, nossos comportamentos e ações em público, nossos

⁶¹ Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/o-novo-normal/>>.

⁶² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rPU28Sa9OJw>>.

hábitos de higiene, o uso obrigatório das máscaras de proteção, dentre outras questões.

A partir disso, muito tem se falado, no Brasil, acerca do “novo normal” e de que forma ele pode nos ajudar a pensar nesse futuro sobre o qual não conseguimos e nem mesmo podemos idealizar. Nesse contexto, observamos uma disputa de narrativa entre diversos setores da sociedade que buscam protagonizar o discurso pedagógico do “novo normal”, ou ao menos, procuram utilizar este conceito como uma forma de difundir seu marketing digital, oferecendo informações que nos educam para um “novo normal”, que condicionam nosso olhar para o futuro e, ainda, que passam ideias de segurança e cuidados para a possível, e provável, convivência futura com o coronavírus.

Assim, é possível notar – nas redes, principalmente, tendo em vista que este é um terreno fértil para as narrativas do “novo normal” – que alguns atores ligados a diversos negócios têm se apropriado deste conceito como forma de atender a seus interesses de mercado. Isso porque o retorno da atividade econômica é completamente dependente do que vem a ser a ideia de “novo normal”. Mirando nas expectativas futuras, e tendo em vista as orientações oficiais da Organização Mundial de Saúde⁶³ para a reabertura com segurança, esses atores buscam protagonizar estas instruções de cuidados, determinando comportamentos e ações de higiene, segurança e saúde, reeducando as pessoas para uma breve retomada de atividades, com ares de “volta da normalidade”.

A exemplo disso, podemos citar a revista **Vogue Portugal**, de abril de 2020, que trouxe uma polêmica capa que dividiu críticas e opiniões. Com um casal encenando um beijo de máscaras e com a frase “Freedom on hold” (em tradução

⁶³ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/covid-19-sp-atende-so-2-dos-6-criterios-de-reabertura-definidos-pela-oms/>>.

literal, “liberdade em espera”), a capa⁶⁴ traz, de maneira bastante óbvia, o desejo de disputar o espaço narrativo do discurso educativo do “novo normal”. Para o universo da moda, o que pode ser considerado o “novo normal”, em um contexto de pandemia, em que estamos, prioritariamente, dando valor aos serviços e às coisas essenciais? Estamos ansiosos, apreensivos e isolados em nossas casas, onde os acessórios e objetos de moda se tornaram quase que absolutamente obsoletos. Assim, observamos que a capa pode ter sido pensada como uma forma de dialogar com seu público, demonstrando que está seguindo as mudanças do mundo, e está pronta para um “novo normal”. Em um mundo pré-pandêmico, uma capa com este simbolismo não faria sentido e, por esta razão, nem sequer teria sido pensada. O mundo mudou devido à pandemia, a moda também mudou, assim como as relações e a nossa ideia de liberdade também mudaram. E é nesse sentido que a capa espera nos educar, para este tipo de mudança.

Da mesma maneira, a **Vogue Brasil**, de maio de 2020, em edição comemorativa dos 45 anos da revista no país, trouxe em sua capa⁶⁵ a expressão “novo normal”, com a foto da modelo brasileira Gisele Bündchen usando uma peça de roupa da caríssima marca Prada, causando uma grande polêmica e reiterando o que pensamos acerca da disputa de narrativas em torno da pedagogia do termo. A revista foi acusada de tentar glamourizar o mundo “após o coronavírus”, ignorando a triste realidade imposta pelo vírus, que vem adoecendo e matando milhares de pessoas em todo o mundo. Em justificativa, pós-críticas, a revista alegou, em

⁶⁴ Disponível em: <<https://models.com/work/vogue-portugal-vogue-portugal-april-2020-cover>>.

⁶⁵ Disponível em: <<https://www.meionorte.com/uploads/imagens/2020/5/8/f6156f64-039c-46a8-8cfb-56a878165872-00eec9cc-7210-439e-b03a-e38b238c65c5.jpg>>.

seu Instagram, que o “novo normal” mencionado na capa buscou trazer a ideia de simplicidade que, como acreditam, deverá ser o “novo normal” de um mundo que está se desfazendo de seus “excessos e exageros”.

Sendo assim, cabe ressaltar que tais disputas narrativas pela pedagogia do “novo normal” visam a nos educar para que possamos manter a vida que levávamos antes, com os mesmos consumos, mesmas atitudes, mesmos simbolismos e, ao mesmo tempo, com os cuidados e as orientações que, na verdade, já estamos tendo devido à pandemia. O “novo normal” nos foi imposto com a chegada do vírus. Não foi, de início, uma escolha ou mesmo uma estratégia, mas uma necessidade. Hoje, já vivemos um “novo normal”, em que a máscara de proteção e o álcool em gel se assumem como protagonistas. Desse modo, podemos dizer que a disputa de narrativas assumida por diferentes atores ligados a diferentes tipos de negócios não passa de uma nova estratégia para se manter o *status quo* de uma normalidade que, do ponto de vista crítico, nem se pode afirmar que existia. O vírus escancarou nossas desigualdades sociais, deixou nossas piores feridas expostas e provou que, na verdade, nosso “normal” já vinha adoecendo há muito tempo. Nesse sentido, o “novo normal” não garante o retorno de algum nível de normalidade, uma vez que o que vivíamos antes poderia ser considerado uma “anormalidade”. Para o líder indígena Ailton Krenak⁶⁶, a pandemia trouxe “a nossa chance de aprender com o que está acontecendo”, para refletirmos e mudarmos os nossos hábitos enquanto sociedade. Segundo ele, “voltar ao normal seria como se converter a negacionismo e aceitar que a Terra é plana”. Sendo assim, é importante que estejamos atentos para estas formas de

⁶⁶ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/voltar-ao-normal-seria-como-se-converter-negacionismo-aceitar-que-terra-plana-diz-ailton-krenak-24353229>>.

abordagens que se pretendem educativas e que buscam nos ensinar e, não raro, controlar nossa vida em um possível – e próximo – “novo normal”. Que tenhamos, ao mesmo tempo, consciência da necessidade de ruptura com o que antes também considerávamos como “normal”.

Paulo Freire *on-line*: Um ensaio estético⁶⁷

As aulas no Instituto Multidisciplinar da UFRRJ mal haviam começado no primeiro semestre de 2020 quando a pandemia da Covid-19 nos mandou para casa. O retorno às aulas presenciais ainda não sabemos quando poderá ocorrer. Segue agora na universidade a discussão sobre a adoção dos chamados Estudos Continuados Emergenciais. Foi nesse cenário de emergência epidemiológica e dúvidas sobre o que fazer para a continuidade dos estudos que a Escola de Extensão da UFRRJ abriu uma chamada para propostas de cursos e eventos remotos que pudessem atender ao interesse da comunidade acadêmica por alguma continuidade das suas atividades educacionais. Como resultado, no dia 30 de abril teve início o curso **Paulo Freire em tempos de distanciamento social**, lecionado pelo professor Aristóteles Berino. Talita Cabral, orientanda do docente no mestrado, foi uma das alunas do curso.

Tratava-se de um desafio inédito para nós dois, que nunca havíamos participado de um curso com encontros *on-line*, embora já tivéssemos experimentado com satisfação irregular a EaD. Como seria estudar Paulo Freire *on-line*? Neste breve artigo, o propósito é conversar exatamente sobre a nossa experiência no curso. Destes dois lugares, docente e discente, partimos já do pressuposto de que não seria nada melhor ou pior do que o encontro presencial, mas, sobretudo, algo diferente, com oportunidades e dificuldades próprias da situação. O fato incontornável é que a pandemia provocou uma

⁶⁷ Artigo escrito em coautoria com Talita Cabral e originalmente publicado na seção “Notícias” da **Revista Docência e Cibercultura** (ReDoc), em 27 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1130>>.

curiosidade para experimentar algo desconhecido, mas que nos parecia possível de ser percorrido.

Descobertas

No seu livro **Pedagogia da autonomia**, há uma recordação escolar de Paulo Freire (2015, p. 43) que me pareceu interessante citar nesta breve conversa. Paulo Freire narra um episódio em que fala da sua insegurança e como o gesto de um professor repercutiu muito afirmativamente para ele: “Olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito. O gesto do professor valeu mais do que a nota dez que atribuíra à minha redação”. Paulo Freire (ibidem, p. 44-45) segue nos falando sobre a importância das “tramas do espaço escolar” e da “pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”. E agora, *on-line*, como o corpo se presentifica na relação entre o educador e o educando? O espaço da educação, como se afigura remotamente? Qual a forma do encontro no ensino *on-line*? Apesar das dúvidas, com Paulo Freire (ibidem, p. 46), o que não poderíamos recusar é que “não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético”. A ideia de um “ensaio estético e ético” foi a chave para ingressar em outra experiência.

O nome do curso, **Paulo Freire em tempos de distanciamento social**, foi imaginado para explorar a ambivalência do termo “distanciamento social” durante a pandemia. Distanciamento social pode ser lido como resultado das políticas e práticas do neoliberalismo. É algo que se tornou ainda mais identificável, muito visível até, durante a pandemia. No entanto, de outro modo, distanciamento social é, também, durante a pandemia, um cuidado para conter o contágio. A proposta era percorrer a obra de Paulo Freire através de cinco livros que permitissem pensar a sua atualidade e até a sua importância agora, diante

da emergência epidemiológica. Os livros foram: **Pedagogia da indignação** (2000), **Educação como prática da liberdade** (1967), **Pedagogia do oprimido** (1970), **Pedagogia da esperança** (1992) e **Pedagogia da autonomia** (1996). Cinco livros para discutir a concepção de educação em Paulo Freire e a contemporaneidade do seu legado diante dos distanciamentos colocados em questão, a indiferença, e o seu contrário, a atenção.

Agora que me detenho em discutir a experiência que foi o curso como uma prática pedagógica *on-line*, me ocorre ainda a imagem do distanciamento como um entendimento paradoxal do “remoto”. “Paulo Freire em tempos de ensino remoto”, eu poderia ter pensado também. No caso, remoto não possui também uma ambivalência? Trata-se, na pandemia, de um distanciamento que tanto nos afasta como nos aproxima através de uma qualidade possível da educação mediada por tecnologias digitais. Paulo Freire foi um educador do século XX e voltar à sua obra para mantê-lo atual e relevante no século XXI significa considerar a sua apropriação diante das condições da nossa época. Não uma submissão a um suposto imperativo do tempo, mas uma exploração do existente e das suas contradições, apostando sempre nas mudanças que poderiam responder às demandas sociais mais legítimas, por autonomia e libertação, portanto.

O curso foi programado para 10 encontros de 3 horas cada. Ofereci 35 vagas, que em poucas horas foram preenchidas. Aproximadamente 17 concluíram o curso, a desistência foi significativa. Ainda não analisei mais detidamente os motivos prováveis de um índice tão elevado de desistência. Por outro lado, para o grupo que permaneceu a participação foi bastante ativa. Os encontros duravam as 3 horas programadas. Utilizei a plataforma RNP Web Conferência para os encontros *on-line*. Com um canal de bate-papo simultâneo à conversação *on-line* logo vi que seria impossível administrar as aulas sozinho. Conte sempre com

o auxílio da minha orientanda do doutorado, Janaína Rodrigues. Ela acompanhava a conversa pelo bate-papo e anotava as inscrições para a participação oral, que, na experiência *on-line*, necessita de cuidados adicionais, porque o microfone aberto para mais de uma pessoa é sempre desconfortável para os participantes. Janaína usou a comunicação com os outros estudantes pelo WhatsApp também, para favorecer as mediações necessárias.

A dinâmica dos encontros era a discussão dos textos seguindo o cronograma de leituras. Geralmente, eu realizava uma breve introdução e logo depois os participantes apresentavam suas questões. Algo que realmente me surpreendeu foi a intensidade das discussões. Como precisava ficar atento durante todo o tempo, a exigência de concentração foi bastante exaustiva, mental e fisicamente. Logo entendi que para cursos regulares (disciplinas da graduação e pós-graduação), o *on-line* não é ideal para 100% da carga horária de um curso. Inclusive, usei também como suporte um grupo que já possuía no Facebook para o meu ensino de Paulo Freire em outros cursos que já havia lecionado presencialmente. Ali eu usei o Arquivo do grupo para a partilha de conteúdos em PDF. Ao longo da semana, também me comunicava através da Linha do Tempo para dar alguns informes, além de compartilhar notícias sobre eventos diversos a respeito do Paulo Freire. Os participantes do curso também publicavam com o mesmo propósito de comunicação e informação.

O uso de algum grupo no Facebook já fazia parte das minhas práticas de ensino e, certamente, para muitos professores também. Redes sociais já fazem parte dos nossos cotidianos educacionais. A aula presencial já possuía uma plasticidade dada pela relação que mantinha, de modo complementar, ao menos, com as tecnologias digitais. O que a pandemia fez foi nos obrigar a repensar essa plasticidade a partir da cibercultura e não mais do presencial. Mesmo

aqueles que hoje são absolutamente contrários à continuidade dos estudos regulares através de alguma modalidade de ensino remoto fazem e/ou assistem às *lives* para uma conexão com a vida profissional e acadêmica. Acredito, inclusive, que mesmo o retorno às aulas presenciais será feito indelevelmente com práticas digitais também, que estarão ainda mais estabelecidas nas correspondências pedagógicas praticadas do que no período pré-pandemia.

Uma dúvida que aparece muitas vezes a respeito da educação escolar mediada por tecnologias digitais é quanto ao sentido humanista da educação presencial, como no exemplo que usei inicialmente a partir do próprio Paulo Freire sobre o aspecto marcante que são os gestos e as emoções que transcorrem nas aulas e a consequente admissão da tessitura do espaço escolar como condição da educação, para além dos conteúdos escolares fixados. No entanto, é Paulo Freire mesmo quem vai observar o experimento estético que é a docência, que poderá ser realizado, penso agora, nos diferentes modos em que poderá ocorrer. A estética como propriedade da atividade docente nos coloca no campo da criação e não da conclusão do que é o humano. Dizer humano, para Paulo Freire, não é uma recorrência a um ser acabado e finalizado. Pelo contrário, o lado humano é o da descoberta, das possibilidades que se abrem.

Importante fazer uma ressalva como uma importante nota. O uso de tecnologias digitais e a prática da cibercultura em uma atividade de ensino contêm desafios e questões que ultrapassam o objetivo mais direto da nossa conversa aqui sobre a experiência *on-line* em curso de extensão universitária. Esperamos voltar mais amplamente ao assunto em outro artigo. Agora, estamos exclusivamente nos detendo em alguns registros pedagógicos mais práticos de um curso livre que foi proposto para profissionais da educação e estudantes da graduação e pós-graduação, da UFRRJ e de outras instituições também. Feita a ressalva, na minha

avaliação, a experiência *on-line* com Paulo Freire foi bastante satisfatória para o meu trabalho como educador e acrescentará conhecimentos à minha docência para o que virá: o “novo normal”?

Aproximações

Recentemente, circulou pelas redes sociais um texto que conta um episódio, ocorrido em uma aula de Antropologia, em que um aluno perguntou à antropóloga norte-americana Margaret Mead o que ela considerava ser a primeira evidência da civilização humana. No momento em que a pergunta foi feita, alguns debates antropológicos apontavam diferentes fatos que poderiam ser considerados o tal marco civilizatório: o surgimento da linguagem simbólica (como a capacidade de usar metáforas e interpretar, por exemplo), a invenção de ferramentas de caça, a criação de artefatos religiosos, a percepção de que alguns comportamentos são inaceitáveis (como o incesto, por exemplo), dentre outros. No entanto, a resposta da professora apontou para outra direção. Segundo ela, o marco civilizatório que registra o início da humanidade estava representado em um fêmur, encontrado em um sítio arqueológico há aproximadamente 15 mil anos. O fêmur em questão possuía uma marca de fratura que havia sido curada. A explicação de Mead é fantástica: nenhum animal é capaz de sobreviver com um osso de fêmur fraturado. Com esta enfermidade, ele seria facilmente morto por outro animal, ou morreria por infecção antes que o osso pudesse se refazer em seu organismo. Desse modo, um osso fêmur curado datado de 15 mil anos demonstra que quem o fraturou recebeu cuidados de seus pares. Cuidaram, protegeram, e o alimentaram por um bom período de tempo (este é um processo de difícil cicatrização), até que a calcificação fosse possível. Assim, o que a antropóloga nos diz é que o que

marca a civilização humana é o primeiro registro que se tem notícia do cuidado de um ser humano com outro.

Menciono este texto para chegar onde preciso: na experiência do curso **Paulo Freire em tempos de distanciamento social**. Como mencionado inicialmente pelo professor Aristóteles, o curso surgiu como uma alternativa de estudo em meio a uma realidade, posta pela pandemia da Covid-19, em que não é possível mantermos o contato social. Assim, as aulas presenciais foram suspensas e não temos ainda, hoje, uma previsão de seu retorno.

O “isolamento social” ou “distanciamento social” se tornou, portanto, uma necessidade, não uma escolha. Ironicamente, nós, que somos seres sociais e históricos, que precisamos uns dos outros para sermos civilizados e humanizados, precisamos nos manter distantes como uma condição de nossa sobrevivência. Precisamos disso para nos proteger e para proteger os demais. Desse modo, a solução que nos parece possível mora na reinvenção. Precisamos, então, recriar nossas relações, nossas atividades, nosso cotidiano, de modo que o distanciamento seja somente “físico” e não “social”, nesse sentido.

Se o que nos humaniza é a interação com o outro e com o mundo, precisamos reinventar as formas de estarmos presentes e nos fazermos presentes nele. Paulo Freire, no livro **Pedagogia da autonomia** – sobre o qual conversamos no último encontro do curso – fala, logo nas “Primeiras Palavras”, sobre como a presença humana no mundo é algo “original e singular”. “Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe” (FREIRE, 2015, p. 20). No mesmo livro, Edina Castro de Oliveira explica a razão de ter aceitado o convite (e o desafio) de escrever o Prefácio. Movida por uma das “exigências da ação educativo-crítica”, defendida pelo próprio Paulo Freire, ela justifica o aceite: “testemunhar a minha disponibilidade à vida e os seus

chamamentos”. Refletindo sobre estes dois trechos, penso que o curso foi, portanto, uma possibilidade. Uma possibilidade de nos apresentarmos disponíveis ao “chamamento” da vida agora, desse “novo normal”, que surgiu com a existência de uma inimaginável pandemia. Uma possibilidade de recriação de um cotidiano que nos permitiu estar perto socialmente, em interação, ainda que distantes fisicamente. Uma possibilidade de transformação do nosso lar em um espaço também de debates e aprendizagens. E, ainda, uma possibilidade de cuidarmos uns dos outros nesses tempos difíceis.

Foram muitos os momentos de partilha e interação. Em outras experiências que tive com o “ensino mediado por tecnologias”, a interação não acontecia, pois o formato proposto não permitia. Neste curso, foi o oposto: inicialmente, nos conhecemos, nos apresentamos, nos olhamos, nos ouvimos. Conversamos no chat, trocamos ideia pelo Facebook e compartilhamos materiais. Isso, certamente, nos aproximou. Me senti próxima do professor, dos alunos, de suas histórias, de seus comentários, ainda que estivéssemos cada um em sua própria casa, separados pela tela de um computador e alguns quilômetros de distância. O “distanciamento social” se transformou em “aproximação virtual”, por fim, e o saldo disso é absolutamente positivo.

Construir memórias faz parte da vida. É inevitável, inclusive. E, nesse aspecto, as construções são individuais e intransferíveis. Me lembrarei das discussões em torno da “esperança”, do “inédito viável” e da “situação-limite” talvez com muito mais detalhes do que os demais presentes. Talvez porque sejam aspectos de maior interesse para mim. O fato é que para além das lembranças que se transformam em conhecimento, existem em nós as memórias afetivas. Estas transformam “o nosso ser e estar no mundo”. Transformam o que somos. Transformam as nossas relações. Transformam as nossas experiências. E transformam as nossas possibilidades. Sobre estas, eu posso dizer que o curso **Paulo**

Freire em tempos de distanciamento social foi, para mim, “um marco civilizatório” de um “novo normal”. Em tempos difíceis como estes que estamos atravessando, me encontrar nas tardes de quinta com um grupo disposto a “cuidar do fêmur” um do outro foi algo inesquecível. A pandemia trouxe medo, agonia, perdas, preocupações, ansiedade, tristeza e quase toda – se não toda – a caixa de Pandora. Mas no fundo da caixa há a esperança. Não podemos nos esquecer. Talvez seja a mesma esperança de que nos fala Paulo Freire. Ou aquela “meninazinha de olhos verdes” do Quintana. Ou essa que aparece na gente quando o fêmur cuidado pelo outro começa a calcificar. Quando a pandemia passar, vou me lembrar de que também senti esperança. De que o vírus nos impôs algumas condições e limitações, mas que fomos criativos e reinventamos a realidade. Como aprendi com o “Paulinho” (nome carinhoso que demos ao Paulo Freire no curso): “(...) somos seres *condicionados* mas não *determinados*. (...) a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, (...) o futuro, permita-se-me reiterar, é *problemático* e não inexorável” (ibidem, p. 20).

A docência na pandemia: E agora?⁶⁸

Nosso modo de funcionamento entrou em crise, é o que diz Ailton Krenak (2020a, p. 81) quando constata que a pandemia nos pegou em cheio. Existir em sociedades que convergem para a globalização neoliberal é naufragar no capitalismo avançado, quando a lógica da acumulação de capital se espalha por todo o planeta e por toda a fruição humana. A história do capitalismo nos trouxe até aqui, não há mais nada que não passe por suas vísceras. O resultado é o permanente estado de vulnerabilidade e escassez em que vive uma maioria marginalizada nesse processo: as classes populares, os excluídos e os povos originários. No entanto, no limite é uma crise geral da civilização moderna, a ruína da própria concepção burguesa de mundo. O problema da percepção da crise é que ela foi normalizada.

Apesar do estado crítico em que já vivíamos, as coisas pareciam aceitáveis ou normais até um certo ponto. Seguindo a advertência de Ailton Krenak, o que estamos vivendo com a pandemia é um grave sinal de que não era normal o nosso modo de funcionamento e precisamos nos posicionar sobre isso agora, caso contrário tudo vai piorar irresistivelmente. O discurso do poder é de uma recuperação, é claro. Por isso um “novo normal” (BERINO; CABRAL, 2020a), depois do susto da emergência epidemiológica. A postura é de aniquilação porque a lógica da acumulação capitalista não é reflexiva sobre a própria condição existencial. Remeto a três obras que poderiam nos ajudar nessa reflexão: **A terra inabitável: Uma história do futuro** (WALLACE-WELLS, 2019), **Capitalismo e colapso ambiental** (MARQUES,

⁶⁸ Publicado no dia 15 de outubro de 2020 no portal institucional da UFRRJ.
Disponível em: <<https://coronavirus.ufrj.br/a-docencia-na-pandemia-e-agora/>>.

2018) e **A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal** (DARDOT; LAVAL, 2016).

E a educação com isso? Quando Ailton Krenak diz: “o mundo não pode parar. E o mundo parou”, ainda que isso deva ser entendido de modo relativo (OLIVEIRA, 2020), penso especialmente na educação. A quarentena interrompeu as escolas. Acompanhando a intensa desigualdade provocada pela forma como se alicerça a sociedade capitalista no Brasil, a situação da paralisação das escolas ocorre de modo bastante desigual também. Nas instituições privadas, em muitas delas, na segunda semana da quarentena as aulas presenciais já tinham sido substituídas por encontros remotos, síncronos e assíncronos, com o semestre seguindo praticamente o calendário já estabelecido no início do ano letivo. Nas grandes redes públicas, as classes populares foram as mais vitimadas porque não possuem as mesmas condições para o ensino remoto.

Nas universidades públicas, de um modo geral, a retomada aconteceu bem mais adiante, depois de um período de maior avaliação e discussão sobre os rumos da pandemia e as alternativas existentes. Aqui, na UFRRJ, um período chamado de Ensino Continuado Emergencial prosseguiu de modo remoto as aulas, a partir de setembro. Desde março, quando o distanciamento social foi adotado, por meio de uma quarentena com fases distintas de severidade, variável nas cidades e de acordo com um tempo diverso da pandemia em todo o país, o magistério vive com ansiedade diante das muitas realidades em que está submetido nas diferentes redes de ensino e graus da educação. O assédio profissional (NAPOLITANO, 2020), a precariedade (CRUVINEL; KLINKE, 2020) e até o desemprego (MENDONÇA, 2020) são uma realidade presente para muitos professores e professoras, aumentando ainda mais o sofrimento imposto pela própria pandemia.

Estamos no mês de outubro e muitas redes públicas e privadas na educação básica, em todo o país, de acordo com os contextos locais, estabelecem um calendário para uma volta às aulas presenciais, de modo gradual, mas ainda adotando o ensino remoto de modo associado. Ainda não temos uma vacina nem tratamento para a Covid-19. A insegurança é grande (ALTINO; PORCIDONIO, 2020) e ainda me parece prudente observar que não temos certezas a respeito do próximo ano letivo, como poderá ocorrer, afinal a pandemia não acabou e ainda não sabemos como tudo deverá seguir, inclusive sobre os resultados de uma vacinação próxima (JANSEM, 2020). Na universidade, sobre a situação de emergência epidemiológica, também não escapamos das incertezas. O que fazer com os períodos regulares de ensino sem o presencial? É possível seguir de modo remoto? Existe educação remota em um sentido válido? Aula *on-line* é “aula”? É possível aprender e ensinar, de fato? E agora?

A ideia de que o nosso modo de funcionamento não estava bom também é válida para a educação. A desigualdade de resultados e oportunidades promovidas pela educação, preexistentes à pandemia, se acentuaram, é o que estamos vendo. O mal-estar na educação é uma conclusão insofismável. Para tornar a situação ainda mais crítica, o próprio ministro da educação, o pastor Milton Ribeiro, afirmou em uma entrevista recente, entre outras barbaridades, que a questão da desigualdade educacional “(...) não é um problema do MEC, é um problema do Brasil. Não tem como, vai fazer o quê?” (SOARES, 2020). As classes populares estão à deriva na pandemia e a educação será mais uma deterioração sentida. Diante desse quadro devastador, a universidade pública precisa não apenas decidir sobre seus próprios caminhos para o ensino, mas pensar e formular com a sociedade que país queremos agora, diante da crise sanitária e também educacional.

Entendo que o problema da passagem do presencial para o remoto não deve ser visto simplesmente como a adoção de uma nova prática de ensino e uma didática correspondente que precisa ser apenas recomendada ou recusada. Essa seria uma forma pouco cuidadosa de lidar com a situação. Vejo mais construtivo situar a questão seguindo, por exemplo, os termos em que Paulo Freire discutia a educação. Sim, Paulo Freire ainda tem muito a nos dizer, mesmo durante a pandemia. Para ele, com a educação buscamos dar sentido à nossa presença no mundo (FREIRE, 2000, p. 38). Esse é o sentido transformador da educação freireana: inconformidade com uma prática meramente reativa e formativa de ações criadoras, à procura de uma outra realidade, emancipada das condições opressoras impostas. Para tanto, não me parece muito consequente agora qualquer abordagem que precipita uma tomada de decisão sobre a docência sem observar a condição neoliberal, mas também o tempo da pandemia.

Com Paulo Freire, o que estou afirmando é a necessidade de uma leitura do mundo (FREIRE, 2011a, p. 19), do que agora nos acontece, levando em conta o que nos condiciona. Qualquer que seja o caminho adotado sobre o ensino, precisa ser precedido de uma leitura do mundo como “inteligência do mundo”, ou seja, que nos situe com lucidez diante dos desafios e da necessária transformação, se estamos comprometidos com a sorte da educação da maioria popular e dos destinos da própria universidade pública, da sua autoridade pedagógica e até da sua sobrevivência. Penso que não nos interessa uma volta à normalidade preexistente. Ela é responsável pela própria crise sanitária. Tampouco nos interessa um “novo normal”, apenas um eufemismo para não sairmos do lugar. Na verdade, ele nos levará mais velozmente para o abismo. No ponto em que estamos, impossível não admitir os riscos, sejam quais forem as nossas escolhas.

Citando novamente Paulo Freire (2000, p. 30): “(...) como *presença* no mundo, corro risco”.

Ainda em abril, atendendo a um chamado aberto pela Escola de Extensão da UFRRJ para submissão de propostas, lecionei um curso *on-line* de 30h, em dez encontros, realizados semanalmente, sobre Paulo Freire (BERINO; CABRAL, 2020b). Em junho, iniciei uma segunda turma do mesmo curso. Rapidamente, nos dois casos, as vagas foram preenchidas. Muitos estudantes da graduação e da pós-graduação, de diferentes licenciaturas, tinham interesse em estudar no período, de modo remoto. Nos dois casos, aproximadamente 50% dos inscritos seguiram até o final do curso, cuja proposta era a leitura e discussão de cinco obras de Paulo Freire. Agora, nos Estudos Continuados Emergenciais, estou repetindo o mesmo no PPGEduc/UFRRJ, com uma carga horária um pouco maior: 45h. Precisei ampliar para quarenta as originais quinze vagas previstas, tamanha a procura. Na graduação, no curso de Pedagogia do IM, em Nova Iguaçu, estou lecionando para uma turma de 25 discentes. Nunca havia lecionado na modalidade *on-line*, tinha apenas uma experiência, não muito significativa, com EaD, também por meio da UFRRJ.

Trata-se de uma breve experiência que estou narrando como partilha sobre a minha docência agora, durante a pandemia. Não é uma exortação, apenas uma comunicação para as muitas conversas que precisamos realizar se desejarmos amadurecer os caminhos do ensino a partir da pandemia. O curso de extensão foi feito exclusivamente de modo síncrono. Já durante os Estudos Continuados Emergenciais, a prática é síncrona e assíncrona. Está claro que o ensino mediado pelas tecnologias digitais só poderá ocorrer adequadamente se observadas algumas garantias e condições para docentes e discentes. Sem recursos e internet satisfatórios, o resultado será seguramente péssimo, como tem acontecido, basicamente, nas grandes redes públicas

(COELHO, 2020). Também é preciso formação adequada para essa prática de ensino. Os desafios pedagógicos são muitos. Tenho contado com o apoio de algumas orientandas⁶⁹ da pós-graduação na minha docência *on-line*. Tem sido um apoio fundamental para a realização do meu trabalho de modo mais seguro e de maior correspondência com as turmas.

A minha experiência é em uma universidade federal e até agora controlada, se comparo com as muitas narrativas sobre o magistério na pandemia. Os encontros até agora, nos cursos relatados, alcançaram bons resultados, posso afirmar. Importante frisar que curso de extensão e Estudos Continuados Emergenciais não são situações-limites. A pequena experiência acumulada indica para mim que um semestre regular remoto poderá se transformar em um cenário de muitos problemas se não avançarmos na discussão sobre as condições para o ensino e aprendizagem, inclusive sobre a prática pedagógica curricular adotada. Aí existe o prenúncio, sim, de uma “EaD piorada”. É uma ameaça real. Estamos, como já apontei, em uma situação de riscos diante das escolhas que precisam ser feitas (e já estamos fazendo). No entanto, não aceito a ideia de que, por princípio, a educação em um sentido válido não existe no *on-line*. Educação é uma prática social e historicamente construída, não tem uma natureza intrínseca, ela também se transforma. Educação é criação.

A leitura do mundo é agora crucial. O deslocamento da educação para o mundo da internet comporta muitas ameaças para a educação pública. As chamadas *big techs* encontram na pandemia uma oportunidade de expansão dos seus interesses. É o caso de serviços como *Google Classroom* e *Microsoft Teams*. Com razão, o teórico da comunicação Marcos Dantas adverte que estamos “entregando para essas plataformas a própria

⁶⁹ A mestranda Valdeléia Maria dos Santos e a doutoranda Janaína Rodrigues de Freitas Machado Eduardo.

formação da identidade e da cultura brasileira” (SANTOS, João Vitor, 2020), por meio dos dados que produzimos nelas. O desenvolvimento acelerado dos serviços e mídias digitais estão intimamente relacionados à virada neoliberal na economia capitalista. É importante saber em que território estamos pisando. E mais, não se trata apenas de *informação*. *Big data* é muito mais do que isso. Diz o filósofo Byung-Chul Han (2018, p. 107), “A psicopolítica neoliberal é a técnica de dominação que estabiliza e mantém o sistema dominante através da programação e do controle psicológicos”. O engajamento na internet é um enredo do poder, não podemos negligenciar, ainda mais nos assuntos da educação.

São questões que não estávamos muito atentos até recentemente e agora, também pela pandemia, mas não apenas, precisamos prestar mais atenção. Por outro lado, ignorar o tempo da pandemia também não me parece razoável. Estamos no final de 2020 e não creio que vamos ter condições de uma volta às aulas presenciais sem sobressaltos para breve (LOPATKA; STRAUSS, 2020). Lembrando que a pandemia não acabou, ainda não temos vacina nem tratamento. A universidade pública está sob ataque constante e a educação no coração das guerras culturais, movidas pelo próprio governo Bolsonaro. Já estamos em uma zona de riscos e como atravessá-la é algo que precisamos discutir para estabelecermos compromissos. Diferente disso, vejo como uma prática negacionista. Acho válido conhecer o que pesquisadores da educação *on-line* estudam há algum tempo (SANTOS; SANTOS, 2013) e situar no campo das lutas populares agora. Seja como for, só um debate aberto e franco poderá nos oferecer elementos para a maior lucidez sobre a nossa responsabilidade na universidade pública.

Paulo Freire, seu centenário e a pandemia⁷⁰

“Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema” (FREIRE, 2005, p. 31).

Não o acaso, mas a história, fez com que o centenário de Paulo Freire (1921-2021) ocorresse em um dos anos mais terríveis vividos no Brasil. Ao folhear rapidamente a sua obra mais famosa, mundialmente conhecida, a **Pedagogia do oprimido**, bati os olhos em uma das suas passagens, logo bem no seu início, que me pareceu não apenas introdutória ao seu pensamento, mas extremamente oportuna para o ano que atravessamos. Estamos ainda nos primeiros meses de 2021, mas a ansiedade é grande, diante do que foi o ano anterior, mas também das incertezas para os próximos meses e mesmo anos.

A “dramaticidade da hora atual” é nada mais nada menos do que uma pandemia que já matou três milhões de pessoas no mundo e trezentas e setenta mil no Brasil, quando escrevo este artigo, no dia 18 de abril. A situação não é a mesma em todos os países, todavia no Brasil está entre as mais sentidas, se olharmos a fotografia do momento e o que ela já revela sobre o que nos espera, não apenas em razão da grave crise sanitária sem solução próxima, mas também dos problemas sociais com os quais convivemos historicamente e que a emergência epidemiológica piora. Estamos falando da insegurança alimentar, vulnerabilidade da educação pública e degradação do mundo do trabalho, sobretudo.

⁷⁰ Publicado no dia 30 de abril de 2021 no **Portal da Associação dos Docentes** da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – ADUR-RJ. Disponível em: <<http://www.adur-rj.org.br/portal/paulo-freire-seu-centenario-e-a-pandemia/>>.

É bom que se diga que a “dramaticidade da hora atual” não é um episódio da história natural. A pandemia da Covid-19 foi criada por nós, humanos, como afirmou David Quammen em artigo publicado em 2020 e que agora é prefácio da sua obra **Contágio: Infecções de origem animal e a evolução das pandemias**. Problema que não escapa de uma análise a respeito do capitalismo atual e sua consequente inviabilidade ambiental, tema da obra **Capitalismo e colapso ambiental**, de Luiz Marques. O problema somos nós, portanto. Mas não de forma indiferenciada, é claro. Somos indivíduos sociais e participamos do drama atual do planeta de acordo com as nossas condições existenciais, em uma linguagem freireana.

Paulo Freire é alguém que chega aos cem anos ainda lúcido para nos ajudar frente aos desafios da nossa era. No Brasil, mas em todo o mundo, vivemos também tempos de pós-verdade, fatos alternativos e *fake news*. Há um *revival* dos fascismos, que nunca desapareceram exatamente, mas agora estão em alta. Falando nisso, por aqui existem Bolsonaro e as milícias se expandindo no território das cidades. Mas como Paulo Freire poderia nos ajudar? Ele partiu em 1997, mas possuímos o seu legado e a sua própria história de vida como qualidades para juntarmos ao nosso pensamento e ação política – e agora, em regime de urgência, se desejamos sair da “dramaticidade da hora atual”, ainda em condições de viver e seguir lutando.

Como expresso na **Pedagogia da indignação**, Paulo Freire observou que se a educação sozinha não transforma a sociedade, por outro lado, sem ela a sociedade não muda também. Para Paulo Freire, portanto, o campo da política é também da educação. Está claro o significado, então, quando ele pergunta em **Pedagogia da autonomia**: “Em favor *de que* estudo? Em favor *de quem*? Contra *que* estudo? Contra *quem* estudo?” A educação freireana é indiscutivelmente política e não poderia ser de outro modo. Toda educação é sempre

política. Paulo Freire explicita o que não deve permanecer velado sobre a natureza mesma da educação, ela faz parte da nossa visão de mundo.

Fortemente influenciado pela fenomenologia e pelo existencialismo, Paulo Freire formulava a educação politicamente como um ato de conhecimento a propósito da nossa presença no mundo e ação libertadora para uma existência integral. Especialmente a partir da década de 1970, sua concepção de mundo é acentuadamente marxista também. Mas importante observar: Paulo Freire manipulou vastas referências filosóficas e possuía conhecimento dos autores que discutiam a sociedade brasileira até a década de 1960, quando precisou partir para o exílio após o golpe de 1964. Segue-se uma trajetória internacional e muitas outras aquisições intelectuais. Assim, é possível dizer, organizou seu pensamento de modo complexo e original, difícil de ser interpretado de modo unidimensional. Usar Paulo Freire é um trabalho de criação também.

Agora que nos afligem a pandemia e outros demônios, Paulo Freire, nos seus cem anos, é também uma fonte para nutrir nossas esperanças quando tudo parece estar se fechando sobre a sociedade brasileira. Inclusive, o Paulo Freire da década de 1990 foi um combatente contra o fatalismo neoliberal. Ele já percebia como o perigo de um abatimento poderia sacrificar nossa coragem e produzir a desesperança. O último Paulo Freire falou diversas vezes sobre a importância da utopia e do sonho para continuar lutando. Conhecer e estudar sua obra para seguir firme na luta com confiança.

PARTE III

**Paulo Freire:
Por uma educação crítica, democrática e transformadora⁷¹**

[25/10/2019]

Sobre Paulo Freire, vivemos um momento ímpar. Mesmo após a sua partida, no ano de 1997, seu legado é duramente perseguido por seus detratores. Em 15 de março de 2015, em uma manifestação que pedia o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, até Paulo Freire foi atingido. Uma imagem feita durante a manifestação viralizou nesse dia nas redes sociais. Uma faixa dizia: “Chega de Doutrinação Marxista. Basta de Paulo Freire”.⁷² Inacreditável, *non sense*, poderíamos até dizer. Mas segundo Ana Maria de Araújo Freire, “quanto mais batem em Paulo Freire, mais ele cresce”⁷³. Dados da editora Paz e Terra confirmam: venda de livro de Paulo Freire aumenta durante governo Bolsonaro⁷⁴.

Como educadores, estamos diante de um importante desafio. Educador brasileiro de maior repercussão nacional e internacional tem sido duramente atacado por grupos e

⁷¹ Texto que escrevi para a minha participação em dois eventos:

Dia 22 de outubro, na **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – SNCT 2019 – UFRRJ**, no Campus Nova Iguaçu, quando apresentei a palestra “Paulo Freire para entrar no século XXI”.

Dia 24 de outubro, quando participei da mesa-redonda “Paulo Freire: por uma educação crítica, democrática e transformadora”, no **10º Fórum de Licenciaturas da UFF**, em Niterói.

⁷² Disponível em: <<https://www.planocritico.com/fora-de-plano-14- chega-de-doutrinacao-marxista-basta-de-paulo-freire/>>.

⁷³ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/quanto-mais-batem-em-paulo-freire-mais-ele-cresce-diz-ana-maria-freire-viuva-do-educador-23602878>>.

⁷⁴ Disponível em: <<https://epoca.globo.com/guilherme-amado/venda-de-livro-de-paulo-freire-aumenta-durante-governo-bolsonaro-23918581>>.

indivíduos que representam o que existe de mais reacionário no Brasil contemporâneo. Por outro lado, o interesse por Paulo Freire aumenta, inclusive com a publicação de novos livros dedicados a ele. Apenas em 2019, citaria pelo menos três relevantes obras publicadas: **O educador: Um perfil de Paulo Freire**, de Sérgio Haddad; **O legado de Paulo Freire para a educação na Amazônia**, uma reunião de artigos organizada por João Colares da Mota Neto e Ivanilde Apoluceno de Oliveira; **Paulo Freire, mais do que nunca: Uma biografia filosófica**, de Walter Kohan. Mais ainda, com grande empenho de Ana Maria de Araújo Freire, obras com inéditos de Paulo Freire em livro ou reedições são lançadas. Destaco a nova edição de **A educação na cidade**, de 1991, versão ampliada que ganhou novo título e nova editora também, agora em 2019. Trata-se de **Direitos humanos e educação libertadora: Gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo**.

Recentemente, em setembro, participei do evento conjunto **III Encontro da Cátedra Paulo Freire da Amazônia/IV Fórum de Leituras de Paulo Freire da Região Norte/XV Jornada Paulo Freire/I Semana Paulo Freire do Curso de Pedagogia da UEPA**⁷⁵, em Belém, Pará. A oportunidade de acompanhar o evento na região amazônica foi única na percepção da multiplicidade de atores sociais que usam e dialogam com a herança freireana. Eu destacaria o movimento popular feminista, o movimento quilombola e o movimento indígena.

Paulo Freire está no olho do furacão. Existe um renovado interesse por sua obra, mas existem também difamadores que perseguem a sua reputação como educador. Qual a nossa responsabilidade como educadores? Antes de tudo, de toda e qualquer opção sobre Paulo Freire,

⁷⁵ Disponível em: <https://paulofreireamazonia.wixsite.com/2019?fbclid=IwAR08azpcL1JlnRXRh_mO41MZa5DHafWjEXPsXM3TNQaqqZluAET939V-sSs>.

precisamos conhecer e entender a sua obra. Naturalmente, como qualquer autor significativo, Paulo Freire está sujeito a polêmicas e discussões sobre os sentidos do que escreveu e realizou também como educador. Como autor, Paulo Freire só sobreviverá decisivamente se for debatido e reinventado.

O problema é de outro tipo. Muitas objeções à obra de Paulo Freire, realizadas publicamente até por autoridades do governo e, inclusive, pelo próprio presidente, são baseadas em *fake news* e orientadas pela chamada pós-verdade. Não são discussões acadêmicas ou políticas em um sentido válido. São verdadeiras campanhas para desmoralizar a herança de Paulo Freire, sem qualquer fundamentação científica, apenas orientadas pela contrariedade absoluta, inclusive pelo ódio. Em agosto de 2018, às vésperas da eleição, a página do Twitter #SaídaPelaDireita, atualmente com 41 mil seguidores, publicou um meme contra Paulo Freire que mostrava a foto de um grupo quebrando a porta de vidro de algum estabelecimento, aparentemente registro de alguma manifestação. No centro da imagem, um homem segura uma marreta. Sobre a imagem, um texto: “Método Paulo Freire”. No texto do *tweet*, escrevem: “Método Paulo Freire não é Educação, é pura Doutrinação!”. Uma página bolsonarista. A acusação de doutrinação da educação freireana é a mais recorrente.

A leitura dos textos de Paulo Freire não autoriza a conclusão de que o chamado Método Paulo Freire, ou mais amplamente o seu pensamento, é baseado na doutrinação. Pelo contrário, encontramos na sua obra inúmeros posicionamentos contra a doutrinação.

O “problema” está em outro lugar. O que Paulo Freire sempre afirmou foi a *politicidade da educação*.

O que me proponho a apresentar aqui é o percurso que Paulo Freire desenvolveu em três obras que escreveu entre o final das décadas de 1950 e de 1960 para compreendermos o sentido político da sua concepção de educação, que tanto atemoriza seus declarados inimigos.

Educação e atualidade brasileira é a tese que escreveu para o concurso de professor de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Belas Artes de Recife. Paulo Freire publicou a obra em uma edição do autor, em 1959. É um trabalho que relaciono ao que chamo de “primeiro Paulo Freire”, enquanto **Pedagogia do oprimido**, em aproximadamente 10 anos, representará uma importante inflexão no seu pensamento.

A principal proposição de **Educação e atualidade brasileira** é a de que o país possui uma antinomia fundamental, entre a nossa inexperiência democrática e a emersão do povo. Amparado por uma bibliografia escrita por autores que tinham como projeto uma interpretação do Brasil e orientado também pelo pensamento desenvolvimentista, Paulo Freire procurou mostrar o déficit democrático da sociedade brasileira a partir dos elementos constitutivos da sociedade colonial e o impasse que o país se deparava diante do processo de modernização já deflagrado. Para Paulo Freire, a solução do impasse estava na educação.

Para demonstrar o papel decisivo que poderia ser exercido pela educação na “atualidade brasileira”, Paulo Freire faz uma análise das formas de consciência. Como herança da forma de sociedade colonial, adquirimos uma consciência intransitiva dominante. Trata-se de uma consciência limitada à existência mais imediata do indivíduo, sem a capacidade de problematizar mais amplamente a vida histórica e social, resultado das práticas de poder vigentes, de ausência absoluta da experiência democrática.

Provocada pelos processos de modernização urbana e industrial, a consciência intransitiva torna-se transitiva, mas imediatamente ingênua e insuficiente para uma sociedade em transição. A tese de Paulo Freire é de que a educação é o caminho para a aquisição de uma consciência transitivo-crítica adequada ao desenvolvimento econômico em curso. A não ultrapassagem da consciência transitivo-ingênua em

consciência transitivo-crítica é a massificação como modo degenerado de consciência social.

Paulo Freire atribuí à educação a condição de criar a subjetividade correspondente à consciência transitivo-crítica. Porém, critica a escola existente e fala da sua necessária transformação, vencendo os modos tradicionais de ensino, que não desenvolvem as capacidades requeridas para o desenvolvimentismo e progresso social. Por que não? Em razão das suas características inibidoras, como o mutismo. A escola necessita inaugurar condições expansivas para a formação de um indivíduo plenamente atuante, capaz de dirigir sua vontade no sentido da colaboração social.

Poderíamos dizer que a dinâmica do capitalismo avançado requer um indivíduo mais participativo e integrado, ativo. A escolarização, apostava Paulo Freire, era o processo adequado para essa aquisição. O “primeiro Paulo Freire” ainda não trabalhava com a concepção de mudança social no sentido de superação do próprio capitalismo. Paulo Freire estava mais preocupado com uma maior correspondência da sociedade brasileira com o capitalismo, sem pensar em uma transformação estrutural, diríamos agora.

De todo modo, o que gostaria de reter aqui é a tese de Paulo Freire, segundo a qual a escola deveria exercer um papel necessário para o desenvolvimento, e o educando transforma-se em um indivíduo participante, socialmente atuante para as mudanças requeridas.

Educação como prática da liberdade foi publicado em 1967, mas já estava escrito em 1965. É considerado o primeiro livro de Paulo Freire publicado por uma editora. Em alguma medida, é uma reelaboração de **Educação e atualidade brasileira**. No entanto, existe, pelo menos na parte final do livro, um importante acréscimo que nos interessa para entendermos a ideia de politicidade da educação de que nos fala Paulo Freire.

Educação como prática da liberdade foi escrito no exílio, quando Paulo Freire ainda estava no Chile. Importante recuperar a trajetória de Paulo Freire até aqui. No começo dos anos sessenta, através do Serviço de Extensão da Universidade de Recife e do Movimento de Cultura Popular de Recife, Paulo Freire atuou em campanhas de alfabetização. A mais destacada delas, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Desenvolveu nesses trabalhos o que ficou conhecido como Método Paulo Freire ou Sistema Paulo Freire.

Em 1963, Paulo Freire ganha uma projeção muito grande como educador e já começa a adquirir reconhecimento internacional com o seu trabalho na alfabetização de adultos. É convidado pelo presidente João Goulart para liderar uma campanha nacional. No entanto, em 1964 acontece o golpe civil-militar, que perseguirá aqueles que eram vistos como inimigos do regime recém-instalado. Entre eles, Paulo Freire. Depois de duas prisões e certo de que seria novamente preso, Paulo Freire parte para o exílio. Uma passagem rápida pela Bolívia e depois segue para o Chile, onde permaneceria até 1969.

O que gostaria de destacar de **Educação como prática da liberdade** é o conteúdo referido ao Método Paulo Freire, que já havia desenvolvido no ano de 1963. O Método é menos uma sucessão de procedimentos e mais uma determinada concepção de produção de conhecimento que poderia ser organizada como uma ação pedagógica e cultural libertadora. Mantida a perspectiva anterior de conscientização, agora existe uma prática sistematizada como proposta para o trabalho de alfabetização.

Com o Método Paulo Freire, a alfabetização se tornava uma prática educativa em que o indivíduo deveria adquirir uma perspectiva existencial desenvolvida sobre as suas próprias capacidades criadoras como ser social. O indivíduo deixava de ser apenas objeto das políticas que dirigiam sua

vida para tornar-se também sujeito das políticas, capaz, portanto, de dirigir o seu próprio destino.

Existe uma característica do Método Paulo Freire que era a sua implicação cultural e social com o educando. A ideia é que essa implicação criava as condições necessárias à própria aprendizagem por meio do interesse. Estamos diante de uma concepção de educação temerária para as elites que se mantinham elites exatamente porque podiam também manter as classes populares inconscientes de suas capacidades e do legítimo direito de governar a própria existência. A educação tradicional não desvela, ela oculta. Partindo dos referenciais das próprias classes populares, o Método Paulo Freire autentica e potencializa seus elementos através do que a educação proporciona aos grupos alcançados.

No jogo inicial de codificação/decodificação proposto com o uso das chamadas fichas de cultura, os educandos se deparam com as situações existenciais e são provocados a pensar as criações humanas, conscientizando-se como sujeitos e não objetos da história.

As “aulas”, na verdade, são Círculos de Cultura e suas reuniões fomentam o sentido do coletivo e socialmente emancipatório. Aqui, então, com experiências educativas já desenvolvidas por Paulo Freire no começo da década de 1960, especialmente a partir da campanha de alfabetização na cidade de Angicos/RN em 1963, o elemento político da educação adquire uma determinada radicalidade porque já está articulada a movimentos e práticas que causavam tensão com o poder. Paulo Freire será convidado pelo presidente João Goulart para liderar uma campanha nacional de alfabetização.

Importante observar que uma ampla campanha nacional de alfabetização teria uma repercussão “conscientizadora” das classes populares que poderia afetar até o comportamento eleitoral. Alfabetizados, já poderiam votar. Na verdade, o número de eleitores cresceria significativamente em muitos lugares, o que era preocupante

para as elites que contavam também com as eleições para controlar seus interesses. Em uma atmosfera política nacional que era de polarização, o Método Paulo Freire tinha um significado de *politização da educação* que era inconveniente para o projeto que a direita mais conservadora e reacionária tinha para o país.

Politicidade da educação que adquire em Paulo Freire outro patamar com a publicação de **Pedagogia do oprimido**. Livro que já estava pronto em 1968, mas que foi publicado primeiro nos EUA em 1970. Em relação à **Educação e atualidade brasileira** e **Educação como prática da liberdade**, **Pedagogia do oprimido** se distancia do primeiro e mantém alguma proximidade com o segundo. O que desaparece é o esquema interpretativo mais geral da sociedade brasileira e acentua uma concepção da educação vista a partir do interesse de um sujeito específico, o *oprimido*, identificação da classe popular diante de seu oposto, o opressor.

A definição de uma identidade social localizada em uma estrutura de poder e a formulação de uma concepção de educação para esse sujeito se emancipar é a *politicidade da educação* que Paulo Freire já explicitava desde a sua tese, mas que só adquire a feição do seu pensamento, que conhecemos hoje, com a publicação de **Pedagogia do oprimido**. A autonomia da *pedagogia do oprimido* é não pensar a educação como um interesse “comum” de uma sociedade, o que constitui uma ideologia do poder.

Há uma capa de uma edição estrangeira de **Pedagogia do oprimido**, da Penguin⁷⁶, que mostra, de modo estilizado, uma arma que possui um lápis no lugar do cano. O tiro é a “escrita do mundo”, em uma linguagem freireana. Acho a capa até perturbadora para uma publicação da área de educação, uma das obras mais importantes da pedagogia

⁷⁶ Disponível em: <<https://www.penguin.com.au/books/pedagogy-of-the-oppressed-9780241301111>>.

moderna. De todo modo, há nela uma pedagogia da imagem que diz sobre o temor que causa naqueles que estão empenhados em manter a estrutura social fundamentalmente intocável. Para o poder, a educação nunca foi neutra e tampouco poderá vista como neutra pelas classes populares. Não é a “doutrinação”, que inexistiu em Paulo Freire, mas a consciência da politicidade da educação e o caráter libertador assumido na sua prática, o que provoca um grande ódio contra ele – e até os dias de hoje.

A culpa é de Paulo Freire?

[29/09/2019]

Como parte das minhas pesquisas sobre Paulo Freire, tenho publicado alguns textos para contestar as críticas mais vulgares dirigidas à sua obra. Já publiquei no meu blog **Pedagogia da Imagem** outros dois textos, que serão mostrados mais adiante, a propósito dos artigos escritos por Miguel Nagib, do Movimento Escola Sem Partido, e por Fernando Holiday, do Movimento Brasil Livre (MBL). Trata-se de uma articulação contra a importância crítica de Paulo Freire na educação brasileira que não pode ficar sem alguma resposta.

O que dizer agora sobre o artigo “Sim! A culpa é de Paulo Freire!”⁷⁷, escrito pelo colunista João Cesar de Melo, do Instituto Liberal?

A campanha sem escrúpulos para caluniar Paulo Freire parece não ter mais limite algum, concluo. Não é o caso nem de dizer que se trata de uma cruzada orientada pela ignorância, pelo desconhecimento da sua obra. A palavra “conhecimento” simplesmente não cabe aqui. Não há qualquer pretensão de um novo conhecimento, de uma avaliação crítica sobre Paulo Freire. Estou falando de dizer mentiras, de disseminar *fake news* sobre um dos mais importantes educadores do século XX, cujo legado ainda é relevante no começo do século atual.

A imagem que João Cesar de Melo utiliza para abrir o seu artigo já antecipa uma associação que será feita no texto: a violência contra professores nas escolas é vinculada a Paulo Freire. Inclusive, através da imagem, até a taxa de homicídio é

⁷⁷ Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/sim-a-culpa-e-de-paulo-freire/>>.

freireana. Tanta coisa infeliz provocada por Paulo Freire, como isso é possível? A premissa principal do artigo é *fake news*, constatamos. Segundo João Cesar de Melo, já faz mais de vinte anos que adotamos no Brasil o “Método Paulo Freire de ensino”!

Claro, o argumento que orienta tudo no artigo é absolutamente falso. O autor indica no final do seu texto uma série de links a respeito de algumas estatísticas e informações que utiliza. Isso faz parecer que o artigo foi escrito de forma fundamentada. É apenas um recurso para enganar sobre o principal. Não existe qualquer referência para embasar a afirmação absolutamente estranha à história da educação brasileira de que seguimos por aqui uma política pedagógica freireana. Trata-se de uma falsidade total para arruinar agora os usos da obra de Paulo Freire.

Tudo mais no artigo está completamente comprometido com a enganosa premissa adotada. Um dos artigos mais desprezíveis já escritos para atingir a reputação de Paulo Freire, o autor inclusive cita registros disponíveis na internet para dizer que salas de aula se transformam em baile funk e sites pornôns mostram alunos transando dentro das escolas, além de referir-se ao tráfico de drogas também nelas. Para João Cesar de Melo, tudo isso aí é resultado de Paulo Freire nas escolas. Não poderia existir tentativa mais ordinária para atingir Paulo Freire.

Não adianta listar outros abusos do texto. O problema é o ponto de partida adotado: “O Método Paulo Freire aplicado na escola brasileira”. Isso não existe. Remeto a uma entrevista de José Eustáquio Romão⁷⁸, que, em 2015, já havia se ocupado com a questão, quando a recorrente campanha contra Paulo Freire, desde a década de 1960, é mais uma vez retomada durante as manifestações para a destituição da presidenta Dilma Rousseff. Sem condições de relacionar o

⁷⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulo_freire_cc>.

problema de educação brasileira com uma suposta herança freireana, o que existe é a fraude.

Discutir qualquer outro ponto do texto seria dialogar com *fake news*, um consentimento que não podemos cometer. Pelo contrário, precisamos denunciar uma prática que é a pós-verdade como estratégia discursiva. Necessário apontá-la para desmontar uma visão das coisas que não é orientada para um debate minimamente razoável, mas para a imposição de uma verdade que deseja ser transmitida autoritariamente, ao sabor apenas de doutrinas sem quaisquer fundamentos analíticos, como fazem hoje os populistas de direita.

O artigo escrito por João Cesar de Melo é desprovido de qualquer razão voltada para a discussão livre de ideias. Não se propõe ao debate. Não há nada para ser considerado nele se não dizer que é parte de uma articulação para desmoralizar Paulo Freire através da adulteração e da trapaça. O que personagens como o autor do artigo revelam na cruzada contra Paulo Freire é um desprezo anterior, que é a rejeição até aos valores da educação moderna, de orientação escolanovista. E, naturalmente, o desprezo pela democracia – mesmo como um valor burguês.

Fernando Holiday contra Paulo Freire

[14/06/2019]

Fernando Holiday, coordenador nacional do Movimento Brasil Livre (MBL) e vereador da cidade de São Paulo, eleito pelo DEM, publicou, nos últimos dias, dois artigos sobre Paulo Freire no seu blog do **MBL News**: “Paulo Freire, doutrinação e o fantasma do Construtivismo”⁷⁹ e “De Freire a Calvino, uma resposta ao oprimido”⁸⁰. A direita mais reacionária elegeu Paulo Freire como inimigo, mesmo após a sua partida. Querem destruir o seu legado. Por isso é importante se opor, mostrando o que significam esses ataques.

Fernando Holiday, de pronto, diz que não pretende escrever um “artigo científico”, para tranquilizar seus leitores. Eles não correm o risco do enfado, é o que diz. No entanto, pode ser lido também como um aviso sobre a real propriedade do que irá escrever. Ou seja, não será nada suficientemente orientado pelo conhecimento da obra de Paulo Freire e correspondente crítica esclarecida. Tampouco revelará um amadurecido conhecimento da educação brasileira. O que importa é estar alinhado à campanha infame de atacar Paulo Freire sem reservas e propor para a educação nacional uma saída sem qualquer noção a respeito.

Inicialmente, Fernando Holiday lembra a participação de Paulo Freire na fundação do PT e sua passagem pela gestão de Luiza Erundina na prefeitura de São Paulo. Logo depois se propõe a entregar a chave do pensamento de Paulo Freire,

⁷⁹ Disponível em: <<https://mblnews.org/blogs/paulo-freire-doutrinacao-e-o-fantasma-do-construtivismo/>>.

⁸⁰ Disponível em: <<https://mblnews.org/blogs/de-freire-a-calvino-uma-resposta-ao-oprimido/>>.

realizando uma rápida síntese sobre o caráter político do livro **Pedagogia do oprimido**. Diante da afirmação de Paulo Freire sobre a existência de interesses opostos entre opressores e oprimidos, Holiday observa o que identifica como uma suposta incoerência do “pedagogo petista”. Para Holiday, Paulo Freire acusa os opressores de dividir a sociedade, no entanto, ele mesmo, Paulo Freire, cometera tal divisão.

Ora, a conclusão de que existem interesses opostos nas sociedades não é uma “acusação” de Paulo Freire, mas uma constatação sociológica. Não se trata de uma narrativa criada por ele para perseguir aqueles que chama de opressores. Toda teoria crítica observa a problemática do poder, das diferenças sociais e das oposições diversas em qualquer sociedade constituída. Isso não é praticar uma divisão social, como diz Holiday. Assumir uma visão de mundo e comprometer-se com a transformação social é uma alternativa política construída a partir de desigualdades existentes, sentidas e demonstráveis. Não se trata de uma criação sem correspondência com a realidade.

Um problema das visões de mundo mais simplórias, de baixa capacidade analítica, é negar concepções básicas da sociologia e não possuir compromisso algum em considerar fatos sociais verificáveis. Holiday chega a considerar que o que chamam de “nós contra eles” petista tem a sua raiz na versão freireana da fórmula oprimido x opressor. Não existe na visão de mundo de Holiday qualquer crítica social. Seu pensamento é extremamente acomodado socialmente e seu compromisso com a manutenção da sociedade capitalista como está é absoluto. A ideia de uma conscientização através da educação é negada de forma integral. Não admite de modo algum um conhecimento escolar comprometido com a transformação da realidade social.

Portanto, para Holiday, a educação escolar serve apenas à imobilidade social, sem problematizar a quem interessa de fato essa conservação. A educação como crítica social é para ele um

abuso profissional do professor. E aqui é importante observar que Paulo Freire sempre advertiu sobre a doutrinação, que sempre condenou. Os pressupostos para uma educação libertadora presumem sim uma ética, e Paulo Freire nunca deixou de fazer essa consideração. Mas Holiday não está interessado em estudar Paulo Freire e seu sistema de pensamento. O que pretende é tão somente condená-lo para afastar os riscos da sua contaminação entre educadores e a sala de aula.

Ao encontrar em Paulo Freire o problema do poder e da emancipação, ou seja, da mudança social, Holiday já recusa a visão transformadora da educação nele existente. Aversão reacionária que o impede também de assimilar a discussão sobre os rumos da educação popular no século XX e, agora, no século XXI. É assim que situa Paulo Freire no movimento construtivista para dizer que sua apropriação introduziu uma inovação deplorável: a conscientização. Além de relacionar Freire com o marxismo, sem observar que, para muitos marxistas, essa relação é apenas relativa ou até insuficiente, Holiday destaca a matriz escolanovista da sua concepção de educação para condenar o próprio legado crítico do construtivismo.

Estamos agora diante de um ponto muito sensível da crítica da extrema direita hoje dirigida a Paulo Freire. Existe aí um projeto de sociedade que é adversário se não da própria modernidade, pelo menos das suas ambivalências mais progressistas! Encaixar Paulo Freire como marxista e construtivista é uma prática discursiva para situá-lo no limite do que existe de mais ameaçador a uma suposta normalidade social. Deixar-se tocar pelas ideias de Paulo Freire é comportar-se como soldado freireano pronto para corromper os alunos através da “conscientização”. Então, da forma mais excêntrica e *nonsense* possível, irá indicar o reformador Calvino como um substituto de Paulo Freire na educação brasileira.

Sim, no segundo artigo que completa a discussão de Holiday sobre Paulo Freire, do nada, podemos afirmar, ele indica João Calvino para “substituir a pedagogia do oprimido

em sala de aula”. Holiday faz algumas rápidas considerações sobre o humanismo cristão de Calvino, afirma a vantagem de uma escola que prepara para a lógica capitalista, refuta a teoria da reprodução em Pierre Bourdieu e finaliza dizendo que o “monstro opressor” de Paulo Freire definitivamente não existe. Nas últimas linhas, tudo de bizarro que precede é ultrapassado pela mais abjeta fraude do pensamento. Reproduzo aqui, pois se trata de algo intraduzível por tudo que possui de desprezível:

“Alguns professores se acham no direito de fazer e desfazer a cabeça de seus alunos como bem entenderem sob a infame bandeira de uma libertação que nunca chega. Por conta dessas loucuras, alunos se convencem de que para lutar contra a ‘opressão’ precisam se opor radicalmente ao sistema, mesmo que para isso tenham que aderir a criminalidade. Por conta disso, em muitos morros, a referência para o aluno deixou de ser o pastor ou o doutor e passou a ser o traficante ou, com sorte, o maconheiro”.

A leitura dos dois artigos de Holiday me deixou indignado com a tentativa de desqualificar Paulo Freire de forma tão inconsequente, intelectualmente falando, mas, sobretudo, senti uma grande indignidade do autor, principalmente na passagem acima reproduzida. Hoje, o intelectual de esquerda se depara com esse enorme desafio. É preciso analisar o que dizem seus adversários do espectro da extrema direita, principalmente, quando encobrem a insuficiência analítica do que articulam politicamente mobilizando emocionalmente seus seguidores e provocando ainda seus opositores. Corremos o risco da reação transloucada também, impacientes com a própria impossibilidade de existir algum debate de ideias, para o qual fomos formados.

A expressão intelectual de Holiday é muito fraca. Mas como nos atinge, então? Afetando a nossa racionalidade. Substituir Paulo Freire na “sala de aula” já é uma consideração surreal, porque a educação brasileira,

definitivamente, não é freireana. Por outro lado, propor, então, Calvino... Nossa, nada disso faz sentido de acordo com tudo o que estudamos sobre a história das ideias pedagógicas e diante da própria realidade da sociedade brasileira. Mas o que precisamos entender é que a aparente demência da extrema direita funciona, concretamente, para nos lançar em território inóspito e paralisante. A idiotice é um método para nos atordoar enquanto convencem outros tantos, com o auxílio das tecnologias políticas do ressentimento.

Não sei se a extrema direita brasileira de fato acredita na presença freireana nas escolas. Se esse pessoal é ignorante ou dissimulado. Não importa. Há uma passagem no segundo artigo do Holiday que acho reveladora: “Como rebater a **Pedagogia do oprimido** teorizada por Paulo Freire e idolatrada por milhões de professores?”. Paulo Freire, idolatrado por milhões de professores... O que existe de superlativo aqui é uma traição do inconsciente. O grande medo a respeito de Paulo Freire é, na verdade, o medo dos professores, o medo que resistam, que lutem, que trabalhem contra a mentira e o engodo que representa tudo o que emergiu nas últimas eleições.

Holiday teme que a prática da educação popular descortine o grande vazio que ele representa.

Paulo Freire⁸¹

Chamam atenção as críticas que o atual governo tem dirigido a Paulo Freire. Tanto o atual ministro da Educação quanto o anterior já se posicionaram publicamente contra o seu legado. O clã Bolsonaro também. Trata-se de uma verdadeira campanha contra o *status* de grande educador adquirido por Paulo Freire. O movimento Escola Sem Partido participa desse esforço. Até as manifestações que culminaram com o golpe que afastou a presidenta Dilma Rousseff foram ocasiões para condená-lo. Tratam-se de ataques com características bem definidas. São realizados por personagens e grupos que se encontram no espectro político da extrema direita. Principalmente, não são críticas orientadas pelo adequado conhecimento da obra e referidas à sua concreta trajetória de educador. O que fazem são investidas sem qualquer preocupação em demonstrar de forma lúcida porque Paulo Freire é hostilizado. O que assistimos é uma ofensiva cega, odiosa até. O reconhecimento adquirido por Paulo Freire é verdadeiramente internacional e sua importância para a pedagogia contemporânea é incontestável. Não significa que a sua obra não deva ser discutida e criticada também. Como qualquer pensador, ele está sujeito ao reexame do seu significado. No entanto, o que assistimos é uma tentativa de desmoralizar Paulo Freire¹⁸⁵, atacá-lo de um modo vil e vulgar. A questão para todos os que se interessam pela sua obra é perguntar e debater publicamente: Por que toda essa campanha desprezível contra ele agora? Também no contexto que culminou com o golpe militar que afastou João Goulart da presidência, quando Paulo Freire assumia a coordenação do

⁸¹ Publicado originalmente no informativo **Rural Semanal**, ano XXVI, n. 4, 20 a 26 de maio de 2019, p. 2.

Programa Nacional de Alfabetização, ele foi perseguido e até preso, em 1964. Precisou se exilar. Depois de uma notável carreira atuando em vários países em diferentes continentes durante 16 anos, retornou ao Brasil com a chamada redemocratização, em 1980. Foi, então, secretário municipal de Educação (1989-1991) de Luiza Erundina e lecionou na Universidade. Até nos deixar, em 1997, seguiu ativo e influente. Entramos no século XXI com um formidável legado para explorar, entre suas inúmeras obras e tantos registros sobre seu trabalho como educador em diferentes lugares do planeta. Portanto, a nova perseguição é o que precisamos entender agora. A fúria dos seus perseguidores é a de condená-lo a um exílio definitivo. Por quê? Precisamos nos debruçar e construir respostas para isso. Não se trata de uma curiosidade intelectual. O que está em jogo é a educação brasileira. Devido ao espaço restrito do artigo, gostaria de indicar apenas duas pistas. Primeira: a nova direita populista e os segmentos políticos que desejam sacrificar a educação pública em favor de interesses privados encontram em Paulo Freire uma presença que precisa ser vencida. Segunda: as novas técnicas de poder do neoliberalismo são avessas à conscientização freiriana. O chamado Método Paulo Freire é um modelo que entra em rota de colisão com as práticas psicopolíticas que objetivam a viva colaboração do indivíduo na negação da sua própria liberdade.

O pesadelo é Paulo Freire

[07/02/2019]

Miguel Nagib, coordenador do movimento Escola Sem Partido, publicou agora, no último dia 2, artigo intitulado “O pesadelo de Paulo Freire”, no jornal **Gazeta do Povo**⁸². Especialmente a partir de 2015, acentuou-se uma nova onda de ataques à pessoa e ao legado intelectual de Paulo Freire. Desde os anos 1960, Paulo Freire é agredido por indivíduos e grupos políticos. Vejam bem, não estou dizendo contestado, uma situação comum para qualquer intelectual influente. Ser contradito é algo normal para qualquer pensador. No entanto, Paulo Freire faz parte daquele grupo de intelectuais que é perseguido, a obra é hostilizada e a sua própria pessoa insultada.

O artigo do Miguel Nagib faz parte de uma investida mais recente de provocações mais do que de debate teoricamente orientado para divergir da herança de Paulo Freire. Diante do alcance midiático dessa arremetida, mesmo considerando seu inexpressivo valor intelectual, a universidade precisa discutir as concepções subjacentes a esse assédio porque estamos lidando com visões de mundo presentes nas discussões atuais sobre sociedade e educação no Brasil. Ignorar essas ideias em razão da sua ausência de fundamentos é abandonar a disputa ideológica que está sendo travada sob o signo das “guerras culturais” e perder espaço para esse pessoal que está tecendo um novo e perigoso horizonte político no país.

Trata-se de um breve artigo que aborda a recorrente questão levantada pelo Escola Sem Partido, a doutrinação em

⁸² Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opinio/artigos/o-pesadelo-de-paulo-freire-684gfyjqjonvgecgbalyx386u/>>.

sala de aula. O texto procura desmoralizar o entendimento de que, afinal, toda educação não é neutra e, portanto, inescapavelmente ideológica. Miguel Nagib admite que a neutralidade não existe, mas afirma que existe uma má fé do militante disfarçado de professor que utiliza essa conclusão para justificar a suposta doutrinação que pratica. Para Miguel Nagib, o professor precisa fazer um esforço metódico para manter sob controle a influência ideológica. Ele cita possíveis situações de professores que utilizam as suas aulas para intervenções político-partidárias, abusando da autoridade do professor e do poder institucional da escola.

Existe um artifício no texto que é lembrar de Paulo Freire para relacioná-lo com o suposto mal-estar ideológico nas escolas a partir de uma ficcionalização. Miguel Nagib nos conta sobre um sonho que teria atormentado Paulo Freire desde os seus tempos no exílio. Em uma sala de cirurgia, o médico que vai operar Paulo Freire aparece contaminado, sujo. Paulo Freire pergunta se ele não vai se lavar e o médico responde que seria inútil porque não existe ambiente livre de contaminação. A alegoria que serve de pesadelo para Paulo Freire é uma demonstração cruel da falibilidade do argumento que diz que a contaminação ideológica é insuperável.

A história não é só de mau gosto, ela funciona de modo artificial para atingir Paulo Freire e termina por entregar o problema principal do texto. Paulo Freire e doutrinação ideológica nas escolas são dois elementos que Miguel Nagib tenta juntar para demonstrar o comprometimento do “Patrono da Educação Brasileira” com uma suposta má conduta frequente no magistério. O problema maior do texto é que no lugar de identificar a relação de necessidade entre os dois elementos, ou seja, no lugar de mostrar como a obra e a prática de Paulo Freire orientam o que poderia ser considerado um grau falimentar de atuação dos professores hoje nas escolas, uma falência da educação brasileira provocada por ele, Miguel Nagib conta uma história sem nexo.

Paulo Freire não é nenhuma entidade, um ser absoluto, proibido de ser criticado. Pelo contrário, há muita coisa para ser interpelada na sua obra. Faz parte da sua grandeza também, um extenso legado propício à discussão. As ideias caminham assim, enfrentando o que foi estabelecido para se obter novos resultados, mais satisfatórios. Como disse no início do texto, normal para a ciência isso. Criticar Paulo Freire não pode magoar seus entusiastas. Na verdade, é assim que o pensamento de Paulo Freire irá sobreviver à sua partida, a partir do debate a respeito do que escreveu e orientou na prática. No entanto, no artigo escrito por Miguel Nagib não há nada disso. Ele procura comover seus leitores com o recurso de uma história que pretende ser exemplar ao mesmo tempo que supõe como realidade do magistério situações selecionadas que ela narra.

Para falar de Paulo Freire com a pretensão de ser crítico e severo sobre sua herança é indispensável abordar sua obra e sua prática. Não é o que existe no artigo do Miguel Nagib. Em **Pedagogia do oprimido**, livro mais importante de Paulo Freire, há no quarto capítulo uma seção chamada “Manipulação”, em que observa ser uma característica da “teoria da ação antidialógica”. À manipulação, Paulo Freire atribui um sentido de conformação e anestesiamento das massas populares para que não pensem. Não é apenas uma repulsa retórica que encontramos em Paulo Freire a respeito da manipulação. Ele procura demonstrar seu significado em oposição à concepção de educação que defende, dialógica e libertadora.

Um leitor poderia provocar que a atenção que Paulo Freire dedica ao tema aí é uma advertência ao comportamento exclusivo das elites dominadoras. A questão seria saber, então, se a manipulação não poderia fazer parte do comportamento dos militantes políticos de esquerda também. Paulo Freire não fugiu dessa questão. Em **Pedagogia da esperança**, livro escrito para um reencontro com **Pedagogia do oprimido**, 25 anos após a sua publicação, Paulo

Freire cita e critica as figuras do “educador autoritário de esquerda” e do “militante dogmático trabalhando numa escola”. Paulo Freire observa ainda que a “leitura do mundo” do educador não deve ser imposta ao aluno, e mais, afirma que o papel do educador progressista é salientar que existem outras “leituras do mundo”, diferentes e até opostas à sua.

Se percorrermos a obra de Paulo Freire vamos extrair muitas outras passagens em que ele expõe sua concepção a respeito da responsabilidade democrática do educador. Se existem contradições a respeito disso, se outras passagens da sua obra ou mesmo da sua prática como educador não condizem com essa imagem de educador democrático, necessário fazer essa identificação e discutir seu significado. Agora, dirigir-se de forma imprudente ao legado freireano e ser vulgar no trato da sua pessoa revela mais a respeito do caráter intelectual dos seus detratores do que contesta a importância alcançada pelo Patrono da Educação Brasileira.

E por que atacam tanto Paulo Freire? Isso já seria assunto para escrever outro texto mais detido sobre a questão, mas não é difícil interpretar um dos principais motivos. Paulo Freire sempre foi muito claro sobre sua concepção crítica da educação. A seguinte passagem em **Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo** é bastante exemplar: “Ao preocupar-me com o que conhecer, acho-me necessariamente envolvido com o para que, com o como, com o em favor de que e de quem, com o contra que e contra quem conhecer”. A crítica radical é um patrimônio da esquerda inalcançável pela visão conservadora da educação. Quem defende o *status quo* não pode ir tão longe como foi Paulo Freire, por isso ele é o pesadelo.

Para encerrar o meu texto, mais uma coisa ainda. Sobre o sonho, curioso pensar que o personagem que está agora convalescendo de uma cirurgia é o presidente da República, não é Paulo Freire. Por que ocorreu tal imagem a Miguel Nagib? Quem se *sujou* e foi *contaminado* a ponto de ficar irremediavelmente

comprometido? Um dos mecanismos do sonho, explica Freud, é o deslocamento. Ele permite a substituição de uma figura (ou personagem) por outra(o). Concluem.

Paulo Freire cineasta⁸³

Apenas uma vez encontrei na obra de Paulo Freire uma referência cinematográfica. Em **Pedagogia da esperança**, em um longo parágrafo, quando se refere ao caráter crítico da educação popular, observa que mesmo a formação para um ofício é mais ampla que um treinamento estritamente técnico. Então, exemplifica o que está afirmando a partir da conhecida imagem de um operário na linha de produção de uma fábrica, em um filme:

“A classe trabalhadora não deve dela fazer parte simplesmente como o operário de **Tempos Modernos** se viu às voltas com o ato de apertar parafusos, na produção em série, que Chaplin genialmente criticou”.

Tal observação sobre um filme provocou a minha curiosidade, desejando saber se Paulo Freire assistia a filmes com algum interesse e quais. Curiosidade que se acentuou porque não encontrei ainda mais nenhuma referência cinematográfica em outras de suas obras. Comecei, então, a me perguntar sobre essa “ausência”, se isso não poderia significar que, na verdade, não tinha qualquer interesse significativo pelo cinema, enquanto, por outro lado, uma vez e outra, referia-se a escritores e obras literárias.

Agora, lendo o primeiro volume do livro **Aprendendo com a própria história**, mais uma das suas coautorias com Sérgio Guimarães, surpreso, encontro Paulo Freire descrevendo um episódio que diz ter tido a fantasia de filmar também. Trata-se da recordação do período em que esteve preso pelo regime militar, em 1964. Em uma cela solitária, de

⁸³ Texto que publiquei originalmente no meu blog **Pedagogia da Imagem**, mas que excluí posteriormente.

1,70m x 0,60m, recebe de outro preso, também em uma solitária, pedaços de um frango, através das grades:

“Professor, hoje temos um almoço maravilhoso. Uma amiga me mandou a metade de um frango e vou parti-lo para nós'. E me passou uma parte pelas grades, só víamos nossas mãos no ar, os rostos não. De modo que até hoje me lembro do movimento inquieto da mão dele, um movimento solidário e amoroso”.

Então, completa Paulo Freire:

“Enquanto eu comia o meu pedaço de frango me lembrava do momento anterior, dramático e profundamente estético. Mãos que se procuravam no ar para se transferir um pedaço fundamental de vida na perna assada de uma galinha. E pensei que, se fosse cinegrafista, um dia inventaria uma situação dessa só para fazer um *close* das mãos se procurando”.

Paulo Freire muitas vezes se referiu à estética como algo inseparável da prática educativa. Para ele, a educação sendo transformadora é também criadora e constitutiva de formas, por isso “estética”. Trata-se, antes, da sua própria concepção sobre a existência humana que acompanha seu pensamento sobre a educação. A vida é transformativa e a educação, uma ação da mudança. Portanto, muitas vezes casado com a “ética”, a questão da estética nunca foi estranha à sua obra, pelo contrário.

Notável, na passagem citada, é que tivesse a imaginação de traduzir a epifania que viveu em termos cinematográficos, a separação dos corpos pela prisão pôde ser brevemente vencida pelo encontro das mãos, na partilha do alimento. As mãos representam aqui um laço entre indivíduos, apesar da distância que a prisão pretendia impor. A cena narrada foi vista por Paulo Freire como apropriadamente dimensionada pela linguagem do cinema: um *close*. Trata-se de uma sugestão que poderíamos seguir um pouco mais.

O *insight* cinematográfico de Paulo Freire nos desafia a pensar que a concepção de mundo, além do que

desenvolvemos com a própria experiência, não é formada apenas a partir do contato com outras pessoas e leituras, mas também com imagens. Entre outras expressões visuais, o cinema nos dá formas de ver e compreender a realidade participando das nossas idealizações sociais, das nossas utopias. Assistimos a filmes e com a linguagem do cinema também nos expressamos, imaginária, artística e politicamente.

O plano imaginado por Paulo Freire é a proposição de uma imagem que permite focar, diante dos nossos olhos, a dimensão profética e solidária, esperançosa e comum, da sua concepção de mundo. Ao propor uma imagem a partir de um fragmento da sua vivência, codificando valores e conceitos, Paulo Freire termina por reconhecer a cultura visual não apenas como uma prática da comunicação, mas indica também suas possibilidades formativas. O *close up* freireano é, simultaneamente, pedagogia da imagem e pedagogia política.

A imagem como aproximação pedagógica encontrou no capitalismo tardio uma variedade de artefatos e mídias incomuns na história humana. O cinema é uma dessas fontes. Apesar do raro registro cinematográfico de Paulo Freire na sua obra, a imaginação que lhe ocorreu, cinquenta anos atrás, contém um significado ainda mais nítido agora. A fugaz intuição cinematográfica de Paulo Freire é também um legado que nos deixou e está disponível para a atualização do seu pensamento no século XXI.

Ato(r) criador – Educação e arte popular como leitura do mundo em Paulo Freire⁸⁴

[28/09/2018]

Depois de assistir às apresentações de tantos artistas na mesa, estou aqui pensando como vou me virar, afinal sou apenas um professor. Mas aí eu já posso citar Paulo Freire (2011b, p. 45) que disse no seu livro **Cartas à Guiné-Bissau**: “o educador é um político e um artista”. Então eu também posso me sentir um artista para conversar aqui com vocês.

Por outro lado, gostaria de iniciar a minha participação observando que para o candidato com a maior intenção de votos na eleição presidencial, Paulo Freire precisa ser expurgado da educação brasileira. Fonte: Proposta de Plano de Governo do Jair Bolsonaro, página 46. A ignorância do candidato Jair Bolsonaro sobre a educação brasileira é notável. A má-fé também. A questão que realmente importa é a seguinte: por que a investida autoritária contra Paulo Freire agora?

A propósito, há um episódio biográfico sobre Paulo Freire que é oportuno lembrar agora. Quando foi preso após o golpe de 1964, em uma ocasião foi procurado por um tenente que perguntou se ele não poderia alfabetizar os recrutas que não sabiam ler. Paulo Freire (1987, p. 49) respondeu: “Mas, meu querido tenente, eu estou preso exatamente por causa disso!”. Depois completa: “Se o senhor fala nessa estória de que vai convidar o Paulo Freire para alfabetizar os recrutas, o senhor vai para a cadeia também. Não dá!”.

⁸⁴ Texto escrito para a minha participação na mesa “Arte pública e desenvolvimento social”, da **V Semana Acadêmica do Curso de Belas Artes da UFRRJ**, no dia 27 de setembro de 2018, em Seropédica, na UFRRJ.

A história contada por Paulo Freire é praticamente uma anedota, mas é um episódio bastante significativo para nos darmos conta de como ele foi perseguido pela ditadura civil-militar e porque mesmo após a sua partida, em 1997, ainda é açoitado. O motivo está no caráter popular do seu pensamento educacional. O chamado Método Paulo Freire não é tão somente um método para aprender a ler e escrever, essa é a questão da repulsa que provoca entre as classes dominantes e os golpistas de sempre.

Os primeiros passos da prática do Método Paulo Freire são bastante reveladores sobre todo o caminho que será percorrido através dele. O primeiro momento é o levantamento do “universo vocabular” do grupo que será alfabetizado, quando são pesquisadas as “palavras geradoras”; palavras, indica Paulo Freire (1994, p. 120), carregadas de “sentido existencial” e que possuem maior “conteúdo emocional”. São, portanto, “expressões particulares, vocábulos ligados à experiência do grupo”. Importante observar que se trata de um momento realizado com os indivíduos do lugar, por meio de encontros e conversas feitos com eles.

A relação de troca e correspondência com os populares é inseparável do Método e mais amplamente da concepção de educação de Paulo Freire. Para explicitar a importância da educação popular e do pertencimento, vou remeter a um acontecimento da última semana que comoveu muitos professores no país. Estou falando do professor Thiago Conceição, agredido por alunos em uma unidade escolar da rede municipal de Rio das Ostras⁸⁵. Chocaram as imagens do professor atacado em sala de aula. Afinal, aonde vamos chegar no magistério com esses alunos?

⁸⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/21/professor-agredido-em-sala-de-aula-no-rj-diz-que-chegou-a-pedir-ajuda.ghml>>.

A questão é a seguinte: a agressão precisa ser punida. No entanto, a juventude popular está abandonada nas escolas. Não estou me referindo às condições particulares da escola do professor Thiago Conceição, mas falando de forma mais ampla sobre a educação pública. Apesar de todos os esforços dos seus profissionais e dos resultados possíveis alcançados pelos alunos, o que quero dizer é que a concepção de educação que predomina não é orientada pelo paradigma da educação popular. Não são escolas feitas para eles, na verdade. É preciso se dedicar ao “sentido existencial” desses jovens para estar com eles verdadeiramente nas escolas.

Portanto, não existe Paulo Freire para ser expurgado das escolas, ele não está lá.

Então, o caminho não é militarizar a escola, mas conhecer mais esses jovens e com eles construir a educação de que precisam. As trajetórias desses jovens precisam vir à tona por meio de suas palavras, narrativas, práticas e vivências. Sem esse encontro e essa correspondência, eu sinto muito, a tendência é ficar pior. E por quê? A universalização da escola não acompanhou adequadamente o ingresso da infância e da juventude popular. Somente a democratização da escola, e não a sua militarização, poderá fazê-la prosperar. Sem essa implicação com o elemento popular, não há saída.

O paradigma da educação popular é ameaçador porque ele propõe a leitura do mundo do educando como um ato criador da sua libertação.

Na conferência de abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, em 1981, disse Paulo Freire (2011a, p. 28): “Sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como ato criador”. E o que faz da educação propriamente um *ato criador*? Referindo-se à alfabetização, Paulo Freire (ibidem, p. 29) observa: (ela) “é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral”. Ou seja, com a alfabetização, nossa leitura do mundo

transforma-se também, porque se torna mais ampla a nossa competência para compreender e atuar no mundo.

Uma frase, praticamente um aforismo, muito citada de Paulo Freire (ibidem, p. 19), diz o seguinte: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Mesmo sem a capacidade da leitura e da escrita já realizamos uma leitura do mundo, é claro. Mais adiante, Paulo Freire (ibidem, p. 29) completa: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. A aquisição da leitura da palavra é um ato criador porque com ela está dada outra condição para a nossa leitura do mundo, uma possibilidade para uma compreensão mais extensa sobre a nossa existência no mundo.

Observando novamente o Método Paulo Freire, podemos afirmar que educação para Paulo Freire é uma prática que nos permite uma contextualização no mundo e ao mesmo tempo a sua transformação. Observando as sucessivas etapas do Método, partindo das palavras geradoras e das situações existenciais, o que se propõe é a descoberta da realidade social e histórica da nossa existência para a sua transformação como um ato político. Através das suas próprias palavras, diz Paulo Freire (1994, p. 112): “Partíamos de que a posição normal do homem (...), era a de não apenas estar no mundo, mas com ele”.

Estar no mundo e com ele significa uma presença mais atuante, tomando-o um objeto da nossa existência. Através da educação estão dadas outras possibilidades para nos apropriarmos das nossas condições existenciais e atuarmos para a sua transformação. Portanto, educação como prática da liberdade – a propósito, título de um livro de Paulo Freire. A educação para Paulo Freire é, sobretudo, uma prática transformadora da vida em uma direção emancipatória, por isso uma “pedagogia do oprimido” e uma “pedagogia da autonomia”, também outros títulos de seus livros.

Através da educação, criamos outras realidades existenciais. Partindo, então, dessa compreensão, o que dizer agora da “arte popular”? – Motivo do nosso encontro aqui. Qual a sua relação com a educação libertadora de Paulo Freire? O encontro entre educação popular e arte popular acontece por meio das leituras do mundo. A arte popular é, ela mesma, uma leitura do mundo, porque nela também existe o acontecimento criador que Paulo Freire nos fala, que já existe antes mesmo da leitura da palavra.

É importante notar que Paulo Freire (ibidem, p. 117) reconhecia plenamente o caráter criador da cultura popular, considerando “que tanto é cultura o boneco de barro feito pelas artistas (...), como cultura é a obra de um grande escultor (...). Que cultura é a poesia dos poetas letrados de seu país, como também a poesia de seu cancionero popular”. A cultura popular é o ponto de partida da educação popular. A cultura popular já é uma leitura do mundo e com ela, e nunca contra ela, que se propõe fazer a educação popular.

Referindo-se às conversas com populares que visam a saber sobre suas condições existenciais e coletar as palavras geradoras, Paulo Freire diz (ibidem, p. 120), em um comentário magnífico, que esses encontros revelam “momentos altamente estéticos da linguagem do povo”. Como exemplo, ele cita algumas frases; vou reproduzir duas delas: “é duro de se viver, porque janeiro é cabra danado para judiar de nós” e “Eu tenho a escola do mundo”. Indiscutível o valor estético dessas elaborações. O que hoje a contemporaneidade nos desafia é descobrir onde estão esses “momentos altamente estéticos” entre os jovens das classes populares. Eles existem.

De modo ilustrativo, poderíamos voltar a examinar as cenas que envolveram a agressão ao professor Thiago. São imagens editadas da realidade, elas não nos mostram tudo o que precisamos saber para uma análise do estado da educação pública no país. Mais uma vez, observo, não estou me detendo

especificamente naquela escola, que aliás nem conheço, apenas usando um acontecimento que causou grande comoção entre as pessoas para entrar na questão da educação pública hoje. Precisamos nos perguntar, qual a experiência cultural dos jovens das classes populares nas escolas? Qual vida estética da escola pública popular encontramos?

O que estou querendo dizer é o seguinte: Todos esses jovens têm antecedentes culturais. Para saber da educação brasileira, é preciso ver não apenas um vídeo com jovens agredindo um professor, mas ver também qual legitimidade a educação pública atribui à vida pregressa das populações que hoje frequentam essas escolas. O pertencimento cultural é o “conteúdo emocional” das gentes, esse reconhecimento precisa ser pleno para a “escola de qualidade”. De uma certa maneira, é assim que funciona para as classes médias, precisa ser do mesmo modo para as classes populares.

Não gostaria de ser dualista às avessas e dizer que as classes populares precisam de uma escola e as classes médias de outra. O que estou dizendo é que a escola pública não observa, pelo menos não de modo adequado e suficiente, as trajetórias, as biografias sociais e as experiências coletivas de quem nela estuda. Aqui estou me detendo apenas a essa questão. Não estou levando em conta agora o problema de um projeto de nação. Estou pensando de modo mais direto o problema da escola pública popular e como questões de cultura são da maior importância para democratizar o ensino dessa maioria.

Nesse sentido, a arte popular tem um papel civilizatório: resistir à indiferença cultural hoje praticada nas escolas e interpor entre os seus cotidianos e a presença dos jovens, um sentido libertador, criador de uma outra presença no mundo.

**Paulo Freire:
A trama das imagens entre o currículo e a
pedagogia da imagem⁸⁶**

[17/10/2017]

Agradeço-lhes o convite para a participação na mesa “Currículo e a Pedagogia do Oprimido”. Parablenzo também pela oportuna lembrança de Paulo Freire na ocasião dos 20 anos da sua partida.

Nos dias que correm, a memória de Paulo Freire é aviltada por uma campanha difamatória sobre o significado da sua obra e me parece especialmente relevante que estudantes queiram discutir o seu legado, preservando a sua presença entre nós.

Eu gostaria de dar um título à minha apresentação: “Paulo Freire: A trama das imagens entre o currículo e a pedagogia da imagem”.

O que pode nos assegurar a importância de Paulo Freire hoje é o diálogo vivo com a sua obra. Paulo Freire ainda nos ajuda a pensar os desafios da educação popular no século XXI?

Tive a sorte de lecionar durante muitos anos na educação básica, inclusive na escola pública, como professor de História, antes de me dedicar exclusivamente ao ensino superior. Trabalhei durante treze anos na rede pública municipal do Rio de Janeiro. São os desafios que vivi no “chão da escola” que ainda orientam a minha curiosidade acadêmica.

⁸⁶ Texto escrito para a minha participação na mesa “Currículo e a Pedagogia do Oprimido” da **Semana Acadêmica de Pedagogia**, no Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, em Nova Iguaçu, no dia 16 de outubro de 2017.

Sobretudo, foi o contato com jovens das classes populares, moradores dos subúrbios, das comunidades e das favelas, que me fez pesquisar e pensar como educador.

Foi um encontro desafiador lecionar para esses jovens, atento às suas presentificações na escola, na cidade e no mundo.

Muitas vezes eu me perguntei o que eu poderia fazer ao lado deles como educador. E, hoje, na universidade, continuo me perguntando como me manter dedicado às suas vidas.

Sempre observei o atrito que causavam nos cotidianos. E continuam causando, ainda posso dizer. Suas estéticas colidem com o nosso olhar.

São jovens que parecem incompatíveis com a educação escolar (republicana e burguesa, certamente). Suas imagens sempre provocaram a minha curiosidade. Foram elas que me trouxeram até aqui, como professor e pesquisador.

O ser social sempre foi um *artista*, isto é, um criador. E as imagens, expressivas e/ou pictóricas, desde sempre estão entre as criações mais comuns.

Onde eu moro, pessoas reclamam das pichações que frequentemente aparecem nos muros que cercam o condomínio. Uma charge em uma publicação de humor pode ser o motivo para um atentado terrorista. Obras em uma exposição podem ser acusadas das piores imoralidades. Performances artísticas parecem ofender nossos valores. As imagens fazem parte da agitação do mundo atual. Incomodam e provocam todo tipo de reação.

Bem, o que eu gostaria de chamar a atenção nesta minha breve apresentação é que Paulo Freire fez também, de uma certa forma, uma *pedagogia da imagem*. Será o assunto da nossa conversa.

Paulo Freire sempre afirmou o caráter político da educação e por isso é constantemente lembrado. No entanto, sempre observou também a dimensão estética da educação. O político e o estético sempre estiveram juntos no pensamento educacional de Paulo Freire. É hora de recuperar

a unidade da relação entre o político e o estético na sua obra. É uma via importante para manter vivo o seu pensamento.

Aqui pretendo me deter apenas no chamado Método Paulo Freire, destacando como o uso de imagens é um momento significativo da sua prática – e como tal prática se abre para muitas experimentações, suscetíveis a constantes reelaborações.

Como sabemos, Paulo Freire se tornou um educador especialmente importante a partir de uma ação pedagógica na cidade de Angicos/RN, em 1963, através de um projeto de alfabetização de adultos. A metodologia adotada contém uma sucessão de etapas. Provavelmente, o instante mais lembrado da execução do Método Paulo Freire é aquele em que a partir das “palavras geradoras” são apresentadas as “famílias fonêmicas”. Creio que, ao ouvirmos alguma referência ao Método Paulo Freire, o que nos ocorre imediatamente é uma imagem com a projeção de sílabas.

Existe, contudo, um momento anterior do Método, que consiste em uma conversa provocada pelo uso das fichas de cultura.

As fichas de cultura eram elaboradas como imagens. Como exemplo, existem os desenhos realizados pelo artista Vicente de Abreu, que Paulo Freire apresentou no livro **Educação como prática da liberdade**. Qual a finalidade das fichas de cultura?

É importante dizer que o chamado Método Paulo Freire nasceu de uma preocupação política. Quando escreveu **Educação como prática da liberdade**, em 1965, após o golpe militar e vivendo no Chile, Paulo Freire fazia o seguinte diagnóstico da sociedade brasileira: uma sociedade em transição que precisava resolver o problema da sua “inexperiência democrática” para alcançar um estágio superior de progresso econômico e social (o modelo teórico *desenvolvimentista* orientou uma primeira fase do pensamento social de Paulo Freire, importante lembrar).

Paulo Freire via na educação uma ação política para superação da referida “inexperiência democrática” do país. Projeto interrompido com o golpe de 1964.

O chamado Método Paulo Freire, aplicado para a alfabetização de adultos, não se resumia à pretensão de um método eficiente de alfabetização. O pretendido por Paulo Freire era que tal Método proporcionasse ao educando uma “consciência crítica” a propósito da sua própria existência, ou seja, que alcançasse uma compreensão a respeito da sua condição social ativa, capaz de localizar sua situação social, mas também de recriá-la, modificando sua vida. Esse é o sentido político do seu Método.

As fichas de cultura deveriam servir exatamente a uma discussão sobre o significado da “cultura” na elaboração da existência humana. Atuamos (vivemos) modificando a natureza e transformando também a nós mesmos, através da vida social. As fichas de cultura deveriam desafiar a compreensão da nossa condição humana, social e transformativa, através das situações existenciais que figuram nas fichas.

A concepção subjacente de alfabetização é a de que, uma vez alfabetizado, o educando não apenas seria capaz de ler palavras, mas, dominando a “cultura letrada”, dominar a sua própria história. Essa é a “pedagogia do oprimido”, tal como aparecerá no livro escrito em 1968, em que a perspectiva social da teoria desenvolvimentista cede lugar a uma concepção revolucionária e de esquerda.

O que chamamos de Método Paulo Freire nunca foi concebido como passos que devem ser tão somente seguidos pelo educador, mas uma prática que deve ser refeita cotidianamente, observando sempre as populações a que se destinam, de acordo com a cultura e história dos lugares. Até os materiais utilizados podem e devem ser diferentes para contextualizações mais adequadas. Para efeito de apresentação do Método, Paulo Freire usou desenhos

produzidos por artistas. Além das imagens de Vicente de Abreu, existe uma outra coleção de desenhos que o artista Fernando Brennd fez para Paulo Freire. Na verdade, trata-se de um material variável de acordo com as circunstâncias. Por exemplo, poderiam ser desenhos feitos por artistas do lugar, desenvolvidos com a equipe do projeto. Em **Pedagogia do oprimido**, de 1970, e em **Pedagogia da esperança**, de 1992, Paulo Freire narra o uso de fotografias entre educadores norte-americanos, com fortes resultados. Agora, no século XXI, provavelmente, o mais contemporâneo seria o uso de imagens produzidas pelos próprios educandos! A vulgarização da fotografia e até do audiovisual, através de equipamentos miniaturizados como o celular, permite pensar isso.

Paulo Freire não foi exatamente um “teórico do currículo”, mas sem dúvida sua concepção de educação tem implicações para a sua prática. Gostaria de assinalar, finalmente, dois aspectos: 1) O currículo serve a um projeto de emancipação, nunca de reprodução das condições de desigualdade social; 2) O currículo é tecido sempre em diálogo com as classes populares, nunca se constituindo como um programa hierarquizado, feito “de cima para baixo”, visando a sua aplicação de forma disseminada e indiferenciada.

**Paulo Freire e Milton Santos:
Um encontro para a educação popular
na contemporaneidade⁸⁷**

[02/10/2014]

Pretendo apresentar uma discussão chamando atenção para as possibilidades de um encontro teórico entre dois intelectuais que estão entre os mais lembrados nas reflexões que hoje são realizadas sobre educação e sociedade brasileira. Sobretudo, nas análises que pretendem refletir sobre os nossos mais graves problemas sociais e os caminhos para superá-los. Embora, muitas vezes, discussões sobre o país estacionem em estatísticas, com o propósito de melhorar os números, a lembrança do legado de Paulo Freire e também das contribuições de Milton Santos são boas companhias quando o desejado é discutir como chegamos até aqui e ainda problematizar o futuro, não em termos de avaliações quantitativas, mas implicados com a vida concreta das classes populares – a história de luta e as ambições de autonomia que guardam em seus cotidianos.

Para iniciar esta conversa com vocês, gostaria de recorrer a uma consideração do escritor Gabriel García Márquez (2011, p. 26), que acredito muito oportuna: “A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários”. Desse extrato do seu pensamento, destaco a

⁸⁷ Conferência apresentada na abertura do **II Congreso Educación Popular y Praxis Social**, na Universidad de Cartagena, Colômbia, no dia 24 de setembro de 2014. Evento organizado pelo Centro Interuniversitario de Investigación e Intervención Social (CIIS).

preocupação com os nossos “laços”. Dupla preocupação: 1) os laços que nos atam diante de formas de poder que, a partir dos centros do capitalismo internacional e aqui também localizados através das elites locais, buscam a nossa submissão; 2) os laços que nos unem diante da solidão que instituições e empresas, operando mundialmente com a globalização, gostariam de nos condenar.

A recorrência a um pensamento dirigido à nossa situação de povos latino-americanos e de pertencimento às classes populares faz parte, portanto, de uma dupla reação: não aceitar uma realidade colonial, imposta de fora e combinada com interesses aqui também estabelecidos, nem atravessar enfraquecidos pela solidão nossas lutas por emancipação. Necessário fortalecer a vida para emancipar-se, o que não é possível sem o reconhecimento do “comum” como princípio da própria política, e, também, da economia, da cultura e da sociedade. Exatamente uma concepção de pensamento original do continente provoca meu interesse de educador pelas obras de Paulo Freire e Milton Santos. Inclusive, a própria aproximação entre dois autores que não colaboraram entre si, profissional e intelectualmente, faz parte dessa motivação pelo pensar junto e pela realização coletiva.

A obra de Paulo Freire é uma fonte segura para o estudo de muitas questões que desafiam a educação popular na atualidade. Seu legado ainda permanece atual diante do vivido no cotidiano de tantas escolas e das aspirações de inúmeros movimentos sociais. E mais: é também “multiforme”, aberta a tantos contatos para muitos caminhos. Não é uma obra com destino previsível. O caráter não terminal do seu pensamento permite enriquecê-lo a partir da sua aproximação com muitas outras produções teóricas também sensíveis ao apelo do contemporâneo pelo reconhecimento das transformações, das mutações e das criações.

A mais conhecida obra de Paulo Freire, **Pedagogia do oprimido**, foi escrita ainda no final dos anos sessenta do século

que passou. Portanto, em um cenário político e cultural que já sofreu muitas alterações. Entendo que sua leitura hoje, ao lado das suas obras posteriores, poderia se beneficiar de estudos mais recentes sobre a realidade econômica e social no mundo. É uma tarefa para os seus leitores, penso. É a partir da perspectiva do “intercâmbio” ou das “trocas”, que vejo como muito apropriada a correspondência do seu pensamento com o geógrafo Milton Santos, autor que nos deixou, entre outras contribuições, uma amadurecida e instigante análise sobre a globalização, vista do lado de cá, problematizada a partir da América Latina.

Uma das propriedades da educação popular é partilhar de uma concepção de mundo que é crítica diante do seu tempo. Uma teorização e uma prática sobre a educação que também discute a vida social e a cultura da sua época. Uma concepção de mundo se torna influente e necessária a partir da sua capacidade de visualizar extensamente a realidade e o imaginário social do seu tempo. Para isso, precisa estar em sintonia com o mundo, atenta aos processos de civilização e barbárie que rivalizam no planeta. Assim, uma concepção de mundo precisa de contatos, diálogos e misturas. Como disse Antonio Gramsci (1989, p. 12), para superar os conformismos das concepções de mundo que apenas expressam uma “consciência” já sedimentada nos grupos, é preciso “criticar a própria concepção de mundo (...), torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido”. Enlevo como oportunidade para “ver” mais largamente, assimilando questões que nascem de outros olhares.

Paulo Freire e Milton Santos se tocam em uma estimulante zona de ideias, de pensamentos e proposições e, no entanto, a oportunidade desse encontro ainda se mantém pouco explorada. A ideia de ver os dois autores juntos, nos

ajudando a pensar o nosso tempo, não é inédita⁸⁸, mas se trata de um virtual contato à espera de estudos e análises que acreditamos prometedoras na constituição de um pensamento social de interesse das classes populares, comprometido com a nossa contemporaneidade e radical necessidade de transformação – de um pensamento social brasileiro (e latino-americano) jovem. Olhar necessariamente atento à herança das condições históricas que amarram tantas capacidades, impedindo ou dificultando a fruição de pessoas e lugares e às emergências que precisam ser notadas, vistas e fortalecidas com coragem, para o bem da nossa própria época e da futuridade do século XXI.

Paulo Freire e Milton Santos compartilharam de experiências biográficas comuns, ainda que suas vidas não estivessem relacionadas⁸⁹. Paulo Freire nasceu em Pernambuco, na cidade de Recife, em 1921. Milton Santos nasceu na cidade de Macaúbas, Bahia, em 1926. Portanto, os dois nasceram na mesma região do país (nordeste) e pertenceram a uma mesma geração de intelectuais. Conheceram a situação do exílio após o golpe militar de 1964 e, em decorrência, atuaram em vários continentes. No retorno ao país, se fixaram profissionalmente em universidades de São Paulo (sudeste). Paulo Freire faleceu em 1997 e Milton Santos em 2001. Deixaram uma obra vasta e importante para a cultura brasileira. São também conhecidos em vários países e publicados em várias línguas. Estão entre os intelectuais brasileiros mais conhecidos no mundo.

O golpe civil e militar de 1964 retirou os dois do país por um longo período. Milton Santos retornou ao Brasil em 1977

⁸⁸ Escrito por Etevaldo Luiz Silva (2008), **Paulo Freire e Milton Santos. Um encontro em favor da cidadania e da solidariedade** é uma das poucas produções disponíveis dialogando com os dois autores.

⁸⁹ Em uma pesquisa preliminar visando essa aproximação teórica entre os dois autores não foi possível localizar nenhuma citação realizada por eles a respeito da vida ou obra do outro.

e Paulo Freire em 1979. Milton Santos exercia a atividade de conselheiro no governo do estado da Bahia⁹⁰, quando foi preso, em razão da sua participação política. Adoeceu e do hospital seguiu para a prisão domiciliar. Amigos franceses (já havia estado na França pesquisando) ajudaram-no com uma nomeação de professor na França, favorecendo sua saída do país. Seguiu uma carreira internacional prestigiada. Lecionou em Toulouse, Bordeaux e em Paris, na Sorbonne. Nos EUA, trabalhou no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) e mais tarde na Universidade de Columbia. Exerceu atividades também no Canadá, na Venezuela, no Peru e na Tanzânia. Além de ter sido convidado para criar uma universidade nova na Nigéria, quando decidiu retornar ao Brasil.

O golpe civil e militar de 1964 apanhou Paulo Freire poucos meses após ter sido convidado pelo Ministro da Educação para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização. No período, fazia parte também do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. Paulo Freire já era bastante conhecido nacionalmente, especialmente em razão da grande repercussão de uma campanha de alfabetização de adultos realizada na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1963. Detido durante mais de um mês, acusado de subversivo e de mau uso de verbas da Universidade de Recife, interrogado e respondendo a vários inquéritos, Paulo Freire, temendo por sua segurança, asilou-se na embaixada da Bolívia, seguindo depois para o país. Assim como Milton Santos, iniciou uma vigorosa carreira internacional. Foi para o Chile e depois para os EUA, lecionando na Universidade de Harvard. Em 1970, mudou-se para Genebra para ser consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas (CIMI). Desenvolveu, então, numerosas atividades na Ásia, Oceania, América e África.

⁹⁰ Durante o curto período do governo Jânio Quadros, foi também representante do presidente na Bahia.

Retornou ao Brasil em 1979, estabelecendo-se definitivamente no país no ano seguinte. Trajetória que fez receber também muitas honrarias⁹¹.

Um ano após o falecimento de Paulo Freire, Milton Santos realizou, no Brasil, a Conferência de Abertura do **IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, o que pode ser visto como um acontecimento singular. Notável que a organização de um dos mais importantes eventos da área de educação no país tenha convidado Milton Santos com destaque para o encontro. Reconhecimento que suas ideias ultrapassavam a seara da geografia e germinavam também em outras áreas do conhecimento. Afinal, discutindo os fundamentos da atual globalização, como deixar de aceitar as contribuições de Milton Santos para um exame das condições da educação na contemporaneidade?

Milton Santos (2009) deu o seguinte título para a sua conferência: “O professor como intelectual na sociedade contemporânea”. O título escolhido já sugere a natureza das questões que desenvolveu e, sobretudo, mostra a própria acolhida que deu ao desafio lançado pelo convite. Diante do ofício de ensinar, estamos diante de qual sociedade? A situação dos intelectuais será a chave da abordagem de Milton Santos para aproximar os professores das questões candentes que refletia discutindo a globalização. Há um momento da sua fala que remete diretamente ao âmago das possibilidades da educação no mundo atual: “as faculdades e as casas de ensino abrigam cada vez mais letrados e cada vez menos intelectuais”. Diferença que constitui sua concepção para a identidade do trabalho intelectual, agora que a globalização, contra o primado da produção do espaço visando à preservação da vida e a realização plena da existência humana, é dirigida por uma

⁹¹ Todas as informações biográficas de Milton Santos e Paulo Freire foram extraídas de: Santos (2001), (2004), A. M. Freire (2006) e Continente Documento (2006).

perspectiva econômica de organização do mercado, por meio das tecnologias da informação.

Esta é a mobilização proposta por Milton Santos para um público de educadores(as): subverter o que é difundido sistematicamente como tarefa da educação. A instrumentalização do pensamento e das práticas como uma exigência dos atores econômicos e políticos dominantes na direção da atual globalização solicita indivíduos “apenas” letrados, isto é, instruídos, que adquirem conhecimentos e habilidades para realizações que vão tão somente reproduzir o que é estabelecido como norma e padrão. No exemplo que oferece na sua exposição, é quando um aluno de pós-graduação diz assim: “professor, eu não vou ao seu curso, porque o seu curso não interessa à tese que eu estou escrevendo”. Aquele que pretende ser intelectual deve ir além dessa compreensão. A necessária mudança na vida social precisa de “intelectuais”, de visionários (no caso, professores(as)), capazes de ultrapassar o repertório comedido de cumprimento do que é recomendado pelos “diretores” da globalização (empresas, instituições, mídias, personalidades etc.). A *intelectualização* é, assim, um princípio educativo para a formação de indivíduos interessados e em condições de produzir um entendimento transformador do mundo.

Aproximar Paulo Freire e Milton Santos é adentrar também no campo da “sedução”. Isso porque *seduzir* é uma das ações que fazem parte das tramas que ambos identificaram na atividade política das classes populares. Segundo o **Dicionário Eletrônico Houaiss**, sedução significa também “atributo ou meio capaz de seduzir, de fascinar; aquilo que seduz, atrai, encanta”. Assim, a educação popular deve ser capaz de “puxar para si”, ou não será educação popular. A atração e o encantamento são parte constituinte do *ser* popular, porque enredam movimentos que despertam intensidades através da proximidade, do contato e do apego,

capacidades genuinamente relativas à gente comum. Atribuições que o corpo concentra, nas classes populares, de forma considerável e realmente digna de atenção. Vejamos o seguinte comentário de Paulo Freire: “Vê a intimidade que existe entre (por exemplo) um favelado e os limites de sua alegria. E essas pessoas vão transando com os limites de sua existência e vão aprendendo e vão resistindo e vão realizando um saber corporal” (FREIRE; NOGUEIRA, 2007, p. 24).

Pois bem, diante das dificuldades impostas por uma estrutura social adversa, um “saber corporal” é realizado. Um saber cujo ponto de atenção e contágio (transmissão e reprodução) é a corporeidade – as propriedades pedagógicas do corpo. O grande atrativo desse saber é que ele é aberto às coletividades, não é um saber tímido, intimista ou intimidado. “O corpo age e durante suas atitudes”, diz Paulo Freire (ibidem, p. 35), “ele desaninha de si e de suas relações o conhecimento sobre a vida (...). O corpo expressa suas descobertas, esse corpo se agrupa e se expõe em movimentos sociais”.

Estudando as formas que a globalização atual assume, Milton Santos também vai reparar na vitalidade do corpo na contemporaneidade. Ele dirá: “a globalização faz também redescobrir a corporeidade” (SANTOS, 1999, p. 251). Explica mostrando a tangibilidade do corpo na era das virtualidades: “O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender”. É, então, observando essa força de atração do corpo que é possível chamar atenção para dois conceitos, respectivamente discutidos por Paulo Freire e Milton Santos, como “artes sedutoras” para uma educação

popular, desafio político e social preeminente na sociedade brasileira: *diálogo e comunicação*⁹².

O que é “diálogo” para Paulo Freire? Vamos lembrar uma pequena história que contou em **Pedagogia da autonomia**. Presente em uma escola que realizava uma exposição de fotografias das redondezas, Paulo Freire ouviu dois professores conversando. Um deles dizia que através daquelas fotografias havia se dado conta que depois de dez anos lecionando naquela escola nada conhecia do lugar, além de algumas ruas próximas. Tocado pelas imagens, perguntou, então: “Como ensinar, como formar sem estar aberto ao entorno geográfico, social, dos educandos?” (FREIRE, 2003, p. 137). A questão construída pelo professor propõe pensar a dimensão pedagógica do diálogo. Diálogo aqui não é tão somente a conversa, mas uma interação que nos aproxima mais intensamente daquele que queremos ensinar e nos deixa aberto para a mudança da nossa própria compreensão do que são esses indivíduos, ao ponto de indagarmos a respeito do nosso próprio trabalho e – quem sabe – da nossa própria existência.

No diálogo está presente a capacidade pedagógica da corporeidade. No episódio narrado por Paulo Freire, a fotografia supriu a ausência de um conhecimento. Mas o professor viu apenas de forma relativa o que precisa conhecer, descoberta que apenas o contato mais decidido pode realizar. Agora será preciso “chegar junto”. Evidentemente, para isso não há roteiro (descrição minuciosa das ações) a ser seguido. Não se trata de uma programação dos corpos para o diálogo. Isso soa falso e é logo percebido pelo(a) aluno(a) (qual professor(a) não sabe disso?). O que

⁹² Aqui o realizado é apenas uma discussão exploratória dos conceitos de diálogo e comunicação, indicativa das possibilidades de associação dos dois termos, mas cuja extensão teórica exige uma elaboração não pretendida nesta breve apresentação.

também não significa que prescinde de um objetivo combinado na escola. Inclusive, para alcançar um resultado educativo esperado, para toda a comunidade escolar, melhor não se constituir em uma aventura personalizada (individual) do(a) professor(a), mas resultado de um programa pedagógico coletivo (de uma multidão de corpos!).

Elemento imanente do diálogo é a fé nos *homens*. “A fé nos homens”⁹³, diz Paulo Freire (2005, p. 93), “é um dado a *priori* do diálogo”. “Fé”, neste caso, é a convicção de que existe nas pessoas a potência (capacidade e poder) do interesse pela existência, pela flexibilidade sobre a vida e pela atuação na sua transformação. Sem esta admissão, sem esta fé, não haveria porque conceber a existência de alguma dimensão pedagógica significativa no diálogo. Expectativa política na atuação das classes populares que Milton Santos enfatiza como resultado das próprias características da globalização atual, que termina expondo o seu nervo na possibilidade de entendimento da existência a partir da compreensão do mundo⁹⁴. “Nossa grande esperança vem do fato de que a partir deste século é a vida, isto é, a própria existência, que ilumina o futuro” (SANTOS, 2002, p. 118).

Presentificação da vida e projeção solidária do futuro que faz Milton Santos qualificar a comunicação como ação que afiança a participação dos pobres na construção da nação. E que aqui é assumido como um princípio pedagógico para a educação popular. “As relações informacionais podem ser ‘indiferentes’ em relação ao meio ambiente. As relações

⁹³ “Nos anos 50 e até a publicação, no início dos anos 70, nos Estados Unidos, da **Pedagogia do oprimido**, Freire não nominava mulheres, entendendo, erroneamente, que, ao dizer homem, incluía a mulher” (FREIRE, A. M., 1996, p. 35).

⁹⁴ “Cada coletividade e cada pessoa são testemunhas integrais do presente, ainda que nem sempre possam avaliá-lo. E, paralelamente, cada pessoa (ou grupo) é também um testemunho vivo de um mundo tornado próximo” (SANTOS, 2002, p. 117).

comunicacionais são um resultante do meio social ambiente” (SANTOS, 2005, p. 161). Analisando a globalização tal como é dirigida por seus atores hegemônicos, visando à organização de um “mercado” propício a interesses predominantemente econômicos, muitas vezes alheios às demandas e necessidades do lugar, Milton Santos identifica nas *relações informacionais* um autoritarismo amparado na manipulação das técnicas sem apreço pelo social. Por isso são indiferentes ao entorno. As *relações comunicacionais* nascem, por outro lado, da vivência das pessoas, das dificuldades encontradas e o necessário arranjo da existência em condições adversas. Aqui, a apropriação das técnicas se presta ao compromisso dos seus usuários, para uma finalística plural, socialmente beneficiada.

Para Milton Santos, portanto, a comunicação, como ação política e cultural, reage aos fundamentos egoístas que sustentam a globalização dirigida pelas elites econômicas e políticas. Globalização que afeta os lugares fragmentando o uso do território de acordo com interesses específicos e excludentes. A comunicação se realiza na propriedade coletiva e partilhada do cotidiano.

O encontro Paulo Freire e Milton Santos é um encontro virtual, imaginado. Nem sequer imagino se algum dia os dois se cruzaram, apesar de pertencerem à mesma geração e se situarem no mesmo horizonte de problematização social com uma significativa convergência. Não creio estar “vendo coisas” quando imagino que são não apenas intelectuais com afinidades, mas que suas respectivas obras possuem inúmeros elementos que podem e devem ser discutidos lado a lado. Com certeza, muitos intelectuais implicados com a educação popular já fazem essa relação nas suas elaborações cotidianas. Mas se trata de uma abordagem que precisa de maior sistematização, de estudos de fôlego, para um pensamento teoricamente orientado, que substancie uma concepção de mundo fortalecida pela análise rigorosa, mas politicamente sensível também.

Precisamos procurar nossas explicações em nosso continente, mais do que em outros lugares. Paulo Freire e Milton Santos deixaram um legado relevante para tal desafio. Suas obras nos esperam no século XXI também.

Posfácio: Paulo Freire fez cem anos⁹⁵

Escrevo alguns dias após a comemoração do centenário de Paulo Freire (1921-2021). Especialmente uma notícia que encontrei na internet, próximo ao dia 19 de setembro, e outra posterior, me chamaram a atenção. A primeira delas, do dia 16, dizia no seu título: “Justiça proíbe União de ‘atentar contra a dignidade’ de Paulo Freire”⁹⁶. A outra, do dia 24, informava no seu título que “É #FAKE que Paulo Freire nunca lecionou e que não tem nenhum título na área de educação”⁹⁷. Ao me deparar com as duas notícias experimentei uma sensação de suspensão da realidade, um instante de incredulidade sobre o próprio real. “O que estou lendo?” Permaneci com a pergunta por alguns breves segundos em uma espécie de vacuidade, até recobrar plenamente o pensamento.

Apenas com a ascensão do populismo de direita no Brasil, que levou à presidência um racista, homofóbico e misógino, poderíamos ver Paulo Freire, em uma data tão especial, precisar de garantias legais e checagem de informação para ter a sua integridade humana e biográfica asseguradas. Não que antes não tivesse sido perseguido. Já em 1963 era possível encontrar nos jornais a “acusação” de ser comunista. Após o

⁹⁵ Publicado no dia 27 de setembro de 2021 no portal institucional da UFRRJ. Disponível em: <<https://portal.ufrrj.br/paulo-freire-fez-cem-anos/>>.

⁹⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/justica-proibe-uniao-de-atentar-contradignidade-de-paulo-freire-25200600?utm_source=Facebook&utm_medium=Socialutm_campaign=&=O%20Globo>.

⁹⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/e-fake-que-paulo-freire-nunca-lecionou-que-nao-tem-nenhum-titulo-na-area-da-educacao-25212200?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo>.

golpe civil-militar de 1964, foi preso por setenta e dois dias, sendo necessário partir para o exílio no estrangeiro para evitar algo ainda pior. Só retornou com a anistia política, definitivamente, em 1980. Mas pensávamos que isto tudo tinha ficado para trás, quando no ano de 1997 ele nos deixou e, em 2012, foi declarado Patrono da Educação Brasileira.

No entanto, pelo menos desde as manifestações de 2015, que pediam o *impeachment* da presidenta Dilma, que o assédio contra Paulo Freire recrudescer, provocado por extremistas de direita, somando-se a movimentos reacionários no campo da educação que já estavam perseguindo-o, como o Escola Sem Partido. Não que ele não possa ser criticado, pelo contrário. Paulo Freire foi um personagem do século XX e, como tal, escreveu uma obra datada historicamente. Inclusive, quando **Pedagogia do oprimido** foi publicado, em 1970, nos EUA, intelectuais feministas viram sexismo da linguagem ali. Para um autor, é normal receber crítica dos seus contemporâneos e ver seu legado minuciosamente examinado pelas gerações seguintes. No entanto, estamos assistindo a outra coisa em evidência.

Os dois conteúdos jornalísticos a que me referi tratam de algo diferente, dizem-nos a respeito das tentativas de manchar a memória de Paulo Freire, através de calúnias e mentiras. Paulo Freire fez cem anos não exatamente debatido por seus críticos mais radicais. As polêmicas intelectuais existem e são importantes para os seus leitores agora também, se desejam estudar Paulo Freire com o rigor necessário. Mas o que encontramos em destaque é muito mais a deflagração do ódio contra ele. Uma repulsa indigna que precisa ser entendida. Algo que esse desprezo vulgar nos ensina é sobre a intranquilidade dos seus propagadores. O que e quem Paulo Freire ameaça? Educadores progressistas e democráticos precisam perseguir essa resposta.

Paulo Freire nos legou uma obra que, desde a sua tese, **Educação e atualidade brasileira**, de 1959, até o seu último

livro publicado em vida, **Pedagogia da autonomia**, em 1996, situa a educação mais amplamente no campo da prática política. Para Paulo Freire, a prática educativa é politicamente orientada, uma concepção que está presente em toda a sua obra e em todas as atividades que desenvolveu como educador. Quando lemos Paulo Freire e sabemos da sua biografia, o que encontramos, de modo absolutamente coerente com toda a sua trajetória, é uma procura pela plena realização humana, eticamente implicada com a sorte da maioria oprimida e esteticamente concebida como uma fruição do comum na criação da beleza.

Paulo Freire viu na educação um comprometimento com a transformação, em dois sentidos que se completam. Transformação social, no sentido de que a realidade da opressão e das desigualdades precisa ser resolvida em favor dos oprimidos. E, associado à luta pela mudança, transformadora da realidade social, está posto também o problema da transformação como um processo de conscientização, de crescente compreensão pessoal da existência como presença no mundo e conseqüente capacidade de problematização da condição em que nele nos encontramos, culturalmente referenciado e socialmente situado.

A obra de Paulo Freire não contém as mesmas ideias desde o seu início, naturalmente. Seu pensamento experimentou inflexões e revisões. No entanto, há uma preocupação a propósito da nossa condição existencial, em diferentes contextos, que permaneceu ao longo dos seus escritos. Paulo Freire foi um intelectual incomodado com o problema da opressão, e viu na educação um modo de desvelar o poder e lutar contra ele. O que chamamos de Método Paulo Freire basicamente é isso, partindo das situações existenciais dos educandos, uma formulação pedagógica sobre a necessária autonomia do conhecimento para o oprimido com uma finalística de emancipação – poder formular sua presença no mundo em termos próprios e reconstituí-la.

Então, a educação é política porque ela faz parte do poder. Por isso foi preso após o golpe e precisou sair do país para não ter a vida ameaçada. Quando se discutia a anistia política, uma suposta lista incluía Paulo Freire entre aqueles que não receberiam passaporte e, portanto, não poderiam retornar ao país. Um mandado de segurança garantiu o documento. A concepção de educação de Paulo Freire, desde que ficou nacionalmente conhecida especialmente após a campanha de alfabetização na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1963, imediatamente provocou nas elites mais reacionárias uma preocupação. Ao desenvolver um Método de alfabetização que conscientizava para uma presença libertadora no mundo, entrou em conflito com a ideologia dominante sobre a educação.

O que assistimos hoje, com a prática da comunicação na internet, particularmente nas redes sociais, é um reavivamento da preocupação que Paulo Freire causa na extrema direita. De uma certa maneira, o país não mudou muito. Permanece injusto e desigual. Então, a mensagem de Paulo Freire em favor de uma pedagogia do oprimido é atual, em muitas das suas formulações políticas. As lutas mobilizadas pelos movimentos sociais, sobretudo, incomodam a preservação dos interesses históricos das classes dominantes no Brasil. Na verdade, o país não é o mesmo que Paulo Freire conheceu, mas as lutas permanecem agudas porque as conquistas sociais, quando ocorrem, não são concessões. São vitórias do movimento popular e suas articulações políticas.

Os partidários de um país antidemocrático e socialmente excludente não deixam de ver Paulo Freire em tudo porque sua presença é ainda ameaçadora, proporcional em tamanho à paranoia dos seus críticos mais reacionários. O que a extrema direita vê, delirante, precisamos enxergar de outra maneira. Paulo Freire deve ser lido e estudado. Criticado com liberdade intelectual, sempre que for preciso. Trata-se de uma obra

extensa e elaborada com sofisticada apreensão dos problemas da sua época, que não estão completamente erradicados no mundo e permanecem bastante vivos no Brasil. Por isso, mantém o seu interesse, e quando eticamente questionado, o resultado não é outro se não o avanço do pensamento crítico, que precisa manter-se vivo sempre.

Já na década de 1990, Paulo Freire parecia dividido entre a admissão do que chamava de pensamento pós-moderno progressista enquanto recusava outro, o pensamento pós-moderno neoliberal, reacionário. O fato é que novas teorias se constituíam enquanto sua própria vida avançava. Agora é a própria pós-modernidade que se vê diante de Paulo Freire. O que Paulo Freire tem a dizer? Sua abertura para o diálogo e integridade intelectual parecem aproximar novos e interessados leitores. Paulo Freire representa uma política de amizade, em uma época de significativa fragmentação das lutas e micropolíticas. Nos próximos anos ainda vamos falar de Paulo Freire. Uma longevidade que ele conquistou na luta contra toda forma de opressão. O século XXI também será freireano.

Referências

- ALTINO, Lucas; PORCIDONIO, Gilberto. Escolas fecham ou suspendem turmas após casos ou suspeitas de coronavírus entre alunos no Rio. **O Globo Rio**, Rio de Janeiro, 10 out. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/volta-as-aulas-escolas-voltam-fechar-ou-suspendem-turmas-apos-casos-ou-suspeita-de-covid-19-24686637>>. Acesso em: 12 out. 2020.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa**: Ideias afins/thesaurus. 2. ed. atual. e revista. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BERINO, Aristóteles; CABRAL, Talita. O “novo normal” em tempos de pandemia: A sociedade capitalista em questão. **Revista Docência e Cibercultura**, [Notícias], *on-line*, 9 jun. 2020a. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1113>>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- BERINO, Aristóteles; CABRAL, Talita. Paulo Freire *on-line*: Um ensaio estético. **Revista Docência e Cibercultura**, [Notícias], *on-line*, 27 jul. 2020b. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1130>>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- COELHO, Tiago. O ano da luta: A difícil batalha dos alunos pobres para conseguir estudar durante a pandemia. **Piauí**, *on-line*, edição 169, out. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-ano-da-luta/>>. Acesso em: 13 out. 2020.
- CONTINENTE DOCUMENTO. Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, n. 45, maio 2006. (Especial Paulo Freire).
- CRUVINEL, Janaína Junqueira Valaci; KLINKE, Karina. Precarização do trabalho docente em tempos de pandemia: A experiência de Minas Gerais. **Pensar a educação em pauta**, *on-line*, 7 ago. 2020. Disponível em: <<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/>>

- precarizacao-do-trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia-a-experiencia-de-minas-gerais/>. Acesso em: 11 out. 2020.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. São Paulo: Ed. 34, 2020.
- ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FARIAS, Tom. **Carolina**: Uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. *In*: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire**: Uma biobibliografia. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 2006. p. 27-67.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire**: Uma história de vida. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. Educação e esperança. *In*: **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000. p. 111-116.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: Em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: Registros de uma experiência em processo. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011c.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora**: Gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia**: Novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Eu não vim fazer um discurso**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 8. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. 7. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HADDAD, Sérgio. **O educador**: Um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Todavia, 2019.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: Em busca de um outro tempo. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo**: História e implicações. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- JANSEM, Roberta. Nem vacina garante volta à normalidade. **O Estado de S. Paulo**, *on-line*, 09 ago. 2020. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,nem-vacina-garante-volta-a-normalidade,70003392859>>. Acesso em: 12 out. 2020.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014a.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014b.

JESUS, Carolina Maria de. O Sócrates africano. *In: Meu sonho é escrever... Contos inéditos e outros escritos*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018. p. 60-70.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca**: Uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia da Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b. (E-Book).

LOPATKA, Jan; STRAUSS, Marine. Em pânico, Europa se prepara para a segunda onda de Covid-19. **Terra**, *on-line*, 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/em-panico-europa-se-prepara-para-segunda-onda-de-covid-19,eedd52f01a010b8c9a9_a382121783aswhntutj.html?fbclid=IwAR2g5UVuwUvH_b4QUf-ufhhGefXjpeLS2hfwly8k7ivoCucksUX-esY9WZA>. Acesso em: 14 out. 2020.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: Invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. *In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2018. p. 7-51.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental**. 3. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina de ódio**: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MENDONÇA, Heloísa. “Em meio à pandemia, fomos tratados como números”, diz professor demitido da Uninove. **El País Brasil**, *on-line*, 24 jun. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/em-meio-a-pandemia-fomos-tratados-como-numeros-diz-professor-demitido-da-uninove.html>>. Acesso em: 11 out. 2020.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. *In: DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria*

Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira. **Maria Firmina dos Reis:** Faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 21-37.

NAPOLITANO, Celso. Dois meses de suspensão de aulas: o trabalho brutal de professores em uma quarentena sem folga. **FEPESP**, *on-line*, 22 maio 2020. Disponível em: <<http://fepesp.org.br/noticia/dois-meses-de-suspensao-de-aulas-o-trabalho-brutal-de-professores-em-uma-quarentena-sem-folga/>>. Acesso em: 11 out. 2020.

NETO, João Colares da Mota; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. (org.). **O legado de Paulo Freire para a educação na Amazônia.** Curitiba: CRV, 2019.

OLIVEIRA, Maria Eduarda. Pandemia revela a escravidão da mão de obra dos aplicativos. **Em tempo**, *on-line*, 13 set. 2020. Disponível: <<https://d.emtempo.com.br/economia/219985/pandemia-revela-a-escravidao-da-mao-de-obra-dos-aplicativos>>. Acesso em: 11 out. 2020.

QUAMMEN, David. Prefácio: Nós criamos a epidemia do coronavírus. *In: Contágio: Infecções de origem animal e a evolução das pandemias.* 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** Estética e política. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2009.

REIS, Maria Firmina. **Úrsula.** São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2018.

ROUSSEFF, Dilma. O mapa do golpe. [Entrevista concedida a] Aray Nabuco, Lúcia Rodrigues, Nina Fideles e Rogério Tomaz Jr. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 233, p. 15-21, ago. 2016.

SANTOS, João Vitor. A privatização da educação através das plataformas de ensino remoto. Entrevista especial com Marcos Dantas. **Instituto Humanitas Unisinos**, *on-line*, 05 out. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/603420-a-privatizacao-da-educacao-atraves-das-plataformas-de-ensino-remoto-entrevista-especial-com-marcos-dantas>>. Acesso em: 14 out. 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** Técnica e corpo. Razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade:** Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. O novo século das luzes. *In*: **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 115-119.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Testamento intelectual**: Milton Santos entrevistado por Jesus de Paulo Assis, com colaboração de Maria Encarnação Sposito. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SANTOS, Milton. **O professor como intelectual na sociedade contemporânea**. [S.l.: s.n., s/d]. Disponível em: <http://www.fecap.br/PortalInstitucional/extensao/artigoteca/Art_016.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2009.

SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, Edméa Oliveira dos. Práticas Multirreferenciais de educação *on-line*: Expressões de uma pesquisa. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 2, p. 153-172, 2013. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/715>>. Acesso em: 14 out. 2020.

SILVA, Etevaldo Luiz. Paulo Freire e Milton Santos. Um encontro em favor da cidadania e da solidariedade. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-10, jun. 2008. Disponível em: <www.pucsp.br/ecurriculum>.

SILVA, Regina Helena Alves da. (org.). **Ruas e redes**: Dinâmicas dos protestos BR. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOARES, Jussara. Volta às aulas no País e acesso à internet não são temas do MEC, diz ministro. **O Estado de S. Paulo**, *on-line*, 24 set. 2020. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,voltas-as-aulas-no-pais-e-acesso-a-web-nao-sao-temas-do-mec-diz-ministro,70003450120>>. Acesso em: 12 out. 2020.

TANIZAKI, Junichiro. **Em louvor da sombra**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2017.

WALLACE-WELLS, David. **A terra inabitável**: Uma história do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



Este livro reúne 33 artigos, em maior parte, escritos durante a pandemia. O personagem principal das minhas conversas foi Paulo Freire, cujo centenário de nascimento é lembrado exatamente agora, em 2021. Mas tive outros interlocutores também: Milton Santos, Junichiro Tanizaki, Byung-Chul Han, Ailton Krenak, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus. Um livro de conversas, sim, mas que transcorre enquanto escrevia. A escrita vista como um modo de pensar com outras pessoas, mesmo com aquelas que já partiram ou não estão tão próximas, mas que a partir do que também escreveram, permitem me aproximar e estar presente no mundo ao lado delas, ética e esteticamente.

PPGEDUC

Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares



ISBN 978-65-5869-584-4



9 786558 695844